

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

WILSON RODRIGUES DOS REIS

A REFORMA DO REI JOSIAS SOB O VIÉS DA HISTÓRIA DEUTERONOMISTA

São Leopoldo

2023

WILSON RODRIGUES DOS REIS

A REFORMA DO REI JOSIAS SOB O VIÉS DA HISTÓRIA DEUTERONOMISTA

Dissertação de Mestrado
Para a obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de Concentração: Tradições e
Escrituras Sagradas. Linha de Pesquisa:
Estudos de textos e contextos bíblicos.

Pessoa Orientadora: Dr. Ruben Marcelino Bento da Silva

São Leopoldo

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R375r Reis, Wilson Rodrigues dos
A reforma do rei Josias sob o viés da história
deuteronomista / Wilson Rodrigues dos Reis ; orientador
Ruben Marcelino Bento da Silva. – São Leopoldo :
EST/PPG, 2023.
146 p. ; 31 cm

Dissertação (Mestrado) – Faculdades EST. Programa de
Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo,
2023.

1. Josias. 2. Deuteronomista. 3. Nacionalismo 4. Judeus-
História. I. Silva, Ruben Marcelino Bento da, orientador. II.
Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

WILSON RODRIGUES DOS REIS

A REFORMA DO REI JOSIAS SOB O VIÉS DA HISTÓRIA DEUTERONOMISTA

Dissertação de Mestrado
Para a obtenção do grau de Mestre em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de Concentração: Tradições e Escrituras
Sagradas

Data de Aprovação: 31 de março de 2023

PROF. DR. RUBEN MARCELINO BENTO DA SILVA (PRESIDENTE)
Assinado digitalmente

PROF. DR. FLÁVIO SCHMITT (EST)
Assinado digitalmente

PROF. DR. REGINALDO PEREIRA DE MORAES (FABAPAR)
Participação por webconferência

Assinado digitalmente
por
Ruben Marcelino Bento
da Silva
Data: 22/06/2023
13:42:02 -03:00



Assinado digitalmente por
Flávio Schmitt
Data: 23/06/2023
07:11:25 -03:00



À minha esposa Miriã Ferreira da Silva Rodrigues, aos meus filhos Wilson Rodrigues dos Reis Júnior e Davi Rodrigues Frois Calazans. Ao meu incentivador Jairo Calazans da Silva (in memoriam).

AGRADECIMENTOS

À Deus pelo dom da vida e a oportunidade de realizar um sonho de adolescência e juventude. Cursar teologia e fazer o mestrado em uma área bíblica.

Quero agradecer e fazer menção primeiramente ao amigo Fabiano Magella Lucas de Carvalho, prefeito municipal de São Gonçalo do Abaeté-MG, sem ele, possivelmente este sonho teria sido adiado.

À minha esposa Miriã, aos meus filhos Wilson Júnior e Davi Rodrigues pela compreensão da ausência em finais de semana e dias especiais comemorativos em que abriram mão de lazer e eventos para me apoiar enquanto fiquei em casa pesquisando e escrevendo minha dissertação.

Aos meus pais, irmãos, cunhados, sobrinhos, tios e primos que sempre me incentivaram.

À minha sogra Nadir Ferreira da Silva que intercede a Deus sempre por mim.

Aos meus irmãos de fé com os quais congrego e aprendo na ADEAC - Igreja Assembleia de Deus Madureira Campo de Águas Claras – Brasília/DF. De forma especial agradeço ao meu pastor presidente César Cardoso Borges e sua esposa pastora Neide Antônia Silva Borges extensivo a toda a sua família pelo carinho, apoio e confiança em meu ministério.

Aos obreiros e obreiras do Campo ADEAC/DF, companheiros e companheiras que me ensinam cada dia.

Agradeço à deputada federal Greyce Elias, AVANTE/MG, minha chefe com quem trabalho como assessor parlamentar na coordenação política do seu gabinete. A sua vida e a de sua família, especialmente, seu esposo Dr. Pablo César tem me agraciado com bênçãos que só Deus pode retribuir.

À minha colega de trabalho Maria de Fátima Rocha de Figueiredo Caetano, que dividiu comigo as minhas fervorosas discussões sobre as reformas de Josias.

Aos meus colegas do MINTER, pela amizade, carinho e colaboração.

A todos os meus professores do MINTER, que durante todo o período do curso ministraram suas aulas proporcionando conhecimento e criando laços de amizade.

À direção da Faculdade EST, por proporcionar este curso em parceria com a FTBB. Aos meus professores da FTBB, de modo carinhoso ao Dr. Allan Pereira Amorim, diretor da Faculdade Teológica Batista de Brasília e Dr. Hamilton Matheus Moreira Ribeiro, que me incentivaram a cursar o MINTER.

Ao meu orientador professor Dr. Ruben Marcelino Bento da Silva, que se tornou um amigo. Seu jeito simples jorra conhecimento de fonte inesgotável que sai não sei de onde e inunda a mente da gente. Obrigado Dr. Ruben pela paciência comigo e pelas aulas e orientações. Ter sido seu orientando foi um privilégio.

De forma especial, agradeço a minha amiga professora Regina Aparecida da Fonseca Marcolino pela leitura do texto e apontamentos de correção de português. Meus agradecimentos aos professores da Banca de Qualificação e da Banca de Defesa dessa Dissertação: professor Dr. Ruben Marcelino Bento da Silva, professora Dra. Carolina Bezerra de Souza, professor Dr. Flávio Schmitt, professor Dr. Reginaldo Pereira de Moraes.

A todos que torceram por mim.

Meu muito obrigado!

*Ora, ao Rei dos séculos, imortal, invisível,
ao único Deus seja honra e glória para
todo o sempre. Amém.*

I Tm 1,17

RESUMO

A dissertação apresenta uma discussão narrativa sobre a reforma do rei Josias sob o viés da história deuteronomista. Abrangem o período de 31 anos de governo de 640 a.C. quando inicia seu reinado com seus oito anos de idade até sua morte prematura em 609 a.C. por Faraó Neco II do Egito. As reformas religiosas de Josias foram determinadas pela imposição da elite nacionalista rural numa aliança com os homens da corte real, os sacerdotes do templo e os comerciantes. Uma reforma onde sobressaiu o domínio político dos partidários da teologia deuteronomista defendida em favor do nacionalismo, da liberdade política e da purificação do templo de tudo que lembrasse a cultura e o culto sincrético da Assíria opressora. A reforma se deu em várias etapas com purificação do templo, com a derrubada dos altares nos lugares altos em Jerusalém, nas aldeias de Judá e nas cidades do Norte. Também do utópico projeto de unificação do reino de Samaria pertencente à Assíria. Em meio a essas reformas, religiosa e política teve a importante reforma da infraestrutura da alvenaria do edifício do templo. Quando então é encontrado o livro da lei e motivou a intensificação do movimento reformista e culminou com a celebração da Páscoa institucionalizada como uma festa de Estado no décimo oitavo ano de reinado. Josias conseguiu se libertar do jugo enfraquecido da Assíria e intentou unificar parte do reino norte ao reino judaíta. A pregação dos profetas e suas mensagens escritas influenciaram as decisões políticas do jovem rei. Os escritores deuteronomistas foram responsáveis por grande parte do que se escreveu no período do reinado de Josias. Parte dos conteúdos do que se produziu nesse período histórico das reformas foram apropriações de fontes e tradições do reino Norte de Israel que a partir de 722 a.C. os fugitivos ao emigrarem para Judá e Jerusalém levaram consigo. As reformas beneficiaram a elite do templo, da corte e os proprietários de terras, mas acabou por prejudicar muitos camponeses das aldeias e vilas rurais de Judá que não foram alcançadas pelas mudanças propostas nas reformas. Ao destruir os altares de adoração na zona rural perdeu-se o referencial de cultura e fé desse povo, pois muitos deles eram orientados espiritualmente, tinham suas orientações e até ajuda “econômica” vindas desses lugares de culto. Grupos marginalizados e sem participar dos benefícios advindos com a centralização do culto no templo em Jerusalém foram penalizados e sofreram as consequências sociais como em toda e qualquer reforma que se faz.

Palavras-chave: Reformas. Josias. Judá. Nacionalismo. Deuteronomista.

ABSTRACT

The dissertation presents a narrative discussion on King Josiah reform under the bias of deuteronomist history. It covers the period of 31 years of rule from 640 BC. when he begins his reign at the age of eight until his premature death in 609 BC. [perpetrated] by Pharaoh Necho II of Egypt. Josiah's religious reforms were driven by the imposition of the rural nationalist elite in alliance with the royal court men, temple priests, and merchants. A reform where the political dominance of the supporters of the Deuteronomist theology stood out, defended in favor of nationalism, political freedom and the purification of the temple of everything that resembled the culture and syncretic cult of the oppressive Assyria. The reform took place in several stages with purification of the temple, with the overthrow of altars in high places in Jerusalem, in the villages of Judah and in the cities of the North. Also, from the utopian project of unification of the kingdom of Samaria belonging to Assyria. In the midst of these religious and political reforms, there was an important reform of the masonry infrastructure of the temple building, during which the book of the law is found and it motivated the intensification of the reformist movement and culminated with the celebration of Easter institutionalized as a State festival in the eighteenth year of reign. Josiah managed to break free from the weakened Assyrian yoke and tried to unify part of the northern kingdom to the Judean kingdom. The preaching of the prophets, and their written messages influenced the political decisions of the young king. Deuteronomistic writers were responsible for much of what was written in the period of Josiah's reign. Part of the contents of what was produced in this historic period of the reforms were appropriations of sources and traditions of the Northern kingdom of Israel that, from 722 BC, the fugitives, when they emigrated to Judah and Jerusalem, took with them. The reforms benefited the elite of the temple, the court and the landowners, but ultimately harmed many peasants in the rural villages and towns of Judah who were not reached by the changes proposed in the reforms. By destroying the altars of worship in the rural area, the reference of culture and faith of these people was lost, since many of them were spiritually oriented, had their guidance and even "economic" help coming from these places of worship. Marginalized groups who did not participate in the benefits arising from the centralization of worship in the temple in Jerusalem were penalized and suffered the social consequences as with any and all reforms.

Keywords: Reforms. Josiah. Judah. Nationalism. Deuteronomist.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
2 O CONTEXTO POLÍTICO-SOCIAL PRÉ-REFORMA E A HISTÓRIA DEUTERONOMISTA.	21
2.1 A REFORMA RELIGIOSA DO REI JOSIAS: JUDÁ E O NACIONALISMO DO SÉCULO VII A.C.....	22
2.2 A INFLUÊNCIA DO LIVRO DA LEI	25
2.3 O DESENVOLVIMENTO SÓCIO ECONÔMICO NO PERÍODO PRÉ-REFORMA	35
2.4 HISTÓRIA DEUTERONOMISTA	42
2.4.1 Quem eram os Deuteronomistas	44
2.4.2 Historiografia Deuteronomista.....	45
2.4.3 Obra Histórica Deuteronomista.....	46
2.4.4 Fontes literárias da história Deuteronomista.....	48
2.4.5 O Livro da Lei sob a ótica dos deuteronomistas	50
2.4.6 Adições posteriores do Editor deuteronomista.....	53
2.4.7 Aplicação da perícopes do texto deuteronomico	56
2.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
3 O CONTEXTO RELIGIOSO DE JUDÁ NO SÉCULO VII A.C.	59
3.1 PROFETAS CONTEMPORÂNEOS DO REI JOSIAS.....	59
3.1.1 Habacuque.....	61
3.1.2 Jeremias	64
3.1.3 Sofonias	66
3.1.4 Hulda.....	70
3.1.5 Naum	73
3.2 OS INFLUENCIADORES RELIGIOSOS.....	76
3.2.1 Sacerdotes e a Centralização do Culto.....	81
3.2.2 Escribas	85
3.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	88
4 AS DIMENSÕES E OS EFEITOS DA REFORMA ELABORADA POR JOSIAS	91
4.1 A REFORMA E SUAS FASES	92
4.1.1 A Reforma Cultural Religiosa	98
4.1.2 A Reforma Política Nacionalista.....	100
4.1.3 A reforma e seus efeitos nos grupos sociais marginalizados.....	105

4.2 CONSIDERAÇÕES FINAIS	109
5 A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA PÁScoa COMO ELEMENTO RATIFICADOR DA REFORMA: UMA ANÁLISE DE II REIS 23.21-23	111
5.1 A PÁScoa DE JOSIAS.....	112
5.2 TEXTO ORIGINAL HEBRAICO - II REIS 23. 21 – 23.....	115
5.2.1 Tradução Melhorada do Hebraico	115
5.2.2 Tradução Literária	116
5.3 TRADUÇÕES OFICIAIS.....	116
5.3.1 Versão NVI. II Reis 23.21-23	116
5.3.2 Versão TEB. II Reis 23.21-23.....	116
5.3.3 Versão Bíblia de Jerusalém. II Reis 23.21-23	117
5.3.4 Diferenças nas Traduções.....	117
5.3.5 Crítica Textual	119
5.4 CRÍTICA DA REDAÇÃO	120
5.4.1 Esboço de II Reis	121
5.5 CRÍTICA HISTÓRICA.....	123
5.6 CRÍTICA LITERÁRIA	126
5.6.1 A compilação do texto da Perícopé	127
5.6.2 Adições posteriores	129
5.6.3 Análise das formas e Estrutura da narrativa histórica	131
5.6.4 Estrutura do Livro	132
5.6.5 Gêneros literários	133
5.7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	135
6 CONCLUSÃO	137
REFERÊNCIAS.....	141

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa acadêmica que se propôs realizar para a dissertação de mestrado na Faculdade EST, em parceria com a FTBB, discorreu sobre a narrativa bíblica de II Rs 22.1 – 23.30 sobre a reforma do rei Josias sob um viés deuteronomista, com abrangência de um recorte temporal dentro do contexto histórico que vai da coroação com oito anos de idade em 640 a.C., até a sua morte prematura em 609 a.C., por Faraó Neco II do Egito.

O tema é vasto e precisa melhor atenção para aprofundar a discussão. Aqui não se procurou esgotar todas as respostas para o assunto. Mas compreender como a reforma religiosa de Josias foi determinada pela imposição da elite nacionalista e como o denominado “povo da terra”, se libertou do jugo enfraquecido da Assíria e buscou unificar o reino norte ao reino judaíta. Ao mesmo tempo, a pregação dos profetas e seus contemporâneos influenciaram as decisões políticas do jovem rei.

Em que medida a imposição dos líderes religiosos e políticos do Reino Sul influenciou a reforma do rei Josias?

A temática é relevante por se tratar de um assunto que ainda é pouco debatido na academia e nas denominações religiosas sobre o reinado de Josias e suas imbricações no âmbito social de seus súditos. A pesquisa procura identificar dessa forma a abrangência sociocultural e suas consequências religiosas causadas pela amplitude da reforma josiânica. É um assunto que interessa bastante o pesquisador, por isso, a escolha do tema para a pesquisa.

A dissertação está estruturada em quatro capítulos. Diversas fontes literárias foram utilizadas durante a pesquisa para a elaboração desta dissertação, dentre elas artigos científicos de revistas da área de teologia, periódicos, livros de autores nacionais e internacionais e duas fontes dos sítios eletrônicos das revistas abib e abiblica.

No primeiro capítulo é discutido o contexto político-social pré-reforma e a história deuteronomista. O jovem rei, com 8 anos de idade, sofreu influência direta do sumo sacerdote Hilquias, dos nobres da corte e dos camponeses detentores de terras, ávidos por se livrarem dos pesados impostos do império assírio em decadência.

Os proprietários de terras, de acordo com o que se pesquisou, denominados nesta pesquisa de povo da terra, 'am ha' arets, numa aliança política com os líderes do templo e da corte patrocinaram a reforma num sentimento nacionalista de libertação do jugo assírio com vista a reunificação dos dois reinos, Norte Samaritano, província da Assíria, numa integração política centralizada pelo Reino Sul de Judá, sob a liderança de Josias. O povo da terra, proprietários de terras, líderes rurais, os nobres da corte, comerciantes bem-sucedidos e os sacerdotes do templo foram personagens que influenciaram diretamente o jovem Josias.

Discutiu-se, a reforma religiosa do rei Josias: Judá e o nacionalismo do século VII a.C, a influência do Livro da Lei, o desenvolvimento socioeconômico no período pré-reforma, com personagens cada qual a seu modo e a seu tempo, influenciaram o jovem rei em suas decisões durante as etapas da reforma. O século VII a.C., foi um período de prosperidade econômica graças ao comércio regional de Judá com outros povos.

Com o enfraquecimento político e militar da Assíria e a limpeza cultural no templo de Jerusalém, Josias investiu na política de independência nacional e apoiou o projeto literário em que se intensificou a escrita de textos bíblicos e contratos administrativos. Procurou conceituar, mesmo que sem aprofundamento teórico, a história deuteronomista, quem eram os deuteronomistas, a historiografia deuteronomista, a obra histórica deuteronomista, as fontes literárias da história deuteronomista, o Livro da Lei sob a ótica dos deuteronomistas, adições posteriores do editor e a aplicação da perícopes do texto deuteronomista.

A relevância da pesquisa é enorme por dois fatores considerados preponderantes: primeiro, para compreensão do que foi a reforma de Josias e o seu programa teológico de viés deuteronomista; segundo, pela importância que tem para entender a complexidade da história deuteronomista e a aplicabilidade do texto bíblico para a atualidade. Reformar sem arrogância, sem atropelar as minorias incapazes de ter voz suficiente para se defender.

As convenções e a direção das denominações religiosas precisam aprender com a reforma de Josias e as suas implicações sociais. É necessário buscar orientação de Deus para obter o melhor resultado alcançando o maior número de beneficiados, respeitando sempre o outro e suas diversidades.

No segundo capítulo, buscou compreender o contexto religioso de Judá no século VII a.C, sob Josias o XVI rei que governou o Reino do Sul de Judá.

No período da reforma de Josias, o império Assírio, opressor, estava em declínio. Desse modo, Josias não teve preocupação com a servidão política, econômica, religiosa e muito menos militar da Assíria. Esse foi o momento oportuno e decisivo para restaurar o templo, a fé dos súditos e um renovo espiritual em Javé. Consternado pela escritura do Livro da Aliança, o rei buscou intensificar o objetivo maior que era substanciar o projeto nacionalista de liberdade política, tributário e militar em relação à Assíria.

A pesquisa procurou entender a reforma de Josias como um apelo dos profetas contemporâneos do jovem rei. O sentimento nacionalista da elite rural aliada aos homens da corte e aos sacerdotes do templo foi de retomar geograficamente a demarcação territorial dos reinos dos tempos de Davi e Salomão.

A influência da pregação de profetas como Naum, Sofonias, Jeremias, Hulda e Habacuque foram impactantes e contribuíram para as decisões tomadas na realização da reforma. Os sacerdotes e a centralização do culto estiveram na linha de frente do projeto reformador de Josias. Os influenciadores religiosos, escribas e profetas são grupos influentes que tiveram participação direta na efervescente discussão e execução das reformas.

No terceiro capítulo, a abordagem é numa perspectiva de narrativa histórica para contextualizar as dimensões e os efeitos da reforma elaborada por Josias.

Buscou entender o nacionalismo judaíta como um movimento de sentimento religioso e ritualístico buscando compreender a reforma e suas fases. Discutiu sobre a reforma cultural religiosa, a reforma política nacionalista, a reforma e seus efeitos nos grupos sociais marginalizados, que foram o contraponto social das mudanças empreendidas pela reforma de Josias.

No quarto capítulo é apresentada a institucionalização da Páscoa como elemento ratificador da reforma: uma análise de II Reis 23.21-23.

A importância da Páscoa naquele período histórico para Judá representou a confirmação do coroamento da reforma. Sua celebração teve um grande impacto social, religioso e econômico na vida dos judaítas. Foi apresentado o texto original hebraico, a tradução melhorada do hebraico, a tradução literária e as traduções oficiais nas versões NVI, TEB e BJ, e suas diferenças nas traduções. Foram abordadas a crítica textual, a crítica da redação com o esboço do livro de II Reis, a crítica histórica e a crítica literária abordando a compilação do texto da perícopes com as adições posteriores, análise das formas e estrutura da narrativa histórica,

estrutura do livro e gêneros literários, de acordo com a hermenêutica de interpretação do método histórico crítico.

Essa pesquisa tem um relevante interesse social ao estudar e compreender que a Páscoa de Josias foi uma atitude religiosa de alcance político e econômico baseados nos pilares das leis contidas no Deuteronômio encontrado no templo pelo sacerdote Hilquias. Isso acelerou os rituais da reforma, fortalecendo as mãos do povo da terra, proprietários de terras, que aliados aos homens da corte e dos sacerdotes do templo institucionalizaram a Páscoa como um ato público e não mais celebrada pelos clãs internamente com suas famílias, como na passagem do êxodo.

Sua contribuição para os dias atuais é no sentido de compreender a amplitude do significado social que a Páscoa tem para todos aqueles que veem na Torá o Deus único e para aqueles que professam o Judaísmo ou o Cristianismo, o simbolismo religioso e não meramente econômico e legalista.

Em que medida a imposição dos líderes religiosos e políticos do Reino Sul influenciaram a reforma do rei Josias contribuindo para a institucionalização da Páscoa?

Com efeito, celebra a maior e melhor Páscoa já celebrada em Israel, desde a posse da herança das tribos nas terras cananeias. O assunto é relevante por ter sido a Páscoa institucionalizada como um evento de Estado, centralizada, com um simbolismo cultural e religioso representando um favorecimento comercial para a população cidadina de Jerusalém.

Portanto, o que é discorrido a seguir nos quatro capítulos desta dissertação de mestrado acadêmico é uma abordagem que não resume a história da reforma de Josias. Busca provocar que outros pesquisadores e estudiosos se debrucem nessa temática procurando evidenciar aquilo que nesta pesquisa não tenha sido aclarado a contento. Espera-se que este trabalho venha ajudar na soma de esforços, na busca da compreensão de como as instituições religiosas podem tirar lições preciosas para não tomarem o nome de Deus em vão e não praticarem as atrocidades político-religiosas em nome de Javé.

2 O CONTEXTO POLÍTICO-SOCIAL PRÉ-REFORMA E A HISTÓRIA DEUTERONOMISTA.

A narrativa bíblica da reforma do rei Josias abrange o contexto histórico que vai da sua coroação com oito anos de idade em 640 a.C até a sua morte prematura em 609 a.C por Faraó Neco II do Egito. Pretende-se fazer uma narrativa histórica do texto narrativo de II Reis 22.1 – 23.30 utilizando-se do método histórico crítico para analisar a influência que o rei Josias, um dos reformistas da história “deuteronomista” sofreu durante o seu reinado.

Este capítulo discorre sob a perspectiva de narrativa histórica a contextualização dos responsáveis pela reforma do rei Josias. Historicamente ocorrida no século VII a.C., em Judá o reino Sul contou com a participação de vários personagens históricos, políticos e sociais que contribuíram decisivamente para a realização das reformas religiosa, política e estrutural do edifício do templo de Jerusalém.

Aqui, propôs-se a conceituar sem aprofundamento teórico a história deuteronomista, quem eram os deuteronomistas, a historiografia deuteronomista e a obra histórica deuteronomista. A proximidade da forma e do conteúdo literário dos textos bíblicos dos livros de Josué, Juízes, I e II Samuel, I e II Reis, com o livro de Deuteronômio levou os teóricos e estudiosos da Bíblia Hebraica a considerar como deuteronomista o conjunto de escritos bíblicos de Josué a Reis. Considera-se dessa forma o livro encontrado no templo em 622 a.C. como sendo parte do livro canônico de Deuteronômio.

O capítulo é subdividido em quatro momentos importantes: Num primeiro momento, o texto trata da reforma religiosa do rei Josias: Judá e o Nacionalismo do século VII a.C. numa perspectiva deuteronomista de compreensão do contexto histórico, religioso e político do reinado de Josias sob a vassalagem do império assírio em declínio. Num segundo momento demonstra a influência do Livro da Lei com a “inauguração” de um segundo passo da reforma intensificada pelo movimento reformista.

Num terceiro momento, procura mostrar que o desenvolvimento sócio econômico no período pré-reforma é realização dos proprietários de terras, definição de “povo da terra” que, apesar de não reunir consenso entre os teóricos

pesquisados, no entanto, é possível concordar com a maioria de que são, de fato, os proprietários de terras aliados do partido político da corte e dos sacerdotes do templo de Jerusalém. E no quarto momento aborda a História Deuteronomista como uma reforma político-religiosa de Josias sob o aspecto da visão deuteronomista que procura apresentar Josias como o rei davídico capaz de reunir os dois reinos Norte e Sul numa centralidade da adoração no templo.

2.1 A REFORMA RELIGIOSA DO REI JOSIAS: JUDÁ E O NACIONALISMO DO SÉCULO VII A.C¹

O príncipe herdeiro tinha apenas 8 anos de idade², no entanto, o poder político nacionalista vigente, elitista, agrarista, poderosos detentores de uma mão de obra útil e servil, com altos lucros e pagadores de impostos ao reino, dava-se ao luxo de impor suas vontades em troca dos favores palacianos.

Percebe-se que no texto narrativo do período histórico abordado, esses “poderosos” da terra detinham e faziam valer o poder que lhes era assegurado. Com o assassinato do rei Amom, conforme descrito em II Reis 21.24 o povo da terra (‘am ha’arets) castigaram e feriram os assassinos do soberano. Percebe-se que o poder jurídico também estava em suas mãos para julgar. No mesmo versículo 24 de II Reis o autor do livro de Reis descreve que esse mesmo povo da terra coroou e entronizou o menino Josias como rei de Judá.

O Reino Sul, Judá, vinha de um reinado sólido de Manassés avô de Josias, que reinara 55 anos em Jerusalém³, subserviente aos assírios, como um vassalo leal, pagador de impostos⁴.

É nesse contexto conturbado da monarquia do Reino Sul que Josias com a idade de 8 anos assume o trono de Judá em lugar de seu pai Amom, que foi um “mau rei” de acordo com a narrativa deuteronomista dos editores de II Reis 21.19-

¹ Este capítulo faz parte da monografia 1 postada no AVA do PPG/EST elaborada a partir das pesquisas e apresentado ao mestrado na EST/FTBB 2021/2022. Orientação do professor Dr. Ruben Marcelino Bento da Silva. Trata-se de adaptação de um artigo apresentado à disciplina de Exegese.

² BÍBLIA SAGRADA. **Antigo e Novo Testamento**. Almeida revista e corrigida. 4ª. edição. Barueri/SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2014. II Rs 22.1.

³ LASOR, William Sanford; HUBBARD, David A; BUSH, Frederic W. **Introdução ao Antigo Testamento**. Tradução Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 2002. p. 233.

⁴ ROMER, Thomas. **A Origem de Javé. O Deus de Israel e seu nome**. São Paulo: Pulus, 2016.p. 185.

26. “[...] Amom foi vítima de uma revolta palaciana; em consequência disso, a aristocracia rural judaíta deu a coroa real a Josias, que tinha oito anos de idade (II Rs 21:23s).”⁵

Nem todos os reis judaítas foram maus; a história deuteronomista (1 e 2 Reis) vai indicar outro motivo por que os reis são condenados: fizeram o mal aos olhos do Senhor. Josias, especialmente, é considerado na avaliação dos autores bíblicos como um dos mais importantes reis de Judá em face de sua reforma religiosa.

Tanto Reis quanto Crônicas apresentam Josias como alguém que, da perspectiva de seus autores, buscou uma forma pura de yahwismo – um yahwismo em conformidade com a Lei de Moisés contida no Pentateuco (ou, mais especificamente, no caso de Reis e talvez também de Crônicas, contida em Deuterônomo).⁶

Os elogios acumulados pelos escritores deuteronomistas sobre o rei Josias superam até mesmo o rei Salomão⁷, tal é a expressão de que não houve rei semelhante nem antes e nem depois de Josias. “Ele é tão elogiado que para muitos se afigura como o verdadeiro clímax de uma narrativa que viu nele a realização da promessa davídica.”⁸

A tenra idade do rei Josias, apenas oito anos de idade quando assumiu o trono, não impediu que ele, incentivados por piedosos sacerdotes e profetas como Jeremias, Sofonias e Hulda⁹ buscasse ao Senhor com integridade e inteireza de coração. Oito anos de reinado foram suficientes para que ele iniciasse intensamente sua busca pelo Senhor Deus aos seus dezesseis anos de idade.

De acordo com Lasor et. al. foram três os eventos essenciais que marcaram a reforma de fé do rei Josias. 1) A morte do rei assírio Assurbanipal no ano de 626 a.C; 2) a vitória de Nabopolassar rei da Babilônia sobre o exército assírio; 3) a

⁵ DONNER, Herbert. **História de Israel e dos povos vizinhos**. Tradução de Claudio Molz e Hans Trein. – 7. Ed. São Leopoldo: Sinodal, 2017. p. 388.

⁶ PROVAN, Iain. LONG, V. Philips. LONGMAN III, Tremper. **Uma história bíblica de Israel**. Tradução de Marcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 2016. P. 425.

⁷ MCCONVILLE, J.G. Rei e Messias no Deuterônomo e na história deuteronomista. In.: **Rei e Messias em Israel e no Antigo Oriente Próximo: dissertações do Seminário Veterotestamentário de Oxford**. John Day (org.); tradução Barbara Theoto Lambert. São Paulo: Paulinas, 2005. P. 301. (coleção Bíblia e história. Série Maior).

⁸ MCCONVILLE, 2005, P. 282.

⁹ ELLISEN, Stanley A. **Conheça melhor o Antigo Testamento: um guia com esboço e gráficos explicativos dos primeiros 39 livros da Bíblia**. Tradução Emma Anders de Souza Lima. 2. Ed. Ver. e atual. São Paulo: Editora Vida, 2007. p. 133.

descoberta do livro da lei pelos trabalhadores na reparação das “fendas” do templo em 621 a.C. conforme II Rs 22.2-20¹⁰.

Mas a lei o inspirou a patrocinar medidas ainda mais radicais. Liderou pessoalmente uma cerimônia impressionante que renovava a aliança de Israel com Javé (23.1-3). [...] Em toda a terra, depôs sacerdotes idólatras e profanou santuários pagãos. A profanação significava que já não poderiam ser usados. Purificou o templo de utensílios pagãos e presidiu a primeira celebração da Páscoa depois de mais de 400 anos (23:21-23)¹¹.

Deste modo, “o reinado de Josias coincidiu com o declínio e a morte do império assírio. Josias conseguiu promover o programa de purificação e expansão nacionais que Ezequias iniciara experimentalmente”¹². O sentimento nacionalista de reforma política, e a necessidade da busca religiosa por uma reforma do culto já estavam presentes na corte palaciana de Josias. Os influenciadores de Josias se utilizavam da tradição oral, com conteúdo da Torá, especialmente, de textos do livro do Deuteronômio para com a sua persuasão oral, convencer o jovem rei com suas prédicas religiosas e palacianas.

Reis e Crônicas mencionam uma corte central do Estado em Jerusalém, o único texto “legal” que menciona uma instituição similar é o Código Deuteronômico, portanto, a lei deuteronômica serviu de fundamento para a criação da corte central, e a existência da corte central na historiografia israelita comprova que a lei deuteronômica a ela se referia.¹³

Com efeito, é compreensível que: “O relato das reformas de Josias, que hoje se acham em Reis, carrega marca do deuteronomista, que construiu a narrativa de tal forma a focalizar a atenção sobre Josias, o governante deuteronomista ideal.”¹⁴

É provável que a parte principal de HD fosse composta como obra de propaganda em favor da reforma, por Josias, do culto e do seu programa político, no intuito de restaurar o império de Davi depois do repentino declínio da Assíria e a retirada do Israel do norte¹⁵.

¹⁰ LASOR, William Sanford; HUBBARD, David A; BUSH, Frederic W. **Introdução ao Antigo Testamento**. Tradução Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 2002. p. 234.

¹¹ LASOR, HUBBARD, BUSH, 2002, p. 235. Os textos referem-se a II Rs 23.1-3; e II Rs 23. 21-23;

¹² GOTTWALD, Norman K. **Introdução Societária à Bíblia Hebraica**. Tradução Anacleto Alvarez; revisão H. Dalbosco. São Paulo: Paulus, 1998. p. 350.

¹³ ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. História Social da Reforma de Josias: breve análise de interpretações contemporâneas. **Teologia Hoje** (Londrina), Londrina, v.2, n.1, 2004.

¹⁴ WILSON, Robert R. **Profecia e Sociedade no Antigo Israel**. Tradução João Rezende Costa. Revisão de tradução Reginaldo Gomes de Araújo. – 2ª. Ed. Ver. – São Paulo: Targumim: Paulus, 2006. p. 262.

¹⁵ GOTTWALD, Norman K. **Introdução Societária à Bíblia Hebraica**. Tradução Anacleto Alvarez; revisão H. Dalbosco. São Paulo: Paulus, 1998. p. 286.

MCConville no entanto, ao se referir a lei do rei descrita em Deuteronômio 17.14-20, trata da limitação dos poderes do rei sob a Torá, nesse aspecto: “Sou de opinião que o conceito é antigo em Israel, pois é improvável ter sido inventado tanto para o programa mais régio de Josias como pela sabedoria exílica depois do evento.”¹⁶

O texto bíblico do cronista informa que Josias iniciou sua busca por Javé aos 16 anos de idade, no oitavo ano de seu governo, portanto, antes que o Livro da Lei fosse encontrado no templo¹⁷.

A narrativa do cronista diz que quatro anos depois do início da busca por Deus, Josias no seu décimo segundo ano de reinado, aproveitando-se da oportunidade do enfraquecimento administrativo e militar do império assírio e da morte do rei Assurbanipal empreende sua expansão ao norte de Israel¹⁸.

Já alcançada a sua maioridade, com 20 anos, dá início as reformas com a purificação dos altos e dos altares dos bosques.

2.2 A INFLUÊNCIA DO LIVRO DA LEI

O fervor espiritual das reformas já se encontrava nos pátios e nos círculos palacianos da corte¹⁹. A descoberta do livro da lei em 622 a.C, não motivou a reforma, pois, a informação do cronista dá conta que já havia um movimento reformista na corte palaciana há pelo menos seis anos desde o décimo segundo ano de reinado em 628 a.C..

A documentação bíblica sugere, pois, que vários indivíduos que tinham conexões deuteronomistas eram membros da corte real nos tempos de Josias. Pelo menos uma destas figuras era profeta, e uma pode ter sido sacerdote levítico. Se eles passaram a pertencer à instituição central quando Josias começou a sua reforma, talvez tenham sido responsáveis

¹⁶ MCCONVILLE, J.G. Rei e Messias no Deuteronômio e na história deuteronomista. In.: **Rei e Messias em Israel e no Antigo Oriente Próximo: dissertações do Seminário Veterotestamentário de Oxford**. John Day (org.); tradução Barbara Theoto Lambert. São Paulo: Paulinas, 2005. P. 303. (coleção Bíblia e história. Série Maior).

¹⁷ PROVAN, Iain. LONG, V. Philips. LONGMAN III, Tremper. **Uma história bíblica de Israel**. Tradução de Marcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 2016. P. 425.

¹⁸ PROVAN, 2016, P. 426.

¹⁹ Vale notar que no caso do rei Joás de Judá, há algo semelhante. A influência do sumo sacerdote Joiada foi decisiva na sua entronização, educação, e na condução da administração real. Vide 2Rs 11.4 – 12.21.

pela “descoberta” do livro da lei, que fez reviver velhas tradições efraimitas e estimulou a continuação das reformas que Josias já começara.²⁰

Muito se discute sobre quem de fato escreveu o texto do Livro da Lei encontrado no templo na época de Josias. Não há uma concordância entre os teóricos. Jorge Pixley entende que quem escreveu o Deuteronômio, que aqui é denominado de Livro da Lei, foram os refugiados do Reino Norte após a queda de Samaria em 722 a.C.; uma concessão “amarga” já que os dois reinos Norte e Sul vinham de inimizades desde os tempos do rei Acáz, em face da guerra siro-efraimita.²¹

Os israelitas do Reino Norte entendiam que as reformas que o livro da aliança exigia, apenas um rei como Josias poderia implementá-las. “Os refugiados que o escreveram viram com realismo a necessidade de dar a Jerusalém e seu templo o monopólio para vir a ser o centro em torno ao qual se uniria a nação”²². Os escritos que dão origem à História Deuteronomista são organizados desde o reinado de Ezequias, com ênfase no reinado de Josias. Houve uma dedicação intensa na literatura de textos sagrados e oficiais nesse período histórico.

Como resultado da independência política e da prosperidade crescente, desenvolve-se também nestes anos uma intensa atividade literária: redige-se grande parte do Deuteronômio e, segundo uma teoria bastante em voga, aparece a primeira redação da História Deuteronomista.²³

²⁰ WILSON, Robert R. **Profecia e Sociedade no Antigo Israel**. Tradução João Rezende Costa. Revisão de tradução Reginaldo Gomes de Araújo. – 2ª. Ed. Ver. – São Paulo: Targumim: Paulus, 2006. pp. 265, 266.

²¹ BÍBLIA SAGRADA. **Antigo e Novo Testamento**. Almeida revista e corrigida. 4ª. edição. Barueri/SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2014. No ano 734 a.c a narrativa de II Rs 16.5 – 9 os reis, de Israel Peca e da Síria Rezim quiseram fazer guerra contra Acáz por este não se aliar a eles para uma rebelião política contra o Rei da Assíria. Mais que depressa, reconhecendo o poderio militar da Assíria, “E Acáz enviou mensageiros a Tiglate-Pileser, rei da Assíria, dizendo: Eu sou teu servo e teu filho; sobe e livra-me das mãos do rei da Síria e das mãos do rei de Israel, que se levantam contra mim” v.7. A Assíria subjugou-os matou o rei da Síria e Israel passou servir os assírios com pesados tributos. Para Abba Eban foram 120 anos de luta pela sobrevivência nacional, primeiro contra o poderio da Assíria e, depois sob Egito e Babilônia. Veja EBAN, Abba. **A História do Povo de Israel**. Tradução de Alexandre Lissovsky. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1982. P. 46. Veja ainda SCHOKEL, L. Alonso. DIAS, J.L. Sicre. **Profetas II**. São Paulo: Edições Paulinas, 1991. P. 1147.

²² PIXLEY, Jorge. **A História de Israel a partir dos pobres**. Tradução Ramiro Mincato. 3ª. Edição. Petrópolis: Vozes, 1991.p.74.

²³ SICRE, José Luís. **Profetismo em Israel: o profeta: os profetas: a mensagem**. Tradução João Luís Baraúna. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.p.282.

A defesa que se faz neste trabalho é de que o deuteronomio tenha sido escrito antes²⁴ da reforma de Josias, especialmente, os capítulos 12-26 e que concomitantemente, os autores da História Deuteronomista já editavam os textos antigos e também produziam literatura de seu tempo para justificar as reformas religiosa e política do rei Josias. José Ademar Kaefer defende que o livro da lei tenha sua origem escrita no período da reforma de Ezequias.

Como suas reformas política e religiosa fracassaram, o livro é então escondido no templo de Jerusalém. Ele defende ainda, que alguns escribas e sacerdotes dissidentes durante o longo reinado de Manassés teriam participado dessa redação. “No tempo do rei Josias, o livro é retomado e ampliado para fundamentar suas conquistas, chegando perto da forma final do que hoje é o livro do Deuteronomio.”²⁵

Kaefer corrobora com a linha de defesa dessa dissertação de que houve um desenvolvimento da escrita nesse período histórico do reino de Judá no final do século VII. “A arqueologia tem comprovado que nesse período a escrita se desenvolve amplamente em Judá – praticamente ela começa nesse período”²⁶.

José Luís Sicre afirma que apesar de não ter comprovação escrita, defende que o senso comum e a arqueologia sugerem que os israelitas do Norte, ao migrarem para Jerusalém fugitivos da assolação assíria que “destruiu” Samaria e as cidades do Norte em 722 a.C., ao procurar abrigo em Jerusalém e nas cidades de Judá levaram consigo muito material oficial da corte²⁷ e também do templo de Betel.²⁸

Sicre defende até que a redação final do livro de Oseias tenha sido de origem judaíta.²⁹ Para ele, os escribas e sacerdotes do reino irmão do Sul apropriaram-se dessas tradições e documentos e podem ter assimilado o texto final da redação tanto do Deuteronomio quanto dos textos deuteronomistas.

²⁴ ROMER, Thomas. **A chamada História Deuteronomista: introdução sociológica, histórica e literária**. Tradução de Gentil Avelino Tilton. Petrópolis/RJ, Vozes, 2008. P. 33. Apresenta a tese discordante de Martin Noth onde “resumindo: A História Deuteronomista, que inclui os livros de Deuteronomio até Reis, foi escrita, de acordo com Noth, durante a ocupação neobabilônica de Judá, por volta de 560 a.c”.

²⁵ KAEFER, José Ademar. **A Bíblia, a arqueologia e a história e a história de Israel e Judá**. São Paulo: Paulus, 2015.p. 105.

²⁶ KAEFER, 2015, P. 105.

²⁷ SICRE, José Luis. **A justiça social nos profetas**. São Paulo: Edições Paulinas, 1990. P. 259.

²⁸ KAEFER, José Ademar. **A Bíblia, a arqueologia e a história e a história de Israel e Judá**. São Paulo: Paulus, 2015.p. 106.

²⁹ SICRE, José Luis. **A justiça social nos profetas**. São Paulo: Edições Paulinas, 1990. P. 259.

O “Código Mosaico” nas palavras de Abba Eban que suspeita ter sido o Livro do Deuteronômio preparado por reformadores da época de Ezequias, que perseguidos pelo rei Manassés podem ter escondido o livro para não serem mortos. Manassés não só permitiu como ele próprio cultuou no templo de Jerusalém a deusa Ashtar, tornando isso mal aos olhos do Senhor.³⁰

É bem provável que os primeiros autores da Obra Deuteronomista tenham se inspirado em escritos de Israel Norte, que devem ter sido trazidos pelos escribas e sacerdotes que migraram para Jerusalém depois da queda da Samaria.³¹

“Esse código, contendo as ordenações sociais e morais de Moisés, apresenta muitos indícios de haver sido redigido após a queda de Samaria.”³² Há muitas semelhanças no estilo e forma do texto do livro do Deuteronômio com os tratados assírios que eram firmados entre o soberano e seus vassalos.

A forma dos tratados assírios basicamente se resume no seguinte: se o vassalo cumprir as normas estabelecidas pelo imperador, será abençoado, senão, será amaldiçoado e destruído. Nessa mesma forma de bênção e maldição está organizado o livro do Deuteronômio: se o povo seguir os preceitos de Javé, será abençoado. Caso contrário, será amaldiçoado e destruído, ou se autodestruirá (Dt 28).³³

É natural a influência de palavras e conceitos de um povo dominador sobre o dominado. Apropriações culturais foram absorvidas, incrementadas num sincretismo cultural-religioso da vida cortesã dos judaítas. Ressalta-se que essa literatura deve se tanto aos escribas do Israel do Norte quanto aos escribas do Sul de Judá.

Considerando a hipótese de que houve uma cooperação literária na redação do texto do Deuteronômio e dos textos deuteronomistas; para Kaefer: [...] “os escribas do reinado de Josias começam a elaborar uma obra historiográfica que fundamentasse uma identidade histórica ao povo de Judá e que amparasse as conquistas do seu rei.”³⁴

³⁰ EBAN, Abba. **A História do Povo de Israel**. Tradção de Alexandre Lissovsky. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1982. P. 46.

³¹ KAEFER, José Ademar. **A Bíblia, a arqueologia e a história e a história de Israel e Judá**. São Paulo: Paulus, 2015.p. 105

³² EBAN, Abba. **A História do Povo de Israel**. Tradção de Alexandre Lissovsky. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1982. P.47.

³³ KAEFER, José Ademar. **A Bíblia, a arqueologia e a história e a história de Israel e Judá**. São Paulo: Paulus, 2015.p. 105.

³⁴ KAEFER, 2015, P. 105.

Há evidências de que os deuteronomistas vislumbravam um momento oportuno e ideal para colocar em prática a sua teologia aplicando as leis descritas no Livro da Lei descoberto no templo por Hilquias entregue a Safã. Praticamente uma obra de propaganda da reforma de Josias. “[...] Frank Moore Cross defendeu, num artigo de 1968, que a primeira edição da História Deuteronomista devia ser situada no reinado de Josias”.³⁵

Os escribas, por deter o conhecimento da escrita, tinham certa independência do rei e em alguns casos específicos como o narrado em II Rs 22.8.10 em relação ao influente escrivão Safã, que é enviado ao templo com a função administrativa, recebe a informação do sumo sacerdote de que havia achado o Livro da Lei.

O texto bíblico no v. 8 “[...] E Hilquias deu o livro a Safã e ele o leu” de imediato. Safã não era apenas o escrivão real da confiança do rei, era um escriba instruído e alto funcionário real influente. O que ele faz? Imediatamente vai falar com o rei. A narrativa do v. 10 diz: “Também Safã, o escrivão, fez saber ao rei dizendo: O sacerdote Hilquias me deu um livro. E safã o leu diante do rei.”³⁶

O texto bíblico demonstra pelo menos três leituras do Livro da Lei por Safã: a primeira vez, diante de Hilquias; numa segunda vez, e ao que tudo indica, no mesmo dia na presença do rei Josias; na terceira, quando enviado pelo rei juntamente com os nobres da corte à profetisa Hulda, para consultá-la sobre o que estava escrito no livro. Havia muito poucas pessoas instruídas nesse período histórico da narrativa das reformas de Josias.

Em grandes impérios como no Egito e na Mesopotâmia (Assíria e Babilônia) não excedia a um por cento de altos funcionários ³⁷ que detinham conhecimento intelectual e literário para escrever rolos considerados densos em volume numa linguagem culta, oficial. Thomas Romer não concorda que havia uma escola deuteronomista como uma instituição educativa, mas acredita que:

[...] se denotar um (pequeno) grupo de autores, redatores ou compiladores que compartilham a mesma ideologia e as mesmas técnicas retóricas e

³⁵ ROMER, Thomas. **A chamada História Deuteronomista: introdução sociológica, histórica e literária**. Tradução de Gentil Avelino Titton. Petrópolis/RJ, Vozes, 2008. P. 35.

³⁶ BÍBLIA SAGRADA. **Antigo e Novo Testamento**. Almeida revista e corrigida. 4ª.edição. Barueri/SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2014. II Rs 22. 8,10.

³⁷ ROMER, Thomas. **A chamada História Deuteronomista: introdução sociológica, histórica e literária**. Tradução de Gentil Avelino Titton. Petrópolis/RJ, Vozes, 2008. P. 52.

estilísticas, poderíamos falar de uma “escola deuteronomista” (assim como se fala também de uma escola de artistas ou de filósofos).³⁸

Com o desenvolvimento da escrita literária, especialmente, a partir de Ezequias, é compreensível que a literatura deuteronomista incorporou leis, códigos, narrativas antigas dos anais do palácio e do templo à sua teologia deuteronomica.

“Portanto, a solução mais plausível continua sendo situar as origens da escola deuteronomista sob Josias; isto concorda também com a autocompreensão deuteronomista expressa em 2 Rs 22 – 23”³⁹. Os partidos ou grupos sociais são destacados nesse período de Josias sob uma orientação sionista e nacionalista.

Se as origens da atividade literária da escola deuteronomista devem ser situadas neste contexto sócio-histórico, a obra deuteronomista visava em primeiro lugar apoiar e incentivar a política nacionalista e expansionista do “partido sionista” em Jerusalém; sendo assim, era simplesmente obra de *propaganda* literária. Os primeiros rolos deuteronomistas não precisavam necessariamente ter a consistência temática e cronológica da HD completa publicada posteriormente no exílio. Não se deveria, portanto, pensar numa obra literária *unificada* sob Josias, mas antes numa coleção de diferentes documentos (rolos) que expressavam as preocupações do partido nacionalista, que podem ter sido reunidos numa espécie de biblioteca.⁴⁰

A existência desses documentos deuteronomistas nesse período do século VII não implica dizer que eles já existissem catalogados, numa sequência cronológica em rolos previamente definidos. “Os escribas de Jerusalém não só se inspiraram nesses escritos, mas organizaram a história de Judá incorporando a literatura e a história dos vizinhos do norte”.⁴¹

Discute-se muito sobre a origem do Livro da Lei. Veio de Samaria ou Betel com os migrantes irmãos do reino Norte ou é uma redação genuinamente sulista dos escribas de Judá? Vários teóricos defendem ser originário do Reino Norte de Israel e levado para Jerusalém pela elite do culto após a queda de Samaria em 722 a.C. Os dois reinos tanto Israel quanto Judá tinham em comum um objetivo, se livrar da opressão política, religiosa e militar da Assíria.

No caso de Israel uma intolerável convivência com outros povos trazidos pelo rei Sargão como descrito na narrativa de II Rs 17. 24: “E o rei da Assíria trouxe gente de Babel, e de Cuta, e de Ava, e de Hamate, e de Sefarvaim e a fez habitar

³⁸ ROMER, 2008, P. 53.

³⁹ ROMER, 2008, P. 73.

⁴⁰ ROMER, 2008, P. 75.

⁴¹ KAEFER, José Ademar. **A Bíblia, a arqueologia e a história e a história de Israel e Judá**. São Paulo: Paulus, 2015.p. 106.

nas cidades de Samaria, em lugar dos filhos de Israel; e tomaram a Samaria em herança e habitaram nas suas cidades”⁴². Samaria passou a ser província Assíria e não se recuperou mais politicamente.

Os migrantes que conseguiram escapar do cativeiro assírio deixaram o Reino Norte vindo de Samaria para as cidades de Judá. Muitos da nobreza como escribas, levitas e sacerdotes, acrescidos de ricos proprietários de terras e comerciantes. Essa migração se deu durante e depois do cerco a Samaria.

Georg Fohrer defende a originalidade do Livro da Lei no reino do Norte antes da queda de Samaria, possivelmente na segunda metade de século VIII, durante o reinado de Jeroboão II.

Depois da queda de Israel, foi levado para Jerusalém, juntamente com outra literatura de Israel, onde foi submetido a uma revisão inicial já no tempo de Ezequias ou da parte da oposição ao movimento da reforma, durante o reinado de Manassés.⁴³

Quanto à “descoberta” do Livro da Lei no templo em Jerusalém, Fohrer supõe de fato ter acontecido. Baseia-se na narrativa de I Sm 10.25 “E declarou Samuel ao povo o direito do reino, e escreveu-o num livro, e pô-lo perante o Senhor. Então, enviou Samuel a todo o povo, cada um para sua casa”.⁴⁴

Este livro a que se refere o texto de I Samuel pode ser parte do texto compreendido no Livro da Lei encontrado no templo de Jerusalém após ter sido revisado, complementado e editado ao propósito da reforma josiânica, tornando parte do Deuteronômio. “A reforma era, por um lado, uma revolução antiassíria e, por outro, uma revolução conservadora com tendências nacionalistas, cultuais e legalistas”⁴⁵.

No quadro a seguir a concordância entre o relato da reforma Josiânica com o Deuteronômio:

⁴² BÍBLIA SAGRADA. **Antigo e Novo Testamento**. Almeida revista e corrigida. 4ª. Edição. Barueri/SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2014.

⁴³ FOHRER, Georg. **A História da Religião de Israel**. São Paulo: Edições Paulinas, 1983. P. 362.

⁴⁴ BÍBLIA SAGRADA. **Antigo e Novo Testamento**. Almeida revista e corrigida. 4ª. Edição. Barueri/SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2014.

⁴⁵ FOHRER, Georg. **A História da Religião de Israel**. São Paulo: Edições Paulinas, 1983. P. 360.

Concordância do relato da Reforma com o Deuteronômio⁴⁶

Texto Temático	Texto da Reforma Josiânica – Reis	Texto do Deuteronômio – Dt
Centralização do culto	2 Rs 23, 8-9.19	Dt 12, 13ss
Abolição do culto astral	23,11-12	17,3
Remoção dos prostítuos do culto	23,7	23,18
Extirpação dos necromantes	23,24	18,11ss
Proibição do sacrifício de crianças	23,10	18,10
Celebração da Páscoa no Templo	23,21-23	16,1ss

“Os paralelos específicos e diretos entre o conteúdo do Deuteronômio e as ideias enunciadas no relato bíblico da reforma de Josias sugerem que ambos partilhavam a mesma ideologia”.⁴⁷

A alfabetização no período da reforma propiciou que os escribas deuteronomistas do Sul aliados aos escribas do Norte convergissem suas teologias a contemplar as ações reformistas que se preparavam em Jerusalém.

Sob a orientação do sumo sacerdote Hilquias, dos sacerdotes e levitas instruídos e de uma minúscula parcela de proprietários de terras bem articulados politicamente, partidários nacionalistas da ideia da libertação do jugo assírio.

Tanto no campo político quanto religioso se dá a combinação perfeita para a divulgação da “propaganda” das reformas religiosa e política.

O próprio fato de um código de lei escrita aparecer de repente nessa época combina muito bem com o registro arqueológico da difusão da alfabetização em Judá. Embora o profeta Oseias e o rei Ezequias estejam associados às ideias similares do Deuteronômio, o registro do aparecimento de um texto escrito definitivo e da sua leitura pública pelo rei combina com a evidência da repentina difusão da alfabetização no reino de Judá do século VII. A descoberta de centenas de sinetes individuais e de impressões de selos, inscritas em hebraico dessa era, atesta o amplo uso da escrita e de documentos escritos. Como mencionamos, essa evidência de que se refere à difusão da alfabetização é uma indicação valiosa de que, nesse período, Judá havia atingido o nível de Estado completamente desenvolvido. Antes disso, não teria, com certeza, capacidade para produzir extensos textos bíblicos.⁴⁸

Para Finkelstein e Silberman, no século VII, já havia em Judá público para essas obras. Administrativamente bem resolvido, um Estado altamente centralizado com uma burocracia e um funcionalismo de governo minimamente instruído conseguia difundir a alfabetização da capital do reino para o interior alcançando pequenas cidades e vilas na zona rural.

⁴⁶ FOHRER, 1983, P. 361.

⁴⁷ FINKELSTEIN, Israel. SILBERMAN, Neil Asher. **A Bíblia não tinha razão**. Tradução Tuca Magalhães. São Paulo: A Girafa Editora, 2003. Pp. 376-377.

⁴⁸ FINKELSTEIN, SILBERMAN, 2003, P. 377.

“A escrita se juntou à pregação, como uma mídia para estimular um conjunto de ideias políticas, religiosas e sociais absolutamente revolucionárias”.⁴⁹ Há uma informação relevante trazida à luz da narrativa do período josiânico que precisa ser ressaltado em relação à classe social menos favorecida, tanto urbana quanto rural.

De acordo com Finkelstein e Silberman o programa de reforma de Josias previa uma política social para alcançar os pobres da capital Jerusalém e dos vilarejos e aldeias por todo o reino de Judá. E isso não se fez sem oposição; especialmente os escribas do período de Manassés e Amom.

No tempo de Josias eles encontram um campo fértil de trabalho e dedicam a edição dos textos antigos e à produção de uma nova composição textual que atendesse ao programa da reforma josiânica, com ênfase na educação em crescente desenvolvimento e na área social.

Nessa conexão, é importante observar que o livro do Deuteronômio contém leis éticas e preparativos para o bem-estar social que não encontram paralelo em nenhum outro lugar da Bíblia. O Deuteronômio invoca a proteção do indivíduo, a defesa do que hoje chamaríamos direitos humanos e dignidade humana; suas leis oferecem preocupação sem precedente com o fraco e com o desamparado na sociedade judaica.⁵⁰

No texto bíblico do livro de Deuteronômio 15. 7 - 8, em sintonia com o que a reforma josiânica pregava no tempo de Josias em relação a essa classe considerada desassistida:

Quando entre ti houver algum pobre de teus irmãos, em alguma das tuas portas, na tua terra que o Senhor, teu Deus, te dá, não endurecerás o teu coração, nem fecharás a tua mão a teu irmão que for pobre; antes, lhe abrirás de todo a tua mão e livremente lhe emprestarás o que lhe falta, quanto baste para a sua necessidade.⁵¹

O pobre estava inserido no programa da reforma, bem como a sua assistência por parte de quem tinha condições em ajudar. Sabe-se que isso não é o que na prática aconteceu.

Ao ler as narrativas de Sofonias e Jeremias, contemporâneos de Josias e participantes ativos da reforma. Percebe-se uma pregação contundente e incisiva contra os ricos e poderosos da corte.

⁴⁹ FINKELSTEIN, SILBERMAN, 2003, P. 382.

⁵⁰ FINKELSTEIN, SILBERMAN, 2002, P. 383.

⁵¹ BÍBLIA SAGRADA. **Antigo e Novo Testamento**. Almeida revista e corrigida. 4ª. Edição. Barueri/SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2014.

De igual modo, órfãos e viúvas também foram lembrados pelo texto do Deuteronômio 24.17-18: “Não perverterás o direito do estrangeiro e do órfão; nem tomarás em penhor a roupa da viúva. Mas lembrar-te-ás de que foste servo no Egito e de que o Senhor te livrou dali; pelo que te ordeno que faças isso”.⁵²

O conteúdo do livro foi um impulso espiritual na vida do rei Josias e de sua corte. MConville, ao utilizar a expressão cunhada por Lohfink sobre o “sistema de governo” denominado de “distribuição das funções de poder”, entende que “No contexto dessa distribuição de poderes, o rei ocupa uma posição considerada menos influente que a do sacerdote ou a do profeta.”⁵³

A liderança política e religiosa do rei o levou a consultar a profetisa Hulda não apenas sobre o conteúdo do livro, mas sobre os juízos e ameaças sobre Judá e Jerusalém.⁵⁴

Como um princípio de unidade e ação, ele conclamou a nação a retornar ao antigo pacto e a aceitar publicamente suas obrigações, as quais iriam torná-lo povo exclusivo de Deus e reafirmar a aliança como a lei da terra. Este fato, juntamente com a celebração da Páscoa, iria se tornar fator influente no desenvolvimento tanto do Judaísmo quanto do Cristianismo.⁵⁵

Para o cronista, a descoberta do livro da lei intensificou e inspirou mais reformas do culto religioso e seu ritual litúrgico.⁵⁶ De acordo com Rendtorff, o Livro da Lei pode ser considerado o “código de leis”, que continha parte do livro de Deuteronômio, especialmente, os capítulos 12 – 26, no entanto, em sua forma atual como é conhecido e está inserido no cânon, foi redigido nos dias de Josias.⁵⁷

Jorge Pixley concorda que “Comparando as medidas tomadas com as disposições do livro, fica claro que substancialmente este é o atual livro do Deuteronômio”.⁵⁸

⁵² BÍBLIA SAGRADA. **Antigo e Novo Testamento**, 2014. ARC. Dt. 24.17-18.

⁵³ MCCONVILLE, J. G. Rei e Messias no Deuteronômio e na história deuteronomista. In.: **Rei e Messias em Israel e no Antigo Oriente Próximo: dissertações do Seminário Veterotestamentário de Oxford**. John Day (org.); tradução Barbara Theoto Lambert. São Paulo: Paulinas, 2005. P. 287. (coleção Bíblia e história. Série Maior).

⁵⁴ WISEMAN, Donald J. **1 e 2 Reis. Introdução e Comentário**. São Paulo: Vida Nova, 2006. p. 259.

⁵⁵ WISEMAN, 2006, p. 259.

⁵⁶ LOWERY, Ricardo H. **Os reis reformadores: culto e sociedade no Judá do Primeiro Templo**. Tradução Ricardo Gouveia. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 298.

⁵⁷ RENDTORFF, Rolf. **A formação do Antigo Testamento**. Tradução de Bertholdo Weber. 10ª. Ed. ver. – São Leopoldo: Sinodal, 2016. P. 19.

⁵⁸ PIXLEY, Jorge. **A História de Israel a partir dos pobres**. Tradução Ramiro Mincato. 3ª. Edição. Petrópolis: Vozes, 1991.p. 73.

Com efeito, é possível afirmar que o Livro da Lei foi escrito antes do reinado de Josias e editado durante seu governo para os fins específicos da reforma deuteronomista. Não excluindo as edições e acréscimos exílicos e pós-exílio do seu texto. Celso Loraschi concorda que o Livro da Lei foi achado antes da reforma proposta no Livro de Reis e serviu como base para o plano da reforma religiosa de caráter oficial do rei Josias.⁵⁹

De Wette é de parecer favorável que o Deuteronômio foi a “Lei de Moisés” encontrada no templo por ocasião da reforma de Josias e foi redigida para justificar a reforma em 622 a C. Sua tese não é unanimidade, mas a maioria segue sua posição de que a publicação do Deuteronômio se deu nos dias de Josias.⁶⁰ “[...] Judá necessita de séria reforma de todos os pontos de vista: político, social, religioso. Será este rei quem a efetuará”.⁶¹

2.3 O DESENVOLVIMENTO SÓCIO ECONÔMICO NO PERÍODO PRÉ-REFORMA

Favorecido pelo contexto da política externa em seu reinado e aconselhado por seus tutores, conselheiros instruídos e bem orientados na questão da legislação hebraica, religiosa, e, conhecedores das nuances administrativas e militares ao redor do mundo naquele período histórico, Josias se aproveita para retomar a independência nacional que Ezequias, seu bisavô, havia tentado sem sucesso realizar no final do século VIII a.C..

Pode-se afirmar que Josias se orientou e soube aproveitar de três principais fatores em seu reinado para execução de seu projeto de reforma⁶². Primeiro, a política internacional decadente da opressora Assíria de quem Judá era vassalo. Foi incentivado a limpar o templo purificando-o de tudo que lembrava ou incitava a adoração aos deuses assírios e cananeus.

⁵⁹ LORASCHI, Celso. O Profeta Sofonias e a Reforma de Josias. In.: **Monoteísmos Intolerância, discriminação e violências em nome de Deus**. Estudos Bíblicos. vol. 29, n. 116, out/dez 2012, Petrópolis: Editora Vozes, p.49.

⁶⁰ TILLESSE, Caetano Minette. A Reforma de Josias. **Revista Bíblica Brasileira – RBB**, Fortaleza: Nova Jerusalém, ano 6, 1989. p. 41.

⁶¹ SCHOKEL, L. Alonso. DIAS, J.L. Sicre. **Profetas II**. São Paulo: Edições Paulinas, 1991.p. 1.147.

⁶² Vale ressaltar que a expressão reforma não é encontrada nas narrativas do texto bíblico onde se discute a reforma de Josias. O termo é uma expressão moderna utilizada para descrever as facetas dos movimentos transformadores desencadeados pelo rei Josias e seus altos funcionários da corte do reino de Judá, incluindo sacerdotes, escribas, proprietários de terras e comerciantes bem sucedidos no período de 640 a 609 a.c..

Uma reforma cultural no templo. Segundo, o desenvolvimento econômico⁶³ durante o longo reinado de seu avô Manassés ⁶⁴ permitiu solidez na recuperação das cidades judaítas destruídas pelo rei assírio Senaqueribe durante o reinado de Ezequias. Desse modo, Josias assume o trono em condições econômicas de executar sua política nacional expansionista que na prática não sofreu maiores objeções, por ser um desejo não apenas do povo da terra, grandes proprietários da elite rural, mas, também da classe de comerciantes.

A população de um modo geral almejava um governo livre do poder assírio. Pagavam-se impostos para a manutenção da máquina administrativa interna do Reino de Judá e ao mesmo tempo pagava se o tributo enviado para o império assírio. Terceiro, a contribuição literária de autores, redatores e editores da escola deuteronomista⁶⁵.

Iniciada no reinado de Ezequias, desenvolveu e se estruturou nos dias de Josias. É o que tem sido comprovado com as pesquisas realizadas mediante a existência de grande quantidade de selos nas cerâmicas encontradas pela arqueologia⁶⁶. Esses escribas pavimentaram com sua propaganda deuteronomista o caminho das reformas, tanto de Ezequias quanto de Josias.

A escrita dos textos bíblicos tem sua notoriedade e abrangência na literatura hebraica com os escribas de Ezequias. Esse trabalho literário acentuado se deve em parte, com os israelitas que fugiram em 722 a.C. da invasão e deportação assíria e se refugiavam em muitas cidades do Reino Sul, principalmente em Jerusalém.

⁶³ ROSE, Martin. Deuteronomio. In.: **Antigo Testamento: história, escritura e teologia**. ROMER, Thomas; MACCHI, Jean-Daniel; NIHAN, Christophe. [orgs]. Tradução Gilmar Saint Clair Ribeiro. Edições Loyola, São Paulo: 2010. P. 270. A política de alinhamento com o império assírio fez com que o reinado de Manassés fosse longo e sem problemas de guerra com os vizinhos, pois, como vassalo da Assíria nenhum dos demais reinos vizinhos também vassalos se atreveriam a guerrear. Desse modo, pôde fazer obras importantes de infraestrutura em Judá e Jerusalém. Vide: BRIGHT, John. **História de Israel**. Edição revista e ampliada a partir da 4ª. Edição original. 7ª. Ed. São Paulo: Paulus, 2044. P. 315 onde o autor afirma que a complacência do rei Assírio para com Manassés e a permissão para construir e fortificar cidades foi uma forma estratégica de manter um “aliado” na fronteira com o Egito potencial inimigo dos assírios. II Cr 33.14.

⁶⁴ KAEFER, José Ademar; DIETRICH, Luiz José. A consolidação dos reinos de Israel Norte e Judá. In.: KAEFER, José Ademar; FRIZZO, Antônio Carlos; MARQUES, Maria Antônia. **Uma história de Israel: leitura crítica da Bíblia e arqueologia**. [Orgs.] Shigeyuri Nakanose; Luiz José Dietrich. São Paulo: Paulus, 2022. P. 150-151. Nova Coleção Bíblica.

⁶⁵ DILLARD, Raymond B; LONGMAN III, Tremper. **Introdução ao Antigo Testamento**. Tradução Sueli da Silva Saraiva. São Paulo: Vida Nova, 2006. P. 148. Os autores denominam de “Escola” ou Circulo deuteronomico. Vide ainda SCHMIDT, Werner H. **Introdução ao Antigo Testamento**. Tradução Annemarie Hohn I. São Leopoldo, RS: Sinodal, 1994. P. 127.

⁶⁶ KAEFER, José Ademar; DIETRICH, Luiz José. A consolidação dos reinos de Israel Norte e Judá. In.: KAEFER, José Ademar; FRIZZO, Antônio Carlos; MARQUES, Maria Antônia. **Uma história de Israel: leitura crítica da Bíblia e arqueologia**. (Orgs.) Shigeyuri Nakanose; Luiz José Dietrich. São Paulo: Paulus, 2022. Pp. 151-153. Nova Coleção Bíblica.

“Muitos habitantes do antigo Israel foram para o Reino do Sul, Judá, que passou por um crescimento populacional quase incontrolável”⁶⁷. O texto de Isaías 22.10 dá a impressão de que esses bairros novos povoados na cidade estavam expostos e era necessária uma obra de infraestrutura para fortificá-los com muros. “Também contareis as casas de Jerusalém e derribareis as casas, para fortalecer os muros”⁶⁸.

A construção de muros e de obras de engenharia sofisticada em Jerusalém contribuiu para o desenvolvimento econômico da cidade e favoreceu em parte a qualidade de vida dos migrantes do norte. Segundo Liverani, a cidade de Jerusalém que antes de receber os israelitas do Reino Norte constava de área urbana de 5 hectares passou a ser ocupada após a imigração em 60 hectares de extensão. Um aumento significativo. De igual modo, o número de pessoas que era de 1.000 habitantes salta para um provável quantitativo de 15 mil habitantes. Um contingente que é visivelmente constatado e que não passa despercebido em toda a conjuntura socioeconômica. Tudo isso em apenas uma geração⁶⁹.

Tilly e Zwickel afirmam que: “Quantitativamente, os antigos habitantes do Reino do Norte formavam agora a maioria no Reino do Sul, Judá.”⁷⁰ Soa um exagero essa afirmação, no entanto, não há provas nas pesquisas neste trabalho suficientemente seguras para refutá-la. “Eles traziam consigo suas tradições, que também tiveram consequências duradouras para o processo de gênese literária do Antigo Testamento.”⁷¹

O povo da terra, conceitualmente já identificados nesta pesquisa como grandes proprietários de terras⁷² e de outros personagens influentes⁷³, como os

⁶⁷ TILLY, Michael; ZWICKEL, Wolfgang. **A história religiosa de Israel: desde a pré-história até os primórdios do cristianismo**. Tradutor Milton Camargo Mota. São Paulo: Edições Loyola, 2020. P. 149.

⁶⁸ BÍBLIA SAGRADA. **Antigo e Novo Testamento**. Almeida revista e corrigida. 4ª. Edição. Barueri/SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2014. Is 22.10.

⁶⁹ LIVERANI, Mario. **Para além da Bíblia. História antiga de Israel**. Tradução Orlando Soares Moreira. 2ª. Ed. São Paulo: Paulus; Edições Loyola, 2014. P.195. Vide também: KAEFER, José Ademar; DIETRICH, Luiz José. A consolidação dos reinos de Israel Norte e Judá. In.: KAEFER, José Ademar; FRIZZO, Antônio Carlos; MARQUES, Maria Antônia. **Uma história de Israel: leitura crítica da Bíblia e arqueologia**. (Orgs.) Shigeyuri Nakanose; Luiz José Dietrich. São Paulo: Paulus, 2022. Pp. 22, 23.

⁷⁰ TILLY, Michael; ZWICKEL, Wolfgang. **A história religiosa de Israel: desde a pré-história até os primórdios do cristianismo**. Tradutor Milton Camargo Mota. São Paulo: Edições Loyola, 2020. P. 149.

⁷¹ TILLY; ZWICKEL, 2020, P. 149. Os autores chegam a afirmar que a cultura do Reino Norte era mais refinada do que no Reino do Sul, Judá, que vivia “isolado” para o comércio externo.

⁷² FINKELSTEIN, FINKELSTEIN, Israel. SILBERMAN, Neil Asher. **A Bíblia desenterrada: a nova visão arqueológica do antigo Israel e das origens nos seus textos sagrados**. Tradução de

sacerdotes e os nobres do palácio, teve sua participação decisiva na coroação e manutenção do poder monárquico da linhagem davídica. Sua influência é visível na narrativa do texto bíblico com decisões políticas, jurídicas, cultuais e de sentimento nacionalista e expansionista.

O sentimento nacionalista de se libertar da vassalagem assíria acentua-se no reinado de Ezequias⁷⁴ que ensaia uma reforma do culto, purificando os espaços internos do templo e alguns lugares sagrados de adoração a Javé de tudo aquilo que lembrava a Assíria e sua cultura religiosa.

Isso não era tudo, mas um sinal claro e decisivo de rompimento com o ritual cúltico sincrético das celebrações no templo. Pode se afirmar que essas medidas abriram caminho para quase um século depois o rei Josias realizar seu movimento reformador. Sua influência política advinha do poder econômico que possuía.

Segundo Finkelstein e Silberman a arqueologia pôde comprovar uma zona industrial ao sul na região da Filisteia, na antiga Acaron, com alta produção de azeite de oliva. Produto comercializado entre árabes, assírios e egípcios. “A capacidade anual de produção foi estimada em cerca de mil toneladas”.⁷⁵

Os bosques que supriam a indústria de Acaron com olivas devem ter se localizado na região montanhosa de Judá e possivelmente também na parte norte da província assíria de Samaria. Como já mencionamos, o século VII se caracterizou pela efetiva industrialização da produção de olivas em Judá e ele provavelmente foi o maior fornecedor de olivas para a indústria de Acaron.⁷⁶

Nélio Schneider. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018. P. 278. Nas palavras dos autores “‘povo da terra’ - aparentemente a elite social e econômica de Judá [...]”. Vide também: FARIA, Jacir de Freitas. [org.] **História de Israel e as pesquisas mais recentes**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. P. 27.

⁷³ ROMER, Thomas. **A origem de Javé: o Deus de Israel e seu nome**. Tradução de Margarida Maria Cichelli Oliva. São Paulo: Paulus, 2016. P. 185. “[...] graças ao apoio do ‘am há’ arets – uma coligação de representantes dos grandes proprietários e de outros personagens influentes –, o jovem Josias sobe ao trono”. É perceptível que esses proprietários de terras participavam de um mesmo partido que os sacerdotes do templo e os homens nobres da corte, possivelmente escribas.

⁷⁴ BRIGHT, John. **História de Israel**. Edição revista e ampliada a partir da 4ª. Edição original. 7ª. Ed. São Paulo: Paulus, 2044. P. 284.

⁷⁵ FINKELSTEIN, Israel. SILBERMAN, Neil Asher. **A Bíblia desenterrada: a nova visão arqueológica do antigo Israel e das origens nos seus textos sagrados**. Tradução de Nélio Schneider. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018. P. 274. Nessa localidade foi encontrada a maior quantidade de prensas de azeite de todo o Oriente Próximo antigo. Centenas delas, possivelmente do século VII.

⁷⁶ FINKELSTEIN, SILBERMAN, 2018, p. 274. Para uma melhor compreensão sobre a indústria agrícola de azeite e vinho nas cidades da Palestina, sobretudo no reino sul, vide: NAKANOSE, Shigeyuki. **Uma história para contar: a páscoa de Josias: metodologia do Antigo Testamento a partir de 2 Rs 22,1 – 23,30**. Tradução Fátima Regina Durães Marques. São Paulo: Paulinas, 2000. P. 150. (Coleção: Partilhando a Bíblia).

É compreensível que o cultivo de videiras e oliveiras no Reino Sul de Judá com sua capacidade de produção elevada para o comércio na região obteve o apoio da monarquia para planejamento, armazenamento, transporte e distribuição⁷⁷. Daí o motivo pelos quais o povo da terra era tão interessado na participação da coroação de um monarca. Seus planos econômicos precisavam estar na agenda política do rei.

A produção agrícola evoluiu do meio de subsistência para atender o clã familiar para o regime de excedentes. O comércio lucrativo passou a mexer com o imaginário econômico dos produtores de terras. Era necessário especializar no manejo da terra ⁷⁸ e na eficiente distribuição dos produtos agrícolas.

Muitos produtores menos afortunados ou que tinham algum problema com a safra, seja por intempéries climáticas ou por alguma outra ação temporal, eram subsidiados por produtores ricos que cobravam juros exorbitantes. Muitos perdiam suas terras por não conseguirem saldar seus débitos. “Os textos bíblicos oferecem até mesmo alguma indicação de que os reis judaítas podem ter conduzido o planejamento econômico em uma escala bastante grande”⁷⁹.

A aliança que o “partido” da corte detinha com o povo da terra e com os sacerdotes do templo e escribas propiciava o clima favorável para discutir e defender os interesses dos “cooperados”. Uma cooperação que interessava os donos de terras para vender seus produtos a um preço favorável no mercado regional.

A liberdade política passa a ser fundamental. Livres do imperialismo assírio, um pesado imposto a menos. A centralização do culto no templo em Jerusalém beneficiava o alto clero e os levitas urbanos e rurais que dependiam dos dízimos produzidos e vindos da roça. E os homens da corte lucravam com o comércio regional seja com assírios, egípcios e árabes em grande escala ou com os filisteus atuando como “atravessadores” com fornecimento de sua matéria prima para

⁷⁷ FINKELSTEIN, SILBERMAN, 2018, p. 274.

⁷⁸ Para uma melhor compreensão sobre o processo de produção agrícola e sua tecnologia vide: NAKANOSE, Shigeyuki. **Uma história para contar: a páscoa de Josias: metodologia do Antigo Testamento a partir de 2 Rs 22,1 – 23,30**. Tradução Fátima Regina Durães Marques. São Paulo: Paulinas, 2000. P. 138. (Coleção: Partilhando a Bíblia).

⁷⁹ LOWERY, Richard H. **Os reis reformadores: culto e sociedade no Judá do Primeiro Templo**. Tradução Ricardo Gouveia. São Paulo: Paulinas, 2004. P. 310. (coleção Bíblia e história)

produção de azeite.⁸⁰ Com efeito, “[...] os ricos ficaram mais ricos, os pobres ficaram mais pobres, e o Estado tornou-se cada vez mais poderoso”.⁸¹ Percebe-se a influência que esse povo da terra detinha sobre o rei, e neste caso da pesquisa, sobre o jovem Josias.

Portanto, é nítido que o povo da terra foi responsável por influenciar as decisões do jovem rei numa aliança com sacerdotes, homens da corte e profetas defensores do movimento deuteronomista de reforma. É compreensível os motivos pelos quais lutavam para tomar as decisões políticas e “judiciais” daquele período. O sentimento nacionalista dos “poderosos” que detinham em suas mãos esse mando de poder referente à assunção ao trono judaíta somava-se e estava intimamente ligado ao movimento de sentimento religioso e ritualístico.

Josias obteve de seus conselheiros e tutores orientações importantes antes de alcançar a sua maioridade. Dentre os influentes personagens nominados no texto bíblico como o sumo sacerdote Hilquias, o escrivão Safã e nobres da corte conforme disposto em II Reis 22.11 é necessário compreender a imprescindível participação do povo da terra (*‘am há’ arets*).

Apesar das dificuldades em definir conceitualmente a definição de “povo da terra” a pesquisa alcança algumas definições preliminares. Kaefer afirma que com a queda de Samaria houve uma migração em massa de famílias ricas⁸² para as cidades de Judá, especialmente, produtores rurais. Neste aspecto, o reino de Judá é beneficiado no comércio internacional.

Com isso, é incorporado à nobreza dos comerciantes urbanos e aos produtores de terras na zona rural. Para Kaefer eles são os grandes donos de terra.⁸³ Metzger, os denomina de “livres proprietários de terra”.⁸⁴ José Luís Sicre acha difícil identifica-los. Numa nota de rodapé ele explica que “O *‘am há’arets*, que

⁸⁰ FINKELSTEIN, Israel. SILBERMAN, Neil Asher. **A Bíblia desenterrada: a nova visão arqueológica do antigo Israel e das origens nos seus textos sagrados**. Tradução de Nélio Schneider. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018. Pp. 272 – 274.

⁸¹ LOWERY, Richard H. **Os reis reformadores: culto e sociedade no Judá do Primeiro Templo**. Tradução Ricardo Gouveia. São Paulo: Paulinas, 2004. P. 310. (coleção Bíblia e história).

⁸² KAEFER, José Ademar. A Bíblia, a arqueologia e a história e a história de Israel e Judá. In.: **Religião e linguagem: abordagens teóricas interdisciplinares**. Paulo Augusto de Souza Nogueira (org.). - São Paulo: Paulus, 2015.p. 441.

⁸³ KAEFER, José Ademar. **A Bíblia, a arqueologia e a história e a história de Israel e Judá**. São Paulo: Paulus, 2015. P. 100

⁸⁴ METZGER, Martin. **História de Israel**. Tradução Nelson Kirst e Silvio Schneider. 5ª. Edição. São Leopoldo/RS: Editora Sinodal, 1989. P.106.

para alguns são camponeses pobres, para outros são sacerdotes de segunda categoria, e, para outros ainda, latifundiários”.⁸⁵

De acordo com Airton José da Silva, o “povo da terra” era originário do Sul formado por lavradores de Judá. Atuavam em conjunto com os sacerdotes de Jerusalém mantendo firme a dinastia de Davi. Garantiram a entronização de Joás com 7 anos; de Josias, com 8 anos; e ainda fizeram reis a Amazias e Osias. “Durante 100 anos, o Povo da Terra contribuiu para a política no Sul, o que resultou em grande movimentação social”.⁸⁶

Para Rainer Albertz, era a população. No entanto, é muito difícil compreender o populacho ter tanto poder sem uma liderança forte e efetiva. Ele ainda afirma que o povo da terra participava das decisões do “Supremo Tribunal da Reforma” por meio de seus delegados.⁸⁷ Isso não parece cabível, mas é uma opinião respeitada. Já para Martin Noth, ele define apenas como “[...] o povo livre da Judeia, que representava a tradição de sucessão da casa de Davi” sem conceituar economicamente sua classe social.⁸⁸

Esse grupo *‘am há’ arets* independentemente de sua posição social exercia uma enorme influência no Reino de Judá. Entronizava reis, depôs a rainha Atalia, fez juízo aos conspiradores do rei Amom e exercia um papel importante nas decisões de governo na corte.

Nesta dissertação, mediante as pesquisas realizadas, é possível conceituá-los como proprietários de terras de Judá aliados com sacerdotes do templo de Jerusalém. Há possibilidade de conjecturar mediante as leituras realizadas de que o povo da terra pudesse ser identificado como produtores de vinhas e de olivais numa coparticipação com os migrantes ricos vindos do Israel do Norte após a queda de Samaria formando o *‘am há’ arets* no Reino Sul.

Portanto, em meio à euforia das reformas, no ano 622 a.C., há motivos para comemorar. Daí a necessidade de uma celebração nacional para comemorar

⁸⁵ SICRE, José Luís. **Profetismo em Israel: o profeta: os profetas: a mensagem**. Tradução João Luís Baraúna. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.p.280. Recentemente o tema foi tratado por C.R. Seitz, *Theology in Conflict*, BZAW 176 (Berlim 1989) de acordo com José Luís Sicre.

⁸⁶ SILVA, Airton José da. **História de Israel e as pesquisas mais recentes**. Jacir de Freitas Faria (org.). Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2003. P. 27.

⁸⁷ ALBERTZ, Rainer. **Historia de la religión de Israel em tiempos del Antíguo Testamento**. Volumen I – De los comienzos hasta el final de la monarquía. Tradução Dionisio Mínguez. Madrid: Editorial Trotta, 1999. pp. 369, 382.

⁸⁸ NOTH, Martin. **História de Israel**. Tradução revisada por el prof. Dr. A. G. Larraya. Barcelona: Ediciones Garriga, S.A., 1966. p. 257.

todo esse processo de movimento de reformas. Cria-se a institucionalização estatal da Páscoa de Josias.

2.4 HISTÓRIA DEUTERONOMISTA

Sua conceituação não é tão simples quanto parece.⁸⁹ Não há dúvidas de que uma escola deuteronomista atuou durante os reinados de Ezequias – Josias – Exílio – Pós-Exílio.⁹⁰ Morria o editor, mas a escola continuava seu trabalho através de outros colaboradores. Evidentemente, que com essa afirmação contraria-se a brilhante tese de Martin Noth de que existiu um único autor que escreveu toda a História Deuteronomista de Josué a Reis. Noth é considerado “o ‘pai’ da hipótese da História Deuteronomista”⁹¹ na publicação de um de seus trabalhos científicos em 1943.

Defendeu a tese de um único autor para os textos bíblicos de Deuterônomo até Reis. Para Noth, a História Deuteronomista tem início com o livro do Deuterônomo e o seu desfecho final em II Reis 25.27-30 com a libertação do rei Joaquim da prisão e sua restituição sócio moral comendo à mesa real e vestindo os trajes da nobreza.

Antes de Martin Noth defender sua tese de autor único para a História Deuteronomista, Heinrich Ewald em 1843 escreveu em seis volumes, História de Israel onde defendeu a redação de dois redatores, um pré-exílico logo após a reforma de Josias e o outro redator teria atualizado a história de Judá durante o período do exílio na Babilônia.⁹²

⁸⁹ LIVERANI, Mario. **Para além da Bíblia. História antiga de Israel.** Tradução Orlando Soares Moreira. 2ª. Ed. São Paulo: Paulus; Edições Loyola, 2014. P.222, 223. “Os conceitos fundamentais da ideologia deuteronomista são os seguintes: (1) Yahweh é o deus único. (2) A relação especial entre Yahweh e o seu ‘povo eleito’ está baseada no pacto, cujo núcleo são as ‘tábuas da Lei’, de Moisés, guardadas na arca de Yahweh depositada no templo desde Salomão. (3) Yahweh tirou do Egito Israel e lhe deu a terra de Canaã. (4) Canaã deverá ser conquistada segundo os processos da ‘guerra santa’ e do herem. (5) Cabe ao povo a obrigação de ser fiel a Yahweh e à sua Lei e, portanto, de resistir a toda a tentação de apostasia e idolatria. (6) O templo de Yahweh deve ser um só, o de Jerusalém, ‘morada do nome de Yahweh’, e isento de manifestações culturais por demais materiais (incluindo ícones), percebidas como estranhas e perigosas.”

⁹⁰ NAKANOSE, Shigeyuki. **Uma história para contar: a páscoa de Josias: metodologia do Antigo Testamento a partir de 2 Rs 22,1 – 23,30.** Tradução Fátima Regina Durães Marques. São Paulo: Paulinas, 2000. P. 69. (Coleção: Partilhando a Bíblia).

⁹¹ ROMER, Thomas. **A chamada História Deuteronomista: introdução sociológica, histórica e literária.** Tradução de Gentil Avelino Tilton. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. P. 21.

⁹² ROMER, 2008, P. 26.

George F. Moore ao comentar sobre o livro de Juízes argumenta que o redator era oriundo da Escola Deuteronomica, possivelmente situado no início do século VI a.C. De igual modo, mesmo não gostando muito dos autores deuteronomistas por achá-los obcecados pela lei mosaica, Bernhard Duhm foi o primeiro a reconhecer que eles faziam parte de uma “escola deuteronomista”⁹³ e que esta sobreviveu mesmo após o período do exílio Babilônico e Persa.

Neste trabalho, mediante as pesquisas realizadas, entende-se que é perfeitamente possível que os textos deuteronomistas se originaram no Israel do Norte e foram levados para o Reino Sul de Judá. Por ser mais desenvolvido do que o Reino do Sul é satisfatoriamente aceitável que os escribas do Norte tenham produzido textos não apenas os constantes da Bíblia Hebraica, mas também, textos contratuais de mercado em face da alta competitividade do comércio de Israel do Norte com os povos à sua volta.

O desenvolvimento econômico vivido durante o reinado de Jeroboão II no Norte de Israel 788-747 a.C., pode ter propiciado uma escalada acentuada da escrita literária no Reino Norte. Nas escavações do sítio arqueológico de Deir Alla, as margens leste do mar Morto, mais precisamente em território atualmente situado na Jordânia, foi encontrado pelos pesquisadores arqueólogos “um longo texto escrito em tinta numa parede de cal.”⁹⁴

Essa influência literária se expandiu para o Sul de Judá. A arqueologia já comprovou nos fragmentos de história encontrados na região de Arad, mais de doze tipos de escritas distintas⁹⁵ em vários óstracos indicando que doze autores diferentes haviam deixado suas caligrafias para estudo arqueológico e histórico da contemporaneidade.

Fica evidente a defesa de que os escritos deuteronomicos tiveram início no Israel do Norte e levados para Judá no final do século VIII pelos imigrantes fugitivos da conquista de Samaria pelos assírios. Em Judá, mais precisamente na corte central de Jerusalém os escribas e sacerdotes levitas do alto escalão souberam

⁹³ ROMER, 2008, Pp. 28, 29.

⁹⁴ KAEFER, José Ademar; DIETRICH, Luiz José. A consolidação dos reinos de Israel Norte e Judá. In.: KAEFER, José Ademar; FRIZZO, Antônio Carlos; MARQUES, Maria Antônia. **Uma história de Israel: leitura crítica da Bíblia e arqueologia.** (Orgs.) Shigeyuri Nakanose; Luiz José Dietrich. São Paulo: Paulus, 2022. P. 128. Nova Coleção Bíblica. Sobre a disseminação do alfabetismo em Judá vide: FINKELSTEIN, Israel. SILBERMAN, Neil Asher. **A Bíblia desenterrada: a nova visão arqueológica do antigo Israel e das origens nos seus textos sagrados.** Tradução de Nélio Schneider. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018. P. 285.

⁹⁵ KAEFER, DIETRICH, 2022. Pp. 151, 152.

muito bem apropriar desses textos. “Essas tradições devem ter migrado para Judá onde foram incorporadas à história daquele reino. Ali, então, as glórias dos heróis do Norte são subordinadas ou substituídas pelas façanhas dos heróis do Sul”.⁹⁶

2.4.1 Quem eram os Deuteronomistas

Os escritores dos séculos VIII até possivelmente o século V a.C., são os responsáveis de acordo com o que se convencionou na academia como os possíveis autores que narraram o conteúdo da Bíblia Hebraica dentro de um viés teológico comumente denominado de deuteronomico.

São conhecidos como deuteronomistas em face de sua teologia ser voltada exclusivamente para as tradições cúlticas, religiosas, legislativas e costumes provenientes dos textos do livro de Deuteronomio. Escritores do Norte de Israel do século VIII a.C. e do Reino Sul de Judá, escribas, levitas, sacerdotes, profetas e seus discípulos, cortesãos instruídos na literatura hebraica.

Membros de uma “escola teológica”, denominada no século XIX pelos teóricos modernos de Escola Deuteronomista.⁹⁷ Portanto, os autores e redatores que redigiram os textos bíblicos pré-exílicos e exílicos foram assim chamados de deuteronomistas. Suas fontes, muitas delas, foram por eles referenciadas no texto bíblico, outras, possivelmente orais, não são conhecidas. Não é possível nominar os autores deuteronomistas, por não conhecer quem de fato escreveu, pois os textos não deixaram registrados os seus nomes como autores.

Os ‘deuteronomistas’ deveriam, portanto, ser situados entre os altos funcionários de Jerusalém, provavelmente entre escribas, mesmo que não se deva excluir que funcionários de outros grupos (sacerdotes, ‘ministros’) tenham apoiado suas ideias políticas e ideológicas.⁹⁸

⁹⁶ KAEFER, DIETRICH, 2022, P. 129.

⁹⁷ ROMER, Thomas. **A chamada História Deuteronomista: introdução sociológica, histórica e literária**. Tradução de Gentil Avelino Titton. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. P. 53. Sobre os anônimos da “escola” ou “círculo deuteronomico” Vide: DILLARD, Raymond B; LONGMAN III, Tremper. **Introdução ao Antigo Testamento**. Tradução Sueli da Silva Saraiva. São Paulo: Vida Nova, 2006. P. 148. “Os especialistas não chegaram a um acordo. Alguns os identificaram como levitas ou membros do sacerdócio de Jerusalém, outros acreditam que eram os profetas, outros ainda sugerem que eles foram os conselheiros e os homens sábios da corte real de Jerusalém”[...].

⁹⁸ ROMER, 2008, Pp. 52, 53.

No entanto, é possível deduzir e inferir que personalidades com o potencial literário e cultural como Sebna o Escrivão de Ezequias, Safã de Josias, o sumo sacerdote Hilquias podem ter contribuído, apoiado e até feito parte dos deuteronomistas⁹⁹.

De igual modo, profetas como Amós, Miquéias, Isaías, Oseias, Naum, Sofonias, Jeremias Hulda, Habacuque e seus discípulos podem ter influenciado os autores. Esses escritores dos séculos VIII – V vão fazer todo um caminho da história de Israel, desde o seu começo até o pós-exílio.

2.4.2 Historiografia Deuteronomista

Os escritores e redatores da história deuteronomista influenciaram na reforma de Josias construindo a partir daí, o que se pode denominar de historiografia deuteronomista. Mas o que é essa historiografia deuteronomista? Os autores que escreveram no século VIII até o V fizeram o que se pode chamar de história da história de Israel e Judá.

A narrativa de contar a história de Israel já contada de forma escrita com fontes devidamente pesquisadas, citadas e utilizadas a seu modo para seletivamente entrar em sua história, de forma simples e sem ser simplória. Essa é uma maneira de chamá-la de historiografia deuteronomista.

Ela foi organizada de forma seletiva e dentro de um padrão teológico e intelectual para analisar, registrar, historiar literariamente dentro de uma norma culta padrão de sua época, os feitos e fatos de personagens e suas façanhas, sagas e realizações. É a história da história de um povo. Neste caso específico da pesquisa, a história de Deuterônomo a Reis, onde está situada a reforma religiosa do rei Josias em II Reis 22.1 – 23.30.

Na Bíblia hebraica, os livros Js, Jz, 1 – 2 Sm, 1 – 2 Rs constituem os "Profetas Anteriores", sequência chamada, pelos biblistas modernos, de "historiografia deuteronomista", por ter sido redigida pela mesma escola de escribas que produziu também o Deuterônomo (Dt).¹⁰⁰

⁹⁹ ROMER, 2008, P. 61. Vide: LIVERANI, Mario. **Para além da Bíblia. História antiga de Israel.** Tradução Orlando Soares Moreira. 2ª. Ed. São Paulo: Paulus; Edições Loyola, 2014. P.230.

¹⁰⁰ KONINGS, Johan. A Historiografia de Israel nos "Livros Históricos". **Estudos Bíblicos. In.:** Israel e sua História. São Paulo, v. 19, n. 71, p. 8 – 31, 2022. Disponível em: <https://revista.abib.org.br/EB/article/view/860>. Acesso em: 24 jan. 2023. P. 09.

Os autores que escreveram os textos originais, num passado distante, os armazenaram em algum vaso de cerâmica protegido da umidade e calor, cuidadosamente guardados especialmente para uso público. Foram estes textos, muitos deles anais do templo, da corte, de alguma propriedade particular urbana ou rural, que foram pesquisados, selecionados, e inseridos no texto pelo deuteronomista. Em relação ao texto do livro de Deuteronômio, por exemplo, “Contém muito material antigo, mas em sua forma atual foi redigido, provavelmente, apenas no século em que foi achado e começou a vigorar”.¹⁰¹

Não há dúvida da similaridade do Deuteronômio ao texto compreendido dos livros dos profetas anteriores e da sua influência na reforma de Josias. “O autor da obra historiográfica deuteronomística, o ‘deuteronomista’, é um compilador que juntou e redigiu as tradições que encontrou de acordo com determinados pontos de vista”.¹⁰²

Foi esse olhar teológico do autor, ou, de acordo com a pesquisa realizada para este trabalho, dos autores da escola deuteronomista que o conjunto de textos foram catalogados e escritos. “Por causa desta ideia mestra, homogênea e por causa de sua nítida relação com o Deuteronômio, denomina-se a exposição da história que se estende de Josué até 2 Reis de ‘obra historiográfica deuteronomística’”.¹⁰³

2.4.3 Obra Histórica Deuteronomista

Ao conjunto escrito dos livros de Josué, Juízes, I e II Samuel, I e II Reis é denominado de Obra Histórica Deuteronomista, por sua estreita relação de estilo, vocabulário e conteúdo. Este foi o trabalho que os redatores deuteronomistas tiveram para “publicar” sua obra literária tão importante para os registros históricos do Oriente Médio e de todo o mundo interessado na literatura hebraica e judaica. Inclusive os leitores e teóricos da modernidade que se debruçam nas histórias e nos fragmentos históricos para confirmação do que descreve e narra o texto bíblico.

¹⁰¹ RENDTORFF, Rolf. **A formação do Antigo Testamento**. Tradução de Bertholdo Weber. 10ª. Ed. rev. São Leopoldo: Sinodal, 2016. P. 19.

¹⁰² RENDTORFF, 2016, P. 21.

¹⁰³ RENDTORFF, 2016, 20.

A obra historiográfica deuteronomista expõe, portanto, nos livros de Josué até 2 Reis, com base em material de tradição mais antiga, a história desde a tomada da terra até o fim do Reino de Judá, sujeitando-a, ao mesmo tempo, a uma avaliação teológica.¹⁰⁴

Esse olhar teológico dos redatores da Obra Histórica Deuteronomista direcionava o texto de acordo com o interesse urgente e necessário do seu tempo.¹⁰⁵ Há textos bíblicos que alegam que determinado rei de Judá foi “mau” e não andou nos caminhos de Javé por isso o reino seria punido. Por outro lado, um dos reis de Judá mais longevo no reinado foi Manassés. Reinou 55 anos.

No entanto, pôde executar diversas obras de infraestrutura reestruturou e desenvolveu economicamente cidades devastadas do tempo de seu pai Ezequias. Por ocasião da invasão do exército do rei assírio Senaqueribe. Do ponto de vista econômico não foi tão ruim assim. Esse rei é apresentado pelos deuteronomistas como um péssimo rei.

Percebe-se que ele foi péssimo do ponto de vista teológico para a religião e o intento do templo, pois, de fato, como um fiel vassalo assírio, assimilou e cultuou a todos os deuses mesopotâmicos. De acordo com o texto bíblico de II Reis 21.6, sacrificou seu próprio filho aos deuses. Algo sociologicamente inaceitável.

Não é consenso entre os teóricos de que há de fato uma Obra Histórica Deuteronomista. Para Thomas Romer “é possível qualificar a obra deuteronomista como historiografia”.¹⁰⁶ E ele afirma isso com base na estrutura sequencial que o autor deuteronomista faz de sua história desde Josué até Reis.

Há toda uma cronologia construída. Mas, Romer, em face das divergências e “para evitar mal-entendidos, parece preferível falar de uma História Deuteronomista em vez de uma Historiografia Deuteronomista.”¹⁰⁷

¹⁰⁴ RENDTORFF, 2016, 26.

¹⁰⁵ FINKELSTEIN, FINKELSTEIN, Israel. SILBERMAN, Neil Asher. **A Bíblia desenterrada: a nova visão arqueológica do antigo Israel e das origens nos seus textos sagrados.** Tradução de Nélio Schneider. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018. P. 276. “Não é de admirar, então, que, quando os deuteronomistas chegaram ao poder em Judá pouco depois da morte de Manassés e começaram a escrever a história do reino, estabeleceram a história do jeito deles. Retrataron Manassés como o mais perverso de todos os reis e o pai de todos os apóstatas”.

¹⁰⁶ ROMER, Thomas. **A chamada História Deuteronomista: introdução sociológica, histórica e literária.** Tradução de Gentil Avelino Tilton. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. P. 44.

¹⁰⁷ ROMER, 2008, 45.

2.4.4 Fontes literárias da história Deuteronomista

O autor ou os autores da história deuteronomista, ou ainda uma escola deuteronomica/deuteronomística,¹⁰⁸ utilizaram de várias fontes para compor a sua redação final. Especialmente, se levar em consideração a produção do livro de Reis uma vasta fonte documentária pode ter sido utilizada quais sejam:

- a. Livro de Jasar (2 Sm 1.18)
- b. Registros históricos de Salomão (1 Rs 11.41)
- c. Registros históricos dos reis de Israel (1 Rs 14.19, mencionado 18 vezes nos dois livros)
- d. Registros históricos dos reis de Judá (1 Rs 14.29, mencionado 15 vezes nos dois livros)
- e. Livro de Isaías (2 Rs 18 – 20 refere-se a Is 36 - 39)
- f. Registros históricos do rei Davi (1 Cr 27.24)
- g. Registros históricos de Samuel, o vidente (1 Cr 29.29)
- h. Registros históricos de Natã, o profeta (1 Cr 29.29)
- i. Registros históricos de Gade, o vidente (1Cr 29.29)
- j. Profecias do silonita Aias (2 Cr 9.29)
- k. Visões do vidente Ido (2 Cr 9.29)¹⁰⁹

A Bíblia Hebraica classifica em três seções o Antigo Testamento: a lei, os profetas e os escritos; a lei incluindo os cinco primeiros livros do Pentateuco; os profetas classificados em profetas anteriores de Josué a Reis, e profetas posteriores Isaías, Jeremias e Ezequiel e os doze profetas menores de Oseias a Malaquias; os escritos incluem os livros de Daniel, Crônicas, Esdras, Neemias, os sapienciais e de sabedoria (Jó, Salmos, Provérbios), incluído o rolo Meguilôt Rute, Ester, Lamentações, Cântico dos Cânticos e Eclesiastes.¹¹⁰

Há muita controvérsia quanto a historiografia deuteronomista. Muito se discute sobre a autoria do Deuteronômio e a data de sua redação final tal como se conhece e está disposto na bíblia sagrada.

Depois que surgiram dúvidas crescentes a respeito da autoria do Pentateuco, atribuída a Moisés, que diziam diretamente respeito ao Dt como fala de Moisés, e depois que se elaborou gradativamente a teoria das fontes, impôs-se já no início do século passado (de Wette, 1805) a concepção mais antiga de que o Dt é uma grandeza autônoma que está correlacionada com a reforma do culto realizada por *Josias* no ano de 621 a.C. De fato há profundas coincidências entre o Dt e o relato sobre a

¹⁰⁸ DILLARD, Raymond B. LONGMAN III, Tremper. **Introdução ao Antigo Testamento**. Tradução Sueli da Silva Saraiva. São Paulo: Vida Nova, 2006. P. 148.

¹⁰⁹ ELLISEN, Stanley A. **Conheça melhor o Antigo Testamento: um guia com esboço e gráficos explicativos dos primeiros 39 livros da Bíblia**. Tradução Emma Anders de Souza Lima. 2. Ed. Rev. e atual. São Paulo: Editora Vida, 2007. PP. 126, 127.

¹¹⁰ DILLARD, Raymond B. LONGMAN III, Tremper. **Introdução ao Antigo Testamento**. Tradução Sueli da Silva Saraiva. São Paulo: Vida Nova, 2006. P. 144.

descoberta da lei e a reforma, contido em 2 Rs 22s. Assim as exigências da lei do Dt coincidem com as seguintes inovações de Josias: a) a *centralização* do *culto* (compare 2 Rs 23.5,8s.,19 com Dt 12), que vai muito além do objetivo de reformas até então conhecidas - de purificar o culto de elementos estranhos - ao excluir outros santuários de Javé; b) a *festas da Páscoa*, comemorada em conjunto (2 Rs 23.21ss.; Dt 16); como também c) a *proscrição* da adoração dos astros (2 Rs 23.4s.,11; Dt; 17.3), da prostituição sacra (2 Rs 23.7; Dt 23.18s.), das *massebas* [estelas] e *asheras* [postes sagrados], do sacrifício de crianças, da adivinhação, da necromancia e outras práticas típicas de religiões estranhas (2 Rs 23.4s., 10ss.,24; Dt 12.2s.,31; 16.21s.; 18.10s.).¹¹¹

A história deuteronomista é defendida por muitos teóricos como tendo duas edições, uma pré-exílica e outra exílica ou pós-exílica. Há por outro lado, quem defende não apenas uma dupla redação da história deuteronomista, mas também, uma redação única com adições posteriores ao exílio.

Ainda há a defesa de que uma escola ou círculo deuteronomista, de estudiosos tenham produzido a redação final da história deuteronomista.¹¹² O que se pode afirmar é que o livro de Deuterônomo influenciou e fez parte da historiografia deuteronomista.

De fato, este livro se destacou e interferiu profundamente na vida do povo, marcando em grande parte o AT. Inspirando-se em menor ou maior medida neste livro, surgiu a *Obra Historiográfica Deuteronomística* (= OHD) e a redação deuteronomística (dtr.) procedeu a uma revisão, aqui e acolá, no Pentateuco (v. § 4b 4,4), intervindo de forma mais intensiva na tradição profética (§ 19.1 e outros). Este livro se torna ainda mais importante quando considerarmos suas influências indiretas, que acarretaram consequências sérias: depois dele todos os escritos veterotestamentários conhecem somente *um único* santuário.¹¹³

Possivelmente, a parte do texto de deuterônomo encontrado pelo Sumo Sacerdote Hilquias no templo em 622 a.C. influenciou toda uma geração que ansiava por reformas e se arvorava num espírito cultural nacionalista.

O Deuterônomo não constitui, portanto, nenhum projeto isolado, fechado em si, mas uma grandeza surpreendentemente complexa. Na sua forma contemporânea não coincidiu certamente com a lei descoberta no tempo de Josias. Que parte abrangia o *Deuterônomo original* encontrado no templo, o

¹¹¹ SCHMIDT, Werner H. **Introdução ao Antigo Testamento**. Tradução Annemarie Hohn. – São Leopoldo, RS: Sinodal, 1994. Pp. 121, 122.

¹¹² DILLARD, Raymond B. LONGMAN III, Tremper. **Introdução ao Antigo Testamento**. Tradução Sueli da Silva Saraiva. São Paulo: Vida Nova, 2006. P. 146 – 148.

¹¹³ SCHMIDT, Werner H. **Introdução ao Antigo Testamento**. Tradução Annemarie Hohn. – São Leopoldo, RS: Sinodal, 1994. P. 119.

assim chamado "documento do templo", e como se desenvolveu até alcançar a sua configuração final atual? ¹¹⁴

Com efeito, os redatores da História Deuteronomista trabalharam com o intuito de apresentar o livro de Reis diferentemente da preocupação teológica apresentada pelo cronista em Crônicas. A história da reforma de Josias foi menos pormenorizada em Reis e algumas datações até omitidas, enquanto que em Crônicas o redator foi mais enfático e detalhista.

Embora os relatos variantes da reforma em Reis e Crônicas não possam ser completamente harmonizados, é aceitável seguir a recente tendência erudita de distinguir a ênfase diferente em cada obra. Cada apresentação é claramente muito seletiva, e é imprudente ser influenciado indevidamente por uma em detrimento da outra. Isso significa que se deve levar a sério as várias fases de Crônicas que conduzem à descoberta do que como sua causa primária. Embora essas questões históricas e literárias sejam importantes, a coisa mais vital sobre o rolo, de acordo com Josias e a profetisa Hulda, é que ele é as palavras dele [i.e. de Deus] (v. 26; "o que eu falei", 2 Rs 22.19). ¹¹⁵

Desse modo, a História Deuteronomista compreende que o Livro da Lei, texto integrante do que se conhece hoje do livro de Deuterônomo pode ter estado perdido por anos e gerações e não fazia parte das leituras cotidianas no templo e nas comemorações do templo no Reino Sul de Judá. ¹¹⁶ Passou despercebido, e com certeza, esquecido pelos líderes monarcas como Manassés, Amom, só sendo redescoberto nos dias de Josias. É importante falar sobre esse rolo da lei para entender um pouco mais sobre sua "descoberta", leitura e comoção palaciana.

2.4.5 O Livro da Lei sob a ótica dos deuteronomistas

No décimo oitavo ano do rei Josias 622 a.C. os trabalhadores, carpinteiros, pedreiros e serviçais que reparavam as fendas das ruínas do templo encontram o Livro da Lei. "Então, disse o sumo sacerdote Hilquias ao escrivão Safã: Achei o Livro da Lei na Casa do Senhor. E Hilquias deu o livro a Safã, e ele o leu".¹¹⁷

¹¹⁴ SCHMIDT, Werner H. **Introdução ao Antigo Testamento**. Tradução Annemarie Hohn. – São Leopoldo, RS: Sinodal, 1994. P. 123.

¹¹⁵ SELMAN, Martin J. **1 e 2 Crônicas. Introdução e Comentário**. São Paulo: Vida Nova, 2006. P. 425.

¹¹⁶ WISEMAN, Donald J. **1 e 2 reis. Introdução e comentário**. São Paulo: Vida Nova, 2006. P. 257.

¹¹⁷ BÍBLIA SAGRADA. **Antigo e Novo Testamento**. Almeida revista e corrigida. 4ª. Edição. Barueri/SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2014. II Rs 22.8.

Alguns estudiosos alegam que “o livro da lei” consistia em Deuteronômio 12-26, outros supõem que fossem os capítulos 5-26. [...] Alguns concluíram que o Deuteronômio era o resultado, não a causa, das reformas de Josias. [...] Se forem removidas as glosas aparentemente posteriores e talvez alguns materiais nos capítulos finais, resta pouco de Deuteronômio que não possa ser proveniente da época de Moisés. Com certeza há mais probabilidade de Deuteronômio ter exercido grande influência sobre os profetas que de os profetas o terem produzido.¹¹⁸

O texto bíblico do cronista, apesar de tardio, informa que Josias iniciou sua busca por Javé aos 16 anos de idade, no oitavo ano de seu governo. O redator de Reis omite essa data e dá a entender que tudo começou em 622 a.C.

A narrativa do cronista diz que quatro anos depois do início da busca por Deus, Josias no seu duodécimo segundo ano de governo, portanto, já alcançada a sua maioridade, com 20 anos de idade dá início a reforma com a purificação dos altos e dos altares dos bosques. O povo de Judá, os moradores de Jerusalém, é convidado a participar da purificação, com derrubada das imagens de escultura e de fundição.¹¹⁹

Com a idade de dezesseis anos, ele já buscava a Deus com fervor, em vez de amoldar-se a práticas idólatras de seu tempo. Em quatro anos, sua devoção a Deus se cristalizara a ponto de ele dar início à reforma religiosa (628 a.c.). No décimo oitavo ano de seu reinado (622 a.c.), quando o templo estava sendo reparado, foi encontrado novamente o livro da lei. Impelido pela leitura desse “livro do Senhor, dado a Moisés”, e advertido de juízo iminente por parte de Hulda, a profetisa, Josias e seu povo observaram a Páscoa de uma maneira sem precedentes na história de Judá. [...] A reforma teve início em 628 a.c., atingindo seu clímax com a observância da Páscoa, em 622 a.c..¹²⁰

O conteúdo do livro foi um impulso espiritual na vida do rei Josias e de sua corte. A liderança política e religiosa do rei o levou a consultar a profetisa Hulda não apenas sobre o conteúdo do livro, mas sobre os juízos e ameaças sobre Judá e Jerusalém.¹²¹

Como um princípio de unidade e ação, ele conclamou a nação a retornar ao antigo pacto e a aceitar publicamente suas obrigações, as quais iriam torná-lo povo exclusivo de Deus e reafirmar a aliança como a lei da terra. Este

¹¹⁸ LASOR, William Sanford; HUBBARD, David A; BUSH, Frederic W. **Introdução ao Antigo Testamento**. Tradução Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 2002. Pp. 124, 126, 127.

¹¹⁹ BÍBLIA SAGRADA. **Antigo e Novo Testamento**. Almeida revista e corrigida. 4ª. Edição. Barueri/SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2014. II Cr 34.3-4.

¹²⁰ Schultz, Samuel J. **A história de Israel no Antigo Testamento**. Tradução João Marques Bentes. São Paulo: Vida Nova, 2009. P. 257.

¹²¹ WISEMAN, Donald J. **1 e 2 reis. Introdução e comentário**. São Paulo: Vida Nova, 2006. P. 259.

fato, juntamente com a celebração da Páscoa, iria se tornar fator influente no desenvolvimento tanto do Judaísmo quanto do Cristianismo.¹²²

Enquanto o redator de Reis diz que a descoberta do livro da lei ocorreu durante os reparos do templo em 622 a.C., o cronista afirma que os reparos do templo foi uma parte da reforma de Josias que já iniciara seis anos antes em 628 a.C.

Para o cronista, a descoberta do livro da lei intensificou e inspirou mais reformas do culto religioso e seu ritual litúrgico.¹²³ Não há o que se discutir em relação as datas de Reis e Crônicas. O que ocorre é que enquanto Reis dá como se fosse uma reforma única em 622 a.C., o redator de Crônicas por descrever num momento pós-exílio, com uma lente retrospectiva, detalha uma reforma em etapas iniciando com a busca do rei Josias por Deus em seu oitavo ano de reinado e uma reforma do culto em seu décimo segundo ano de reinado.

Dessa forma, para o cronista, quando o livro da lei é encontrado, a reforma já estava em curso. É salutar entender que a descoberta do Livro da Lei não levou à reforma, mas impulsionou e influenciou sobremaneira as decisões políticas e religiosas do jovem rei. Dessa forma, pode se afirmar sem dúvida de que o conteúdo do Livro da Lei é parte do texto do livro de Deuteronômio.

A descoberta de Hilquias é intitulada tanto de Livro da Lei (v. 14-15) quanto de Livro da Aliança (v. 30). Tradicionalmente ele é identificado com Deuteronômio, embora provavelmente não o livro todo, visto que era lido duas vezes em um dia (2 Rs 22.8, 10). [...] Um dos elos mais fortes com Deuteronômio são suas repetidas referências a um Livro da Lei (Dt 28.61; 29.21; 30.10; 31.26; cf. Js 1.8; 8.31, 34; 23.6; 24.26). Outro é a frase todas as maldições escritas no ... (v. 24; em lugar de "tudo escrito no", 2 Rs 22.16), referindo-se ao conteúdo do Livro da Lei em Deuteronômio 29.20-21, 27; Js 8.34. Outras conexões com Deuteronômio incluem a centralização do culto (v. 3-7, 33; cf. Dt 12), a Páscoa centralizada (35.1-19; cf. Dt 16.1-8), e acima de tudo a cerimônia da aliança (v. 29-32; cf. Dt 31.10-13). Também se reconheceu que o rolo de Hilquias tinha a autoridade de Moisés (v. 14), assim como o Livro da Lei nos dias de Josué (Js 8.31, 34; 23.6), e há pouca dúvida de que sua antiguidade tenha aumentado a sensação de autoridade.¹²⁴

¹²² WISEMAN, 2006, p. 259.

¹²³ LOWERY, Ricardo H. **Os reis reformadores: culto e sociedade no Judá do Primeiro Templo**. Tradução Ricardo Gouveia. São Paulo: Paulinas, 2004. P. 298.

¹²⁴ SELMAN, Martin J. **1 e 2 Crônicas. Introdução e comentário**. São Paulo: Vida Nova, 2006. P. 428.

O livro da lei ou livro da aliança encontrado no templo durante os reparos das brechas e ruínas estruturais foi em parte o texto do livro que atualmente se conhece na bíblia como Deuteronômio.

Este livro da lei foi fundamental para a consolidação da reforma do rei Josias e a coroação da reforma culminando com a anexação de territórios do Reino Norte de Samaria parte da província assíria e a celebração tão festejada da Páscoa no décimo oitavo ano de reinado.

2.4.6 Adições posteriores do Editor deuteronomista

A história do livro de Reis inicia com a ascensão de Salomão ao poder e termina com a libertação do rei Joaquim da prisão em Babilônica pelo rei babilônico Evil-Merodaque no ano 562 a.C., após trinta e sete anos prisioneiro no cativeiro babilônico.¹²⁵ Essa informação histórica corrobora com a teoria da dupla redação, ou redação única com adição posterior, ou ainda com uma escola ou círculo deuteronomístico, com adições posteriores. O que se pode afirmar é que a redação de Reis é obra literária de mais de um autor.¹²⁶

O texto bíblico comprova isso ao mostrar que o redator final de Reis descreve a libertação do rei Joaquim, seu reconhecimento enquanto monarca de Judá, a mordomia palaciana ao participar das refeições à mesa do rei babilônio com a volta do uso de suas vestes reais e tinha cotidianamente seu banquete com a comida desejada.¹²⁷

No entanto, o redator final de Reis viveu possivelmente no período da destruição de Jerusalém e antes do edito de Ciro em 539 a.C., por não fazer menção a tão honroso ato e cumprimento das profecias quanto ao retorno dos cativos.

Diversas constatações, porém, nos obrigam a corrigir a opinião de M. Noth em um aspecto: dificilmente houve apenas um *único* Deuteronomista, senão antes uma *escola* dtr. Desta forma se explicam, em primeiro lugar, certas irregularidades e complementações dentro da própria Obra Historiográfica Dtr - caracterizada de resto por um estilo estreitamente afim e imbuída de

¹²⁵ LASOR, William Sanford; HUBBARD, David A; BUSH, Frederic W. **Introdução ao Antigo Testamento**. Tradução Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 2002. P. 237.

¹²⁶ DILLARD, Raymond B.; LONGMAN III, Tremper. **Introdução ao Antigo Testamento**. Tradução Sueli da Silva Saraiva. São Paulo: Vida Nova, 2006. P. 146 -148.

¹²⁷ BÍBLIA SAGRADA. **Antigo e Novo Testamento**. Almeida revista e corrigida. 4ª. Edição. Barueri/SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2014. II Rs 25.27-30.

um espírito muito similar: o redator mudava, a escola continuava. Em segundo lugar, se torna compreensível a ampla influência que a obra exerceu no AT, que se estende muito além dos livros históricos de Js até Rs, p. ex., interferindo inclusive na configuração dos livros proféticos. A escola transmitia e comentava - sob a influência do Deuteronômio? - a tradição histórica e profética.¹²⁸

O fato de ter existido uma escola deuteronomista, significa que mesmo os editores não existindo mais, a escola e sua teoria deuteronomista continuavam a influenciar a redação dos escritos bíblicos de seu período. Para Cássio Murilo:

A Crítica da Redação procura corrigir tal imprecisão, defendendo que os redatores bíblicos são verdadeiros autores, que seleccionaram, modificaram e organizaram o material proveniente da tradição, acrescentaram (criaram) novos textos e estabeleceram uma estrutura geral da obra. Neste trabalho, o redator deixa patente seu estilo, suas habilidades literárias, sua teologia, seu *Sitz im Leben* (do autor, não do Gênero Literário).¹²⁹

Muitas adições feitas aos textos posteriormente, é o que Robert Wilson¹³⁰ denomina de período tardio da história da tradição deuteronomista. Adições advindas da interpretação do texto pelos redatores, ou adições complementares para melhor compreensão do contexto e dar ênfase ao significado da mensagem.

A forma final do Livro dos Reis, por exemplo, pode nos oferecer informações a respeito dos redatores deuteronomistas e da comunidade judaica nos tempos de sua elaboração: sua situação, suas expectativas, seus temores.¹³¹

Como se podem perceber os “arranjos” redacionais a que foram submetidos os textos sagrados não foram no intuito de modificar ou alterar o sentido da mensagem. Pelo contrário, foi uma adaptação ao sentido do texto à época em que o redator final produziu o documento. Foi no sentido de melhor entendimento e interpretação para o leitor do período da redação final.

Há uma teoria que se pode acreditar que a História Deuteronomista apareceu em duas edições, “A primeira durante o reinado tardio de Josias, o rei

¹²⁸ SCHMIDT, Werner H. **Introdução ao Antigo Testamento**. Tradução Annemarie Hohn. – São Leopoldo, RS: Sinodal, 1994. P. 137.

¹²⁹ SILVA, Cássio Murilo Dias da. **Metodologia de exegese bíblica**. São Paulo: Paulinas, 2000. P. 256. (Coleção Bíblia e História)

¹³⁰ WILSON, Robert R. **Profecia e sociedade no antigo Israel**. Tradução João Rezende Costa. Revisão de tradução Reginaldo Gomes de Araújo. – 2ª. Ed. rev. – São Paulo: Targumim: Paulus, 2006. P. 266.

¹³¹ SILVA, Cássio Murilo Dias da. **Metodologia de exegese bíblica**. São Paulo: Paulinas, 2000. P. 257. (Coleção Bíblia e História)

reformador de Judá (622-609 a.C.); e a segunda no exílio depois de 561 a.C. (a data do último incidente em 2 Rs)".¹³²

Palavras atualizadas, nomes de cidades ajustadas, personalidades eminentes citadas, datação ou evento histórico, tudo contribuiu para um melhor entendimento da compreensão da escrita. Cada fonte foi cuidadosamente seletiva.

Modificar significa também interpretar. Os redatores da Sagrada Escritura não se utilizaram ingenuamente de suas fontes. Ao contrário, souberam manipulá-las em favor de seus objetivos. Além disso, uma leitura atenta pode revelar-nos tensões e contradições, nas quais se identificam tradição e redação. Esse trabalho, iniciado pela crítica literária, é desenvolvido pela crítica da redação, pois enquanto aquela se limitava a identificar a presença de elementos perturbadores no texto, esta quer explicar o seu porquê, qual sua importância no conjunto e na teologia da configuração final do livro.¹³³

As duas colocações para a história deuteronomista “uma, um contexto de estado reformado e a outra, um contexto de sem-estado desesperançado”¹³⁴ corroboram com a teoria de fontes fragmentárias, suplementares, com a dupla redação, único redator com acréscimos posteriores e a escola ou círculo deuteronomístico para a redação do livro de Reis, parte do composto do escrito deuteronomístico.¹³⁵ Para tanto, a diversidade de fontes selecionadas demonstra uma cuidadosa pesquisa tanto dos atos reais quanto dos anais do templo.

Estes dados oficiais, além de outros complementares (12.25 e outras), poderiam ter sido tomados dos *anais* citados constantemente nos livros dos Reis: "o livro da História de Salomão" (11.41), as "crônicas dos reis de Israel" (14.19 até 2 Rs 15.26,31), como também as "crônicas dos reis de Judá" (1 Rs 14.29 até 2 Rs 24.5). É claro que as indicações de fontes são do redator ou dos redatores dos livros dos Reis. A ele ou eles se devem atribuir também os juízos sobre a piedade dos reis (1 Rs 14.2,18s; 15.3,11,26,34 e outras até 2 Rs 14.19).¹³⁶

Portanto, a redação dos acréscimos ao texto bíblico contribuiu em sua essência para o melhor entendimento e compreensão da escrita no período histórico em que a publicação foi exposta para o leitor da sua época. Para os dias atuais, a

¹³² GOTTWALD, Norman K. **Introdução socioliterária à Bíblia Hebraica**. Tradução Anacleto Alvarez; revisão H. Dalbosco. São Paulo: Paulus, 1998. P. 286.

¹³³ SILVA, Cássio Murilo Dias da. **Metodologia de exegese bíblica**. São Paulo: Paulinas, 2000. P. 258. (Coleção Bíblia e História)

¹³⁴ GOTTWALD, Norman K. **Introdução socioliterária à Bíblia Hebraica**. Tradução Anacleto Alvarez; revisão H. Dalbosco. São Paulo: Paulus, 1998. P. 287.

¹³⁵ DILLARD, Raymond B.; LONGMAN III, Tremper. **Introdução ao Antigo Testamento**. Tradução Sueli da Silva Saraiva. São Paulo: Vida Nova, 2006. Pp. 146 – 148.

¹³⁶ SCHMIDT, Werner H. **Introdução ao Antigo Testamento**. Tradução Annemarie Hohn. – São Leopoldo, RS: Sinodal, 1994. P. 155.

leitura a que se deve fazer, é com um olhar moderno voltada para o mais próximo possível do olhar do autor, com a perspectiva crítica dos “arranjos” do redator final, atentando para a cultura, contexto histórico, econômico, político e imperialista da época de sua produção.

2.4.7 Aplicação da perícopes do texto deuteronomico

Para aplicação da perícopes, não se recorre a uma interpretação de maneira simples, nem de forma simplória “Temos que estudar os vários gêneros literários, bem como as formas paralelas da literatura do mundo antigo para esclarecer o sentido ou o propósito original dos textos bíblicos”.¹³⁷ É necessário estar atento na originalidade do texto e entender a sua literalidade.

A nossa abordagem buscará o sentido do texto bíblico que estiver de acordo com a intenção do autor, conforme refletido no próprio texto. [...] Buscamos o sentido que os textos tinham na época em que eles foram escritos, o sentido que o autor/editor pretendia e que os seus leitores originais com uma probabilidade maior teriam reconhecido.¹³⁸

O leitor, independente da cultura a que está submetido e o nível intelectual apreendido, normalmente, leva para o texto o conhecimento prévio. É como uma conversa com amigos. O pré-entendimento do leitor não muda o sentido que o autor quis dar ao texto, mas poderá entendê-lo de forma diferente.¹³⁹

Dessa forma, há que se atentar para a recomendação de que “Não escolha uma passagem se você não estiver disposto a aprender sobre ela, e dela, e até mesmo ter desafiadas suas pressuposições básicas sobre seu significado”.¹⁴⁰

Ao intérprete cabe fazer a ponte hermenêutica/exegética do texto bíblico para o olhar contemporâneo. É uma leitura moderna com o olhar o mais aproximado possível do autor, com uma sensibilidade crítica das fontes utilizadas e da redação final do editor. “O objetivo final da boa interpretação é a explicação clara, precisa e

¹³⁷ KLEIN, William W.; HUBBARD JR, Robert L.; BLOMBERG, Craig L. **Introdução à interpretação bíblica**. Tradução Maurício Bezerra Santos Silva. – 1. Ed. – Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017. P. 332.

¹³⁸ KLEIN, William W.; HUBBARD JR, Robert L.; BLOMBERG, Craig L. **Introdução à interpretação bíblica**. Tradução Maurício Bezerra Santos Silva. – 1. Ed. – Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017. P. 335.

¹³⁹ KLEIN, HUBBARD, BLOMBERG, 2017, p. 336.

¹⁴⁰ GORMAN, Michael J. **Introdução à exegese bíblica**. Traduzido por Wilson Ferraz de Almeida, 1ª. Ed. – Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017. P. 202.

relevante do sentido intencional do texto em uma linguagem que é relevante para os contemporâneos”.¹⁴¹

Não se deve colocar no texto uma mensagem que o autor não quis informar, nem mesmo o redator final interpretou ou editou em sua redação. “A exegese é o resultado do próprio envolvimento pessoal com o texto. Tal exegese é realmente uma expressão da interseção singular dos contextos – os do autor, dos leitores originais e do intérprete”.¹⁴²

A aplicação legítima exige o uso dos princípios hermenêuticos gerais (estabelecendo o texto adequado, o sentido correto das palavras, o cenário histórico-cultural, o contexto literário maior etc.) e também a hermenêutica especial ou a crítica do gênero. Em outras palavras, também temos que pesquisar as narrativas históricas para ver se os vários personagens representam exemplos bons ou maus, ou se eles somente descrevem o que aconteceu como parte de um conceito teológico mais amplo sobre o agir de Deus no mundo.¹⁴³

Portanto, a aplicação de uma perícopes de um texto bíblico envolve muito mais do que a interpretação. Está ligada à hermenêutica, a exegese, os contextos presentes e sua significação para os leitores da época do texto escrito e como o autor desejou que a recepção de sua mensagem por parte de seu público fosse recebida e entendida. É o que uma boa exegese procura fazer, ao aplicar o texto à contemporaneidade sem desmistificar a literalidade e a intenção do autor.

2.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar das poucas provas arqueológicas encontradas para comprovar a reforma executada pelo rei Josias não se deve duvidar de sua existência. Mesmo com adições deuteronomistas e acréscimos tardios, a história deuteronomista sobre Josias pode ser comprovada mediante os achados arqueológicos recentes em escavações e pesquisas nos territórios bíblicos dos acontecimentos da época monárquica pré-exílica, especialmente, do rei Josias. “[...] Selos e impressões de

¹⁴¹ KLEIN, William W.; HUBBARD JR, Robert L.; BLOMBERG, Craig L. **Introdução à interpretação bíblica**. Tradução Maurício Bezerra Santos Silva. – 1. Ed. – Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017. P. 396.

¹⁴² GORMAN, Michael J. **Introdução à exegese bíblica**. Traduzido por Wilson Ferraz de Almeida, 1ª. Ed. – Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017. P. 205.

¹⁴³ KLEIN, William W.; HUBBARD JR, Robert L.; BLOMBERG, Craig L. **Introdução à interpretação bíblica**. Tradução Maurício Bezerra Santos Silva. – 1. Ed. – Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017. P. 759.

selos de oficiais, funcionários e dignitários da monarquia judaica apenas oferecem possíveis evidências das reformas de Josias.”¹⁴⁴

Um selo de um alto funcionário da corte josiânica foi encontrado nas escavações arqueológicas do Estacionamento Givati (Givati Parking Lot), no Parque Nacional da Cidade de David, em Jerusalém em 2019, por arqueólogos da Autoridade de Antiguidades de Israel e da Universidade de Tel Aviv.¹⁴⁵

Apesar de não existirem muitas provas da reforma de Josias que confirmem claramente as ações de uma reorganização política e cultural, em seu reinado, há, no entanto, “indícios que apontam para mudanças culturais e políticas em Judá pelo final do século VII a.C.”¹⁴⁶

A pesquisa responde a dois questionamentos: primeiro o livro achado no templo foi parte do deuterônomo escrito antes do período da reforma; segundo, o povo da terra são os proprietários de terras aliados dos homens da corte e do templo.

Desse modo, a pesquisa contribui para aprofundamento da discussão sobre o tema das reformas de Josias e desperta interesse em compreender como os líderes do século XXI podem aprender com a reforma do rei Josias do século VII a.C.

¹⁴⁴ FINKELSTEIN, Israel. SILBERMAN, Neil Asher. **A Bíblia não tinha razão**. Traduzido por Tuca Magalhães. São Paulo: A Girafa Editora, 2003. p.387.

¹⁴⁵ **The Jewish Press, 24 Adar II 5779 – 31 de março de 2019. Arqueologia: descoberto selo que prova a existência do Rei Josias. Selo trazendo o nome oficial da Corte do Rei Josias, descoberto na cidade de David.** <https://abiblica.org.br/novo/descoberto-selo-que-prova-a-existencia-do-rei-josias/> Consulta realizada no dia 14 de abril de 2022 as 15h42m de Brasília/DF.

¹⁴⁶ ROMER, Thomas. **A chamada História Deuteronomista: introdução sociológica, histórica e literária**. Tradução de Gentil Avelino Tilton. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 59.

3 O CONTEXTO RELIGIOSO DE JUDÁ NO SÉCULO VII A.C.

Israel o Reino Norte havia sido levado cativo pelos Assírios em 722 a.C.. O rei Josias, vê nessa “unidade” religiosa e fervor “espiritual” a possibilidade de representar e liderar “todo o Israel”, o povo de Judá e a mistura de povos no Norte de Israel deportados pelos assírios.

A reforma instituída pelo rei Josias foi influenciada pela pregação dos profetas, sobretudo Naum, Sofonias, Jeremias, Hulda e Habacuque. A contribuição das mensagens de profetas de seu tempo como Naum que profetizou a destruição de Nínive, Sofonias com sua mensagem aterradora cobrando justiça para com os pobres, Jeremias com sua mensagem de arrependimento e Hulda com a confirmação do juízo de Javé, para um povo avesso à observância do Livro da Lei e Habacuque que mesmo com seu ministério profético tardio, foram decisivas para o movimento da reforma.

Os sacerdotes e a centralização do culto conjuntamente com os profetas e escribas influenciadores religiosos influentes participaram ativamente na efervescente discussão e execução da reforma. De forma antagônica, o nacionalismo e autonomia política em Judá expôs a concentração de poder econômico com a centralização do culto no templo em Jerusalém com os problemas sociais do contexto religioso do século VII.

Portanto, todos esses argumentos apresentados de forma sucinta numa discussão de narrativa histórica apontando as contribuições e as observações críticas, na execução da reforma de Josias desdobra numa aparente renovação religiosa da aliança com Javé, o Senhor Único digno de adoração.

3.1 PROFETAS CONTEMPORÂNEOS DO REI JOSIAS

O rei Josias teve em seu círculo de convivência político-religiosa profetas que pregaram suas mensagens antes, durante e após a reforma de seu tempo. O século VII a.C. foi marcadamente o período em que estes mensageiros influenciaram toda uma geração com suas profecias. Para Bernardeth Bustillos, a profetisa Hulda viveu, possivelmente, no mesmo período dos profetas Sofonias,

Naum e Habacuque, no entanto, pela linguagem e forma do texto deuteronomista, não é possível que tenha sido datado antes do exílio.¹⁴⁷

Os profetas tiveram sua participação influente na reforma do rei Josias em Judá. Já se comprovou nessa pesquisa que os profetas Naum, Sofonias, Jeremias, Hulda e Habacuque contribuíram com suas mensagens para o novo momento político e sócio religioso em que o Reino Sul de Judá vivenciou.

Naum e Sofonias profetizaram antes da reforma. Jeremias, Hulda e Habacuque profetizaram durante e após as reformas. Cada qual ao seu estilo e necessidade. Vale ressaltar que esses profetas foram antecidos por outros do século VIII que já traziam em suas mensagens juízos para a classe política, o clero, os juízes, os ricos proprietários de terras e comerciantes. Profetas do reino norte como Amós e Oseias que além de profetizar registraram suas profecias. Seus escritos podem ter sido levados para o reino sul após a queda de Samaria em 722 a.C., e influenciado muita gente.

Os profetas do Reino Sul seus contemporâneos como Isaías e Miqueias também registraram suas profecias. Suas mensagens são duras e direcionadas à classe política e ao clero. Cobram justiça e um retorno ao Deus Único Javé. “Os grandes profetas são aqueles que costumamos chamar de profetas literários, porque possuímos obras que fixaram sua proclamação, em forma escrita.”¹⁴⁸ Eles são chamados de proclamadores e pregadores.

Em suma, havia apreciável porção de gente em Judá que se deixava influenciar por ideias de reforma. Essas pessoas eram sem dúvida estimuladas pela maneira como os profetas explicavam a ruína que se abateria sobre Israel: o julgamento por lahweh de um povo apóstata e violador da aliança divina.¹⁴⁹

¹⁴⁷ BUSTILLOS, Bernardeth Carmen Caero. **La Profetisa Juldá y la Palabra de YHWH (2Rs 22,11-20)**. Perspectiva Teológica, Belo Horizonte, v. 53, n. 3, p. 609, set/dez. 2021. “Este hallazgo crea consternación en el rey tanto así que se rasga sus vestiduras, símbolo de penitencia (2 Rs 22,5.8-11). Cabe destacar que la reforma de Josías está también relacionada con actos de violencia e intolerancia en nombre de Dios (MONTEIRO DE MATOS, 2020,p. 60). Según Weems, Juldá pudo haber vivido en la misma época de los profetas Sofonias, Nahúm y Habacuc (WEEMS, 2003, p. 329). El relato de 2 Rs 22 se lo puede datar no antes del exilio, esto teniendo en cuenta el lenguaje y la forma deuteronomista del texto (FISCHER, 2002, p. 170)”.

¹⁴⁸ GUNNEWEG, Antonius H. L. **Teologia bíblica do Antigo Testamento: uma história da religião de Israel na perspectiva bíblico-teológica**. Tradução Werner Fuchs. Revisão Haroldo Reimer. São Paulo: Editora Teológica: Edições Loyola, 2005. P. 236. (série biblioteca de estudos do Antigo Testamento).

¹⁴⁹ BRIGHT, John. **História de Israel**. Edição revista e ampliada a partir da 4ª. Edição original. 7ª. Ed. São Paulo: Paulus, 2004. P. 281.

Com efeito, a mensagem profética mexia com o imaginário popular do povo e ao mesmo tempo enchia de ira e revolta os ricos e nobres palacianos por serem denunciados. Uma reforma do culto era necessária. “[...] Os profetas clássicos de Israel, os profetas literários, entraram em cena entre o séc. VIII e o século da restauração judaica no período do pós-exílio, ou seja, até os sec. VI e V.”¹⁵⁰

3.1.1 Habacuque

O profeta Habacuque profere sua mensagem mediante uma visão que teve a respeito da derrota dos assírios pelos Babilônicos.

Habacuque foi escrito no tempo da ascensão dos caldeus (Hc1.6), i.e., em algum ponto no final do séc. VII ou no início do séc. VI a.c. Por volta de 625 a.c, a Assíria entrara num rápido declínio, mais ou menos na época em que Nabopolassar, o pai de Nabucodonosor, assumiu o trono da Babilônia. [...] A referência à ascensão dos caldeus (Hc 1.6) sugere uma data entre 625 e 604, visto que a menção das numerosas conquistas dos exércitos babilônicos (2.5,8-10) sugere uma data um pouco posterior. Habacuque foi provavelmente contemporâneo de Jeremias, Sofonias, Naum e talvez de Joel.¹⁵¹

E o pecado de Judá é tão aviltante que a lei se afrouxa, a sentença nunca sai, e quando chega a sair, o ímpio ganha com uma justiça pervertida.

O profeta começa com a queixa a respeito da injustiça em Judá (1,1-4), à qual uma resposta divina lhe assegura que os neobabilônios estão surgindo, presumivelmente para trazer castigo a Judá (1,5-11). Em lugar da “resposta” de lahweh resolvendo a questão, o profeta apresenta queixa adicional no sentido de que os neobabilônios são predadores impiedosos que combinam iniquidade (1,12-17), para a qual a resposta de lahweh é uma “visão” que consta de algumas breves palavras que o profeta deve anunciar em cartazes para todos lerem: “Eis que sucumbe aquele cuja alma não é reta, mas o justo viverá por sua fidelidade” (2,4).¹⁵²

E Judá seria castigada por essa nação neobabilônica pelos pecados cometidos e não arrependidos. O profeta chega a dizer que as nações ficariam

¹⁵⁰ GUNNEWEG, Antonius H. L. **Teologia bíblica do Antigo Testamento: uma história da religião de Israel na perspectiva bíblico-teológica**. Tradução Werner Fuchs. Revisão Haroldo Reimer. São Paulo: Editora Teológica: Edições Loyola, 2005. P. 236. (série biblioteca de estudos do Antigo Testamento).

¹⁵¹ DILLARD, Raymond B.; LONGMAN III, Tremper. **Introdução ao Antigo Testamento**. Tradução Sueli da Silva Saraiva. São Paulo: Vida Nova, 2006. P. 393.

¹⁵² GOTTWALD, Norman K. **Introdução socioliterária à Bíblia Hebraica**. Tradução Anacleto Alvarez; revisão H. Dalbosco. São Paulo: Paulus, 1998. P. 370, 371.

assombradas e desacreditadas ao saberem que Javé estava levantando os Caldeus para punir a Judá por seus males irremediáveis.

Com toda a probabilidade, Habacuque foi testemunha do declínio e da queda do império assírio, durante sua vida. Em sincronia com o amortecimento da influência assíria sobre Judá, ocorreu o reavivamento sob a liderança de Josias.¹⁵³

Vê-se incrédulo e questiona a Deus porque o Senhor tolera os babilônios, um povo cruel, mau, que seria usado para punir a Judá e ouve de Javé a resposta de que punirá os inimigos do seu povo e que “o justo viverá da fé”.¹⁵⁴

De Habacuc não há nenhuma referência no seu livro, porém deve ser datado em conjuração com o surgimento dos neobabilônios (“Caldeus” de 1,6), os quais obtiveram hegemonia sobre a Palestina, derrotando os egípcios em Carquemis em 605. Sugestões, no interior do livro, de experiência prolongada de opressão neobabilônica podem significar que Habacuc continuou sua atividade durante alguns anos, talvez até a queda de Jerusalém em 586.¹⁵⁵

Habacuque se esforçou para entregar sua mensagem, que em meio ao caos em que se encontrava a nação de Judá, sentiu-se preocupado se seus oráculos eram de fato verdadeiros. É confortado por Javé que o orienta a escrever sua visão em tábuas, para fixá-la e ser lida, enquanto o cumprimento não se dava, pois mesmo que demorasse, o Senhor cumpriria a sua palavra no tempo certo e não tardaria.

Então, o Senhor me respondeu e disse: Escreve a visão e torna-a bem legível sobre tábuas, para que a possa ler o que correndo passa. Porque a visão é ainda para o tempo determinado, e até ao fim falará, e não mentirá; se tardar espera-o, porque certamente virá, não tardará.¹⁵⁶

O profeta continuou a profetizar após o período do reinado de Josias. Seu trabalho na corte palaciana e nos círculos culturais funcionava dentro da instituição central religiosa da capital Jerusalém.

¹⁵³ SCHULTZ, Samuel J. **A história de Israel no Antigo Testamento**. Tradução João Marques Bentes. São Paulo: Vida Nova, 2009. P. 472.

¹⁵⁴ BÍBLIA SAGRADA. **Antigo e Novo Testamento**. Almeida revista e corrigida. 4ª. Edição. Barueri/SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2014. Hc 2.4.

¹⁵⁵ GOTWALD, Norman K. **Introdução socioliterária à Bíblia Hebraica**. Tradução Anacleto Alvarez; revisão H. Dalbosco. São Paulo: Paulus, 1998. P. 367, 368.

¹⁵⁶ BÍBLIA SAGRADA. **Antigo e Novo Testamento**. Almeida revista e corrigida. 4ª. Edição. Barueri/SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2014. Hc 2.2-3.

A documentação, pois, indica que Habacuc deve ser localizado dentro de uma das tradições proféticas de Judá. Sem dúvidas, foi profeta central em Jerusalém, que tinha funções de manutenção social na instituição religiosa, embora não seja necessário admitir que participava regularmente dos rituais do templo. [...] Ajudou a assegurar a estabilidade da sociedade, articulando a fé tradicional de Israel e proclamando oráculos contra os inimigos do povo. [...] Ele é instruído para escrever suas visões, de forma que gerações futuras possam lembrar-se delas, e se lhe diz da parte de Yahweh que o cumprimento das visões ocorreria somente no futuro.¹⁵⁷

O profeta Habacuque encerra o seu livro com uma linguagem de cântico muito próxima com a sabedoria presente nos Salmos. “O livro faz uso do gênero do lamento, uma forma de literatura associada ao templo; os termos musicais no salmo em Habacuque 3 também sugerem o uso litúrgico”.¹⁵⁸ Mesmo nos dois primeiros capítulos vê-se uma linguagem sapiencial e profética. “Conforme ficou demonstrado pela efêmera reforma de Josias, Judá era incorrigivelmente corrupto e estava prestes a ser julgado”.¹⁵⁹ A sua oração é encerrada com cântico de confiança em Deus, de alegria e exultação no Deus de sua salvação.¹⁶⁰

Habacuque foi um interlocutor do culto no templo e participou ativamente das atividades proféticas de seu tempo em Judá. Contemporâneo de Josias participou na reta final de seu reinado e possivelmente testemunhou a destruição de Jerusalém em 586 a.C..

Suspeita-se que Habacuque foi um profeta do templo ligado a classe sacerdotal. Sua mensagem poética, sobretudo, o seu terceiro capítulo, um salmo, com termos musicais pode deduzir que tenha sido um profeta do culto.¹⁶¹ “Esta combinação impressionante de formas proféticas e sálmicas no livro de Habacuque estimulou muita especulação a respeito de sua relação com o culto [...]”.¹⁶² Sua mensagem influenciou decisões políticas. Ao mesmo tempo criticou duramente seus

¹⁵⁷ WILSON, Robert R. **Profecia e sociedade no antigo Israel**. Tradução João Rezende Costa. Revisão de tradução Reginaldo Gomes de Araújo. – 2ª. Ed. rev. – São Paulo: Targumim: Paulus, 2006. P. 325.

¹⁵⁸ DILLARD, Raymond B.; LONGMAN III, Tremper. **Introdução ao Antigo Testamento**. Tradução Sueli da Silva Saraiva. São Paulo: Vida Nova, 2006. P. 392.

¹⁵⁹ ELLISEN, Stanley A. **Conheça melhor o Antigo Testamento: um guia com esboço e gráficos explicativos dos primeiros 39 livros da Bíblia**. Tradução Emma Anders de Souza Lima. 2. Ed. Rev. e atual. São Paulo: Editora Vida, 2007. P. 373.

¹⁶⁰ BÍBLIA SAGRADA. **Antigo e Novo Testamento**. Almeida revista e corrigida. 4ª. Edição. Barueri/SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2014. Hc 3.17-19.

¹⁶¹ DILLARD, Raymond B.; LONGMAN III, Tremper. **Introdução ao Antigo Testamento**. Tradução Sueli da Silva Saraiva. São Paulo: Vida Nova, 2006. P. 392.

¹⁶² GOTTWALD, Norman K. **Introdução socioliterária à Bíblia Hebraica**. Tradução Anacleto Alvares; revisão H. Dalbosco. São Paulo: Paulus, 1998. P. 371.

contemporâneos judaítas que desdenhosamente praticavam violência contra o pobre e o necessitado. E suscitava litígio e contenda entre irmãos.

A lei não era cumprida e a sentença quando saía era pervertida. Seu tom de crítica já vem logo no início do seu livro: “[...] há quem suscite a contenda e o litígio. Por esta causa, a lei se afrouxa, e a sentença nunca sai; porque o ímpio cerca o justo, e sai o juízo pervertido”.¹⁶³ Jerusalém e todos quantos ouviram sua mensagem puderam perceber o quanto Javé estava desgostoso com suas atitudes e que o mal já estava determinado.

Tal qual a confirmação dada pela profetisa Hulda quando consultada pela delegação de Josias. “Habacuc teria sido reconhecível no meio dos pobres e humildes portadores da fé dos quais falou Sofonias”.¹⁶⁴ Daí sua intimidade com os escribas, levitas e os homens do templo, na maioria, defensores do nacionalismo efervescente da reforma de Josias.

3.1.2 Jeremias

O profeta Jeremias iniciou o seu ministério profético no ano décimo terceiro do reinado do rei Josias, quando o rei tinha 21 anos de idade.¹⁶⁵ “A ele veio a palavra do Senhor, nos dias de Josias, filho de Amom, rei de Judá, no décimo terceiro ano do seu reinado”.¹⁶⁶ O rei e o profeta eram contemporâneos jovens e diferenciados do ponto de vista da religião monoteísta.

¹⁶³ BÍBLIA SAGRADA. **Antigo e Novo Testamento**. Almeida revista e corrigida. 4ª. Edição. Barueri/SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2014. Hc 1.3c-4.

¹⁶⁴ GOTTWALD, Norman K. **Introdução socioliterária à Bíblia Hebraica**. Tradução Anacleto Alvares; revisão H. Dalbosco. São Paulo: Paulus, 1998. P. 372.

¹⁶⁵ “Nasceu em 647 a.C. aproximadamente, em Anatote, uma cidade sacerdotal distante cerca de 5 km a nordeste de Jerusalém. Era filho de Hilquias, que foi provavelmente o sumo sacerdote na ocasião da reforma de Josias. Hilquias foi também o bisavô de Esdras (Ed 7:1).” ELLISEN, Stanley A. **Conheça melhor o Antigo Testamento: um guia com esboço e gráficos explicativos dos primeiros 39 livros da Bíblia**. Tradução Emma Anders de Souza Lima. 2. Ed. Rev. e atual. São Paulo: Editora Vida, 2007. P. 269. É preciso ressaltar que não concordo com a afirmação de Ellisen de que o Hilquias sumo sacerdote do templo foi o pai de Jeremias. Trata-se evidentemente, de outro Hilquias, possivelmente da linhagem sacerdotal zadoquista. No entanto, é preciso ressaltar que “Embora alguns peritos neguem que o pai de Jeremias e o sacerdote que encontrou o livro da lei sejam o mesmo indivíduo, não existem razões convincentes para esta negação. Pode muito bem ser, portanto, que Helcias tenha sido sacerdote efraimita que entrou no culto de Jerusalém como resultado das reformas de Josias.” Vide: WILSON, Robert R. **Profecia e Sociedade no antigo Israel**. Tradução João Rezende Costa. 2ª. Ed. Rev. São Paulo: Targumim:Paulus, 2006. P. 265.

¹⁶⁶ BÍBLIA SAGRADA. **Antigo e Novo Testamento**. Almeida revista e corrigida. 4ª. Edição. Barueri/SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2014. Jr 1.2.

Jeremias exerceu seu ministério durante os tumultuados anos que presenciaram o declínio da Assíria e a ascensão do Império Babilônico. Judá passou rapidamente por curtos períodos de independência e sujeição, primeiro para o Egito e depois para a Babilônia. O ministério do profeta é exercido contra o pano de fundo do governo de três filhos e um neto de Josias, os quatro últimos dirigentes de Judá.¹⁶⁷

O texto de II Rs 22.3-5 mostra que 5 anos após esta primeira profecia de Jeremias, o rei Josias dá ordens ao seu escrivão Safã para subir ao templo ao Sumo Sacerdote Hilquias,¹⁶⁸ para providenciar o dinheiro arrecadado do povo, para que os supervisores e encarregados pudessem distribuir aos carpinteiros, edificadores, pedreiros, bem como para a compra de materiais como pedras lavradas, madeiras, empregadas na reparação das fendas e rachaduras do templo que seria restaurado por ordem do rei Josias.

“Durante o período dessa reforma de âmbito nacional, Jeremias foi chamado ao ministério profético, em torno de 627 a.C.”.¹⁶⁹ Este foi um dos primeiros passos da reforma josiânica. A reforma estrutural das rachaduras físicas do templo.

Sucedeu, pois, que no ano décimo oitavo do rei Josias, o rei mandou o escrivão Safã, filho de Azalias, filho de Mesulão, à Casa do Senhor, dizendo: Sobe a Hilquias, o Sumo Sacerdote, para que tome o dinheiro que se trouxe à Casa do Senhor, o qual os guardas do umbral da porta ajuntaram do povo. E que o deem na mão dos que tem o cargo da obra e estão encarregados da Casa do Senhor; para que o deem áqueles que fazem a obra que há na Casa do Senhor, para repararem as fendas da casa: aos carpinteiros, e aos edificadores, e aos pedreiros; e para comprar madeira e pedras lavradas, para repararem a casa.¹⁷⁰

A indignação da ira do Senhor para com Judá era iminente e abominável. Havia tantos altares e tantos deuses que Jeremias chegou a dizer: “Porque, segundo o número das tuas cidades, foram os teus deuses, ó Judá! E, segundo o número das ruas de Jerusalém, levantaste altares à impudência, altares para queimares incenso a Baal”.¹⁷¹

¹⁶⁷ DILLARD, Raymond B.; LONGMAN III, Tremper. **Introdução ao Antigo Testamento**. Tradução Sueli da Silva Saraiva. São Paulo: Vida Nova, 2006. P. 272.

¹⁶⁸ WILSON, Robert R. **Profecia e sociedade no antigo Israel**. Tradução João Rezende Costa. Revisão de tradução Reginaldo Gomes de Araújo. – 2ª. Ed. rev. – São Paulo: Targumim: Paulus, 2006. P. 277.

¹⁶⁹ SCHULTZ, Samuel J. **A história de Israel no Antigo Testamento**. Tradução João Marques Bentes. São Paulo: Vida Nova, 2009. P. 375.

¹⁷⁰ BÍBLIA SAGRADA. **Antigo e Novo Testamento**. Almeida revista e corrigida. 4ª. Edição. Barueri/SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2014. II Rs 22.3-6.

¹⁷¹ BÍBLIA SAGRADA, 2014, Jr 11.13 ARC.

Afirma-se ter Jeremias profetizado desde 626 até um tempo alguns meses ou anos depois da destruição de Jerusalém em 586. [...] O esforço de Josias por uma renovação cultural e sociopolítica e o estabelecimento de um império neodavídico a fim de preencher o vazio deixado pelo precipitado declínio da Assíria, haviam levantado esperanças que não se realizaram.¹⁷²

“O ministério de Jeremias começou no reinado de Josias e continuou em Jerusalém durante os dezoito anos de reforma e os vinte e dois anos de colapso nacional”.¹⁷³ Foi contemporâneo de Josias, um pouco mais jovem do que o rei.

O profeta faz menção à Assíria em Jr 2.18; e afirma em Jr 3.6-14 ser nos dias do rei Josias a sua mensagem para Israel do Norte e Judá o reino Sul. Não se pode duvidar da influência de Jeremias sobre Josias e a classe dirigente do templo. Mesmo sua linhagem de Abiatar não servindo diretamente no ofício sacerdotal e sua terra Anatote ser uma cidade de refúgio de sua família, seu chamado implicou falar em nome de Yahweh independentemente do desterro ministerial de sua ascendência.

3.1.3 Sofonias

O profeta Sofonias profetizou durante o reinado de Josias, possivelmente, antes das reformas conforme pode se ver na descrição de sua biografia. “Palavra do Senhor vinda a Sofonias, filho de Cusi, filho de Gedalias, filho de Amarias, filho de Ezequias, nos dias de Josias, filho de Amom, rei de Judá”.¹⁷⁴ Seu ministério profético foi desempenhado ao mesmo tempo de seus contemporâneos Habacuque e Jeremias. Cresceu nos anos da apostasia e da opressão assíria, possivelmente, nos reinados de Manassés e Amom.¹⁷⁵

O ministério profético de Sofonias está associado à época de Josias (Sf 1:1). Não há qualquer data específica fora dessa, mas parece provável que ele agiu antes do começo da reforma encabeçada por Josias. Sendo aparentemente um descendente de Ezequias, Sofonias pode ter sido criado sob a influência dos mesmos mestres que haviam instruído e orientado Josias, nos primeiros anos de sua vida. Por certo não é descabido dar a

¹⁷² GOTTWALD, Norman K. **Introdução socioliterária à Bíblia Hebraica**. Tradução Anacleto Alvarez; revisão H. Dalbosco. São Paulo: Paulus, 1998. P. 372.

¹⁷³ ELLISEN, Stanley A. **Conheça melhor o Antigo Testamento: um guia com esboço e gráficos explicativos dos primeiros 39 livros da Bíblia**. Tradução Emma Anders de Souza Lima. 2. Ed. Rev. e atual. São Paulo: Editora Vida, 2007. P. 270.

¹⁷⁴ BÍBLIA SAGRADA. **Antigo e Novo Testamento**. Almeida revista e corrigida. 4ª. Edição. Barueri/SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2014. Sf 1.1.

¹⁷⁵ DILLARD, Raymond B.; LONGMAN III, Tremper. **Introdução ao Antigo Testamento**. Tradução Sueli da Silva Saraiva. São Paulo: Vida Nova, 2006. P. 397.

esse profeta o crédito da tarefa de estimular o movimento reformador liderado por Josias.¹⁷⁶

A sua profecia é duramente dirigida aos líderes de Judá, nesse caso, com endereço certo, a corte palaciana do rei Josias.

Inteiramente consumirei tudo sobre a face da terra, diz o Senhor. Arrebatarei os homens e os animais, consumirei as aves do céu, e os peixes do mar, e os tropeços com os ímpios; e exterminarei os homens de Judá e contra todos os habitantes de Jerusalém e exterminarei deste lugar o resto de Baal e o nome dos quemarins com os sacerdotes.¹⁷⁷

Esta profecia de Sofonias foi anterior às reformas josiânicas. Sua palavra foi de juízo, de castigo, ameaças, mas também de promessas de restauração. Sua profecia atingia diretamente o culto híbrido e cheio de profanações dentro e fora do templo. Quer seja em Jerusalém ou nas cidades de Judá.

A influência assíria de culto havia invadido Jerusalém e todo o Judá. Politicamente, a Assíria já não mais era uma ameaça, no entanto, o ritual cúltico assírio estava presente nas celebrações e adorações com seus variados altares e deuses para gostos específicos.

Além da instituição de cultos assírios regulares, observa-se uma afluência de usos e costumes assírios, sobretudo na aristocracia jerosolimita. Detalhes a respeito disso encontram-se em Sf 1:1-6, 8s. Ambos os ditos são dirigidos contra os habitantes de Jerusalém, o segundo expressamente contra o funcionalismo e contra os príncipes régios. O profeta os acusa de se terem aberto a costumes religiosos estrangeiros: sobre os telhados de suas casas ele se prostram diante do exército celestial, trajam vestes estrangeiras – provavelmente assírias – e, quando entram numa casa, pulam graciosamente por cima da soleira. Usos e modas assim tem uma base e uma coloração religiosa, e não admira que, segundo Sf 1:4, Javé declare que ‘exterminará o resto de Baal’.¹⁷⁸

Percebe-se que os deuses assírios se mesclaram com os deuses cananeus numa adoração híbrida com nomes como Baal e Aserá. A ameaça de castigo divino é dirigida aos sacerdotes que transgridam a lei e o santuário, aos profetas levianos que profetizam mentiras, aos príncipes e juízes do povo. Uma dura e terrível justiça,

¹⁷⁶ SCHULTZ, Samuel J. **A história de Israel no Antigo Testamento**. Tradução João Marques Bentes. São Paulo: Vida Nova, 2009. P. 465.

¹⁷⁷ BÍBLIA SAGRADA. **Antigo e Novo Testamento**. Almeida revista e corrigida. 4ª. Edição. Barueri/SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2014. Sf 1.2-3.

¹⁷⁸ DONNER, Herbert. **História de Israel e dos povos vizinhos**. Tradução de Cláudio Molz e Hans Trein. – 7. Ed. São Leopoldo: Sinodal, 2017. P. 396. 2 v.

mas também, uma promessa de salvação para os fiéis, remanescentes, recolhidos pelo Senhor, Javé, e trazidos de volta a Jerusalém.¹⁷⁹

As predições proféticas de Sofonias – que era contemporâneo do rei – continham uma denúncia geral de idolatria em Judá e a ameaça da retribuição Divina, enquanto, ao mesmo tempo, afirmavam a superioridade de Jeová sobre todas as outras supostas divindades e nações.¹⁸⁰

O profeta Sofonias influenciou e se deixou influenciar pela reforma josiânica. Tanto Sofonias quanto seus contemporâneos profetas se utilizaram da boa-fé e da intenção palaciana de arrependimento e retorno ao ritual de culto a Javé, o Deus verdadeiro, pregado por Moisés e pelo “grupo do círculo deuteronomista”.

O profeta se colocava solidamente dentro da instituição real de Jerusalém, e podemos razoavelmente supor que Sofonias foi profeta central durante o reinado de Josias. [...] Sofonias se declara contra sacerdotes idólatras, o culto de Baal e o culto dos outros deuses (Sf 1:4-6). Membros da instituição – funcionários, juízes, profetas e sacerdotes – são criticados por abusos no ofício (Sf 3:3-5). [...] É, pois, preferível sugerir que Sofonias foi influenciado até certa medida pela reforma de Josias. Comumente se tomam referências de Sofonias a abusos culturais em Jerusalém, no sentido de indicar que o profeta agiu antes de começarem as reformas de Josias.¹⁸¹

A pregação de Sofonias anunciando o declínio e a queda da Assíria e a consequente elevação da Babilônia como poder imperial “mundial” confirma sua atuação profética nos dias de Josias, sobretudo, antes das reformas.

A Sofonias é dada extensa genealogia (1,1), que pode ora pretender mostrar que ele era tataraneto do rei Ezequias, ora que seu pai Cusi (“egípcio/etiópico”?) era, afinal, israelita completo e não estrangeiro. Datado no reinado de Josias, o agudo criticismo, de Sofonias, de irregularidade religiosa e atavio estrangeiro sugere fortemente ter ele pregado em Judá antes da Reforma Deuteronomica.¹⁸²

A pregação de Sofonias teve início durante o reinado de Josias e deu-se antes do início da reforma de 622 a.C., como contemporâneo da profetisa Hulda conhecia bem o contexto político religioso da época e estava plenamente consciente

¹⁷⁹ BÍBLIA SAGRADA. **Antigo e Novo Testamento**. Almeida revista e corrigida. 4ª. Edição. Barueri/SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2014. Sf 3.3-5, 13, 20.

¹⁸⁰ HARRISON, R. K. **Tempos do Antigo Testamento. Um contexto social, político e cultural**. Tradução Degmar Ribas. Rio de Janeiro: CPAD, 2010. P. 252.

¹⁸¹ WILSON, Robert R. **Profecia e sociedade no antigo Israel**. Tradução João Rezende Costa. Revisão de tradução Reginaldo Gomes de Araújo. – 2ª. Ed. rev. – São Paulo: Targumim: Paulus, 2006. P. 326, 327, 328.

¹⁸² GOTTWALD, Norman K. **Introdução socioliterária à Bíblia Hebraica**. Tradução Anacleto Alvarez; revisão H. Dalbosco. São Paulo: Paulus, 1998. P. 367.

dos juízos preconizados no Livro da Lei. Suas profecias mostram o quanto Judá estava desviado de Javé.

É importante ressaltar que a reforma não se deu da descoberta do livro da lei no templo. Este sentimento reformista vem sendo pregado mediante as injustiças praticadas por governantes e o clero sem nenhum temor religioso. Sofonias não se furtou de sua responsabilidade profética.

Como os grandes profetas do século VIII, isto é, Amós, Oséias, Isaías e Miquéias, também Sofonias — que mostra ser discípulo espiritual de Isaías — denuncia com coragem e energia as injustiças de toda espécie, a idolatria, o materialismo prático, a indiferença religiosa, os abusos de poder. Mas ele não se limita a denunciar, desmascarar, condenar. Quer também incitar a nova atividade, à conversão, à mudança de vida. Neste sentido, é precursor da reforma josiana, à qual parece também que tenha dado contribuição direta.¹⁸³

Sofonias conhecia muito bem as entranhas políticas e administrativas da corte de Judá. Não coadunava com as atitudes ilícitas dos governantes. “É bem provável que Sofonias conhecesse a sorte de Jerusalém, predita por Amós, Isaías e outros profetas mais antigos.”¹⁸⁴

Conhecia muito bem as profecias do profeta Isaías que advertiu a Ezequias da conquista da cidade, e de que seus familiares e as riquezas de Jerusalém e do templo teriam um destino cruel, ao serem levados para a Babilônia. A visita dos embaixadores babilônicos se deu mais de cem anos antes dos acontecimentos terríveis e Josias recebeu a confirmação de que esse juízo não seria revogado.

No entanto, ele seria poupado de tamanha desgraça e infortúnio. É possível entender as reformas de Josias como um apelo dos profetas seus contemporâneos. É perceptível a compreensão do nacionalismo judaíta como um movimento de sentimento religioso e ritualístico voltado para a unificação do reino samaritano, antigo Israel Norte, ao reino “liberto” nacionalista do Sul sob Josias.

¹⁸³ BONORA, Antonio. **Naum, Sofonias, Habacuc, Lamentações: sofrimento, protesto e esperança.** Tradução Lucy R. M. César; revisão H. Dalbosco. São Paulo: Edições Paulinas, 1993. P. 99. (Coleção pequeno comentário bíblico – AT).

¹⁸⁴ SCHULTZ, Samuel J. **A história de Israel no Antigo Testamento.** Tradução João Marques Bentes. São Paulo: Vida Nova, 2009. P. 465. Sobre a sorte de Jerusalém predita por Isaías ao rei Ezequias, vide Is 39.1-8 onde narra a visita dos embaixadores babilônicos que vasculharam os tesouros da casa do rei e do templo.

3.1.4 Hulda

A profetisa Hulda morava na segunda parte da cidade de Jerusalém, era mulher de Salum, o guarda das vestimentas utilizadas por sacerdotes e levitas no templo conforme II Rs 22.14 e II Cr 34.22.¹⁸⁵ Era conhecida, tinha um ministério profético e dava-se consulta a quem por ela perguntasse ao Senhor alguma questão. Foi o que aconteceu no caso da ordem do rei Josias aos seus funcionários que fossem até ela para que a consultasse.

Está claro pelo tom da ordem de Josias que ele não estava apenas em busca de mais informações sobre os conteúdos do livro. Pelo contrário, estava preocupado porque o povo não obedecia as leis contidas no livro e corria, em consequência, perigo de ser punido por lahweh.¹⁸⁶

O teor do texto descrito no pergaminho do livro da lei deixou o rei consternado, contrito e se humilhou a ponto de rasgar as suas vestes e teve temor de que tudo o que estava escrito pudesse vir de encontro ao seu reino e sua nação. Era muito sério, os pecados e a desobediência espiritual do povo de Judá, começando pela corte palaciana. Os funcionários obedeceram a ordem de Josias e foram até a casa da profetisa Hulda.

Em resposta à consulta dos delegados do rei, a profetisa deu oráculo de julgamento formulado em linguagem estereotipada deuteronomista. De acordo com o oráculo, o povo não tinha obedecido às prescrições deuteronomistas e devia, em consequência, sofrer os males mencionados no livro. Mas o rei penitente, que iniciara a consulta, seria poupado de testemunhar a ruína da nação.¹⁸⁷

Essa mensagem profética foi primordial para que a reforma já inicialmente em execução, com os reparos na estrutura física do templo, tomasse impulso para que uma aliança do povo para com Deus fosse efetivamente pactuada, com o intuito de aplacar tudo o que estava descrito no Livro da Lei.

Assim diz o Senhor: Eis que trarei mal sobre este lugar e sobre os seus moradores, a saber, todas as palavras do livro que leu o rei de Judá.

¹⁸⁵ BÍBLIA SAGRADA. **Antigo e Novo Testamento**. Almeida revista e corrigida. 4ª. Edição. Barueri/SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2014.

¹⁸⁶ WILSON, Robert R. **Profecia e sociedade no antigo Israel**. Tradução João Rezende Costa. Revisão de tradução Reginaldo Gomes de Araújo. – 2ª. Ed. rev. – São Paulo: Targumim: Paulus, 2006. P. 261, 262.

¹⁸⁷ WILSON, 2006, p. 262.

Porquanto me deixaram e queimaram incenso a outros deuses, para me provocarem à ira por todas as obras das suas mãos, o meu furor se acendeu contra este lugar e não se apagará.¹⁸⁸

Essa sentença profética confirmando todas as palavras do Livro da Lei turbou sobremaneira o coração do rei Josias. Ele se entenece e contrito busca humildemente o favor de Deus para não destruir sua nação e nem exterminar o seu povo moradores de Jerusalém e de Judá.

Hulda, a profetisa residente em Jerusalém, recebeu uma mensagem oportuna para eles, clara e simples em sua natureza: as maldições e juízos contra a idolatria eram inevitáveis. Jerusalém não seria poupada da ira de Deus. No entanto, Josias seria poupado da angústia da destruição de Jerusalém, visto que havia correspondido penitentemente ao livro da lei. Encabeçado pelo rei, os anciãos de Judá, os sacerdotes, os levitas e a população de Jerusalém se reuniram para ouvir a leitura pública do livro recém-encontrado. Em pacto solene, o rei Josias, com apoio do povo, prometeu que se consagraria de todo o coração a obedecer à lei.¹⁸⁹

Os funcionários do rei retornam com a mensagem do juízo confirmado, no entanto, com uma palavra de boa nova. O rei morrerá antes que a justiça divina seja aplicada, e, nesse caso, não veria a desgraça do cumprimento da prescrição do livro confirmada pela profetisa.

Hulda, moradora do bairro periférico de Jerusalém foi fundamental para a execução do plano deuteronomista de reforma do rei Josias. Mesmo sem a maturidade intelectual que a filosofia ideológica dos deuteronomistas exigia, o jovem rei determinou aos seus funcionários para que a procurassem e consultasse a Javé sobre o que no livro estava escrito. Possivelmente, Hulda era do círculo deuteronomista, ou seu marido Salum, guarda das vestes do templo desfrutava das ideias reformistas.¹⁹⁰

¹⁸⁸ BÍBLIA SAGRADA. **Antigo e Novo Testamento**. Almeida revista e corrigida. 4ª. Edição. Barueri/SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2014. II Rs 22.16,17.

¹⁸⁹ SCHULTZ, Samuel J. **A história de Israel no Antigo Testamento**. Tradução João Marques Bentes. São Paulo: Vida Nova, 2009. P. 259.

¹⁹⁰ WILSON, Robert R. **Profecia e Sociedade no antigo Israel**. Tradução João Rezende Costa; revisão de tradução Reginaldo Gomes de Araújo. – 2ª. Ed. rev. – São Paulo: Targumim: Paulus, 2006. P. 265. “Vale notar que o marido de Hulda, Salum, tem o mesmo nome do tio de Jeremias, cuja família possuía propriedade hereditária em Anatot (Jr 32.7). Se os dois indivíduos são idênticos – e não há razão especial para negá-lo – a própria Hulda pode ter tido laços com os portadores das tradições efraimitas. [...] Além disso, Safã e sua família podem ter tido laços efraimitas, ainda que a única documentação disponível seja de caráter dedutivo. Ele e os filhos parecem ter estado envolvidos na reforma, visto que seus filhos mais tarde apoiaram Jeremias, cujos oráculos refletem o ponto de vista deuteronomista (Jr 26.24; 29.3; 36.10-12).”

[...] Neste episódio do encontro e da convalidação do livro da lei, Hulda aparece claramente como profetisa central marcada por comportamento característico e típico de intermediários efraimitas. Pertence à corte real, e sua importância é frisada pelo fato de se enviar, para fazer consulta por seu intermédio, delegação oficial de altos funcionários do governo.¹⁹¹

A resposta da consulta à profetisa Hulda é uma ratificação do texto lido e conhecido desde a “descoberta” surpreendente do livro da lei. “O oráculo deixou claro que, a rigor, as disposições do livro deveriam ter sido cumpridas desde sempre. Javé estaria irado pelo fato de isso não ter acontecido e traria infortúnio sobre Jerusalém e Judá”.¹⁹²

Percebe-se que essa mensagem deixou o coração do rei consternado e não se pode duvidar dessa narrativa, pois, a jovialidade do rei e as instruções de Hilquias enquanto sumo sacerdote o influenciou a ter temor e respeito pelas ordenanças de Javé. O fato de consultar Hulda ao invés de Jeremias ou Sofonias pode presumir o nível de relacionamento que a corte mantinha com ela e o seu marido Salum.¹⁹³

As palavras ratificadoras da profetisa Hulda em relação aos juízos descritos no livro contribuíram de acordo com a narrativa de viés deuteronomista, para intensificar os eventos da reforma empreendidos pelo rei. Bustillos¹⁹⁴ chama a atenção para o fato de que três homens de confiança do rei e possivelmente letrados e entendidos na literatura da época não puderam fazer a interpretação do texto.

¹⁹¹ WILSON, 2006, P. 262.

¹⁹² DONNER, Herbert. **História de Israel e dos povos vizinhos**. Tradução de Cláudio Molz e Hans Trein. – 7. Ed. São Leopoldo: Sinodal, 2017. P. 411. 2 v. Ainda sobre a resposta de Hulda vide: JOSEFO, Flávio. **História dos hebreus**. Tradução de Vicente Pedroso. Rio de Janeiro: CPAD, 1990. Pp. 244, 245. V.3. “A profetisa disse-lhe que comunicasse ao rei, que nenhuma prece seria capaz de obter de Deus a revogação da sua sentença, que eles seriam expulsos da sua terra, despojados de todas as coisas, porque tinham violado suas santas leis e não se tinham arrependido, embora tivessem tido tanto tempo para fazer penitência dos seus pecados, que os profetas os haviam exortado a isso e lhes haviam tantas vezes predito qual seria o castigo. Assim, Deus os faria cair em todas as desgraças, de que tinham sido ameaçados, para que conhecessem que Deus e seus profetas nada lhe haviam anunciado de sua parte, que não fosse verdadeiro.”

¹⁹³ BOYER, Orlando. **Pequena Enciclopédia Bíblica**. Pindamonhangaba-SP: Instituto Bíblico das Assembleias de Deus, 1966. Pp. 679, 670. É possível que Salum seja tio de Jeremias. Vide: BUCKLAND, A. R.; WILLIAMS, Lukyn. **Dicionário Bíblico Universal**. Tradução Joaquim dos Santos Figueiredo. São Paulo: Editora Vida, 1981. P. 394. O historiador judeu Flávio Josefo diz que Salum “era um homem ilustre e de família nobre”. Vide: JOSEFO, Flávio. **História dos hebreus**. Tradução de Vicente Pedroso. Rio de Janeiro: CPAD, 1990. P. 244. V.3.

¹⁹⁴ BUSTILLOS, Bernardeth Carmen Caero. La Profetisa Juldá y la Palabra de YHWH (2Rs 22,11-20). **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, v. 53, n. 3, p. 609, set/dez. 2021. P. 610. “Llama la atención que ni el sacerdote Jilquias, ni el escriba Safán y tampoco el ministro Asayas podían prestar el servicio de la interpretación del texto encontrado, solamente Juldá.”

Hilquias o sumo sacerdote, Safã o escriba e Asaías o ministro de Josias não foram convidados a dar a interpretação. Pelo contrário, eles foram ordenados a irem à busca de uma resposta de Hulda.

De acordo com II Rs 22.3-7 Josias dá uma ordem para que o escriba Safã fosse até o templo se encontrar com o sacerdote Hilquias e que providenciasse a reforma física estrutural do templo. Os recursos financeiros já estavam em poder dos sacerdotes tesoureiros que guardavam a porta do templo.

Esses versículos por mais que seja uma adição tardia, serve de fonte histórica para compreender que em meio à reforma religiosa havia uma reforma de infraestrutura de fendas e rachaduras do templo. Uma reforma de engenharia na alvenaria do edifício. Esse recorte na narrativa do texto sobre a reforma do templo é um introyto para a descoberta do livro da lei.

A autoridade divina, de acordo com a perícópe de II Rs 22.14-20, é isenta de gênero e de hierarquia. Quando se tem a palavra de Javé o Senhor, não interessa as credenciais que outros tenham ou a posição social. Mesmo que seja na periferia como o caso de Hulda, é com ela que estava a palavra a ser proferida naquele momento. Compreenda, ela foi procurada. É possível que outro profeta ou profetisa tivesse dado o mesmo oráculo de confirmação do juízo narrado no livro conforme a teologia deuteronomista. Mas coube a Hulda a palavra de oráculo. É a figura feminina se destacando num ambiente extremamente patriarcal, principalmente, no meio profético. A reforma de Josias tem seus detalhes literários interessantes e que não se esgotam nesta narrativa.

3.1.5 Naum

O profeta Naum traz um discurso duro, de vingança, de furor, mas com uma nova de que o Senhor é um Deus zeloso, tardio para se irar. “O Senhor é um Deus zeloso e que toma vingança; o Senhor toma vingança e é cheio de furor”.¹⁹⁵

No que diz respeito a Naum, o texto nos conta apenas que ele era de Elcós, lugar desconhecido. É localizado entre 663 e 612, porque se refere à

¹⁹⁵ BÍBLIA SAGRADA. **Antigo e Novo Testamento**. Almeida revista e corrigida. 4ª. Edição. Barueri/SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2014. (Na 1.2a.)

destruição assíria de Tebas no primeiro ano e antecipa (ou talvez celebra) a queda de Nínive no último ano.¹⁹⁶

Seu discurso ao mesmo tempo em que afirma que “O Senhor é bom, uma fortaleza no dia da angústia, e conhece os que confiam nele”,¹⁹⁷ por outro lado, lamenta a destruição de Nínive denominando-a cidade ensanguentada, cheia de mentira e de crimes.¹⁹⁸

Naum é profundamente integrado ao seu ambiente histórico. Por isso, é especialmente importante entender o contexto histórico do livro para que sua mensagem faça sentido ao leitor moderno. A profecia tem lugar no séc. VII a.c. Essa data é estabelecida pela menção à destruição de Tebas (Nô-Amom) ocorrida em 664 a.c. (Na 3.8) e pelo foco principal da profecia: a destruição de Nínive em 612. Se a natureza profética do livro for tomada seriamente, então Naum deve ser datado ao menos alguns anos antes da destruição da cidade. [...] Naum escreveu antes do Império Assírio se enfraquecer de modo significativo (um processo que notoriamente começou em torno do ano 630 a.c). Essa posição se baseia em Naum 1.12, que descreve a Assíria “forte” e grandiosa.¹⁹⁹

O profeta termina sua visão com uma mensagem de que “Não há cura para a tua ferida; a tua chaga é dolorosa; todos os que ouvirem a tua fama baterão as palmas sobre ti; porque sobre quem não passou continuamente a tua malícia?”²⁰⁰ O livro de Naum e sua profecia a uma nação estrangeira tem seu pano de fundo cultural nos rituais do culto no círculo jerosolimitano, com linguagem cultural por todo o texto.²⁰¹

Como profeta central, Naum ajudou a preservar a estrutura social, expressando os valores nacionalistas do culto real. Seus oráculos contra Nínive têm, pois, implicações políticas e religiosas, pois suas palavras ajudam a manter toda a estrutura social, e não apenas o culto.²⁰²

¹⁹⁶ GOTTWALD, Norman K. **Introdução socioliterária à Bíblia Hebraica**. Tradução Anacleto Alvarez; revisão H. Dalbosco. São Paulo: Paulus, 1998. P. 367.

¹⁹⁷ BÍBLIA SAGRADA. **Antigo e Novo Testamento**. Almeida revista e corrigida. 4ª. Edição. Barueri/SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2014. Na 1.6.

¹⁹⁸ BÍBLIA SAGRADA, 2014, Na 3.1 ARC.

¹⁹⁹ DILLARD, Raymond B.; LONGMAN III, Tremper. **Introdução ao Antigo Testamento**. Tradução Sueli da Silva Saraiva. São Paulo: Vida Nova, 2006. P. 387, 388.

²⁰⁰ BÍBLIA SAGRADA. **Antigo e Novo Testamento**. Almeida revista e corrigida. 4ª. Edição. Barueri/SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2014. Na 3.19.

²⁰¹ WILSON, Robert R. **Profecia e sociedade no antigo Israel**. Tradução João Rezende Costa. Revisão de tradução Reginaldo Gomes de Araújo. – 2ª. Ed. rev. – São Paulo: Targumim: Paulus, 2006. P. 322, 323.

²⁰² WILSON, 2006, p. 323.

A profecia de Naum foi tão aterradora e de fato, tão destrutiva que a cidade de Nínive sofreu uma destruição total por parte de seus inimigos babilônicos.

A destruição de Nínive foi tão completa que a cidade tornou-se quase uma lenda durante dois milênios, até ser redescoberta em 1842 por Layard e Botta. Alexandre, o Grande, passou por ela em 331 a.c, sem ver sinais de sua existência. Nada restou da cidade e de seu poderio.²⁰³

A cidade que outrora dominava o “mundo” agora recebia uma ameaça de destruição tão violenta que seria de todo exterminada, consumida. Seria pilhada e reduzida a escombros.

O inimigo entrará na cidade, pilhará e reduzirá Nínive a escombros, deixando-a totalmente desolada. [...] Naum retratou os carros de guerra que avançavam, e os cavaleiros que atacavam ao mesmo tempo que eram esmagados os cadáveres dos defensores de Nínive.²⁰⁴

As profecias de Naum possivelmente influenciou Josias encorajando o jovem rei a compreender politicamente que o momento de romper a vassalagem era oportunamente chegado. A potente Assíria se “derretia” com as implicações administrativas, políticas, econômicas e militares, interna e externamente ao redor do império.

Os conselheiros de Josias que conheceram o poderio imperial souberam orientar corretamente o momento exato de romper as relações de vassalagem e de qual forma se daria esse rompimento: com reformas eminentemente religiosas, com expurgos dos deuses e culturas sincréticas do templo, posteriormente com a anexação de territórios da própria província assíria com a política expansionista no norte de Israel.

O profeta Naum profetizou a destruição da Assíria quando esta era a senhora das nações e reinava absoluta e impiedosamente sobre os seus vassalos incluindo Israel e Judá. Suas mensagens podem ser seguramente anteriores à reforma de Josias ou durante a efervescência do movimento da reforma. A todos que tiveram acesso à mensagem de Naum profetizando a destruição de Nínive devem ter se consolado na esperança de que estava prestes a libertação do jugo

²⁰³ ELLISEN, Stanley A. **Conheça melhor o Antigo Testamento: um guia com esboço e gráficos explicativos dos primeiros 39 livros da Bíblia.** Tradução Emma Anders de Souza Lima. 2. Ed. Rev. e atual. São Paulo: Editora Vida, 2007. P. 367.

²⁰⁴ SCHULTZ, Samuel J. **A história de Israel no Antigo Testamento.** Tradução João Marques Bentes. São Paulo: Vida Nova, 2009. P. 471, 472.

opressor do inimigo. “O Senhor é bom, uma fortaleza no dia da angústia, e conhece os que confiam nele. E com uma inundação transbordante acabará de uma vez com o seu lugar; e as trevas perseguirão os seus inimigos”.²⁰⁵ Era uma mensagem de esperança que há muito se esperava. Uma mensagem de salvação, liberdade e alívio espiritual para os súditos de Josias. “Em Naum, Deus aparece como um guerreiro pronto a lutar em nome do seu povo”²⁰⁶

3.2 OS INFLUENCIADORES RELIGIOSOS

O povo de Judá, os moradores de Jerusalém, é convidado a participar da purificação, com derrubada das imagens de escultura e de fundição (II Cr 34.3-4 ARC). “Em quatro anos, sua devoção a Deus se cristalizaria a ponto de ele dar início à reforma religiosa (628 a.C).”²⁰⁷

Percebe-se que havia o culto a Javé, mas também o culto a outras divindades, cananeias e mesopotâmicas, especificamente, nesse período, aos deuses assírios, introduzidos oficialmente pelo rei Acaz e intensificado o culto de adoração pelo rei Manassés. Com efeito, “[...] é provável que Dt 6,4 formasse a proposição inicial de uma edição prévia da lei, aquela usada pelo rei Josias em 621 a.C. na cerimônia de renovação da aliança”.²⁰⁸

O Shemá, prática ritual dos judaítas, pode ter contribuído para influenciar aos nobres palacianos da alta corte sacerdotal e intelectuais escribas e levitas a convencerem a aristocracia detentora do poder econômico rural a apoiar a corte central no movimento reformista. Esta é a tese de R. Albertz conforme descrita por Zabatiero de que:

[...] considera esse grupo como uma *classe média* rural que apoiava a família real e combatia a ala "destrutiva" classe alta da capital, Jerusalém – a qual ele, porém, não delimita claramente. Todavia, sem o apoio da outra

²⁰⁵ BÍBLIA SAGRADA. **Antigo e Novo Testamento**. Almeida revista e corrigida. 4ª. Edição. Barueri/SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2014. Na 1.7-8.

²⁰⁶ DILLARD, Raymond B; LONGMAN III, Tremper. **Introdução ao Antigo Testamento**. Tradução Sueli da Silva Saraiva. São Paulo: Vida Nova, 2006. P. 391. Naum é considerado como um profeta nacionalista pelos críticos. Para uma melhor compreensão vide: GOTTWALD, Norman K. **Introdução socioliterária à Bíblia Hebraica**. Tradução Anacleto Alvares; revisão H. Dalbosco. São Paulo: Paulus, 1998. P. 368.

²⁰⁷ SCHULTZ, Samuel J. **A história de Israel no Antigo Testamento**. Tradução João Marques Bentes. São Paulo: Vida Nova, 2009. P. 257.

²⁰⁸ PINTO, Leonardo Pessoa da Silva. O Shemá e a devoção a uma só divindade. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. n. 52, p. 20-42, jan./abr. 2019. P 35.

parte da classe alta de Jerusalém a reforma não teria possibilidade de sucesso. Baseado no relato de II Reis 22, afirma: "[estes são] os grupos políticos e intelectuais decisivos por trás da reforma: um grupo de influentes oficiais da corte treinados na sabedoria, e uma grande parte do sacerdócio do Templo de Jerusalém". (ALBERTZ, 1994:202) Cita especificamente os nomes de Safã e Hilquias, com os grupos a eles associados. Em apoio a estes participantes da reforma vieram também profetas, como Hulda, Sofonias e Jeremias.²⁰⁹

Entende-se que esse grupo ruralista numa aliança com a família real e escribas e sacerdotes, homens de confiança palaciana em observância do texto sagrado SHEMÁ, podem ter selados uma “coligação” para defender e pôr em prática as ideias da reforma religiosa.

A reforma religiosa de Josias inicia-se com a sua entrega completa a buscar a Javé, o Deus único e verdadeiro o qual, os reis judaítas, seus antecessores negligenciaram a adoração e o culto. Loraschi denomina de movimento os acontecimentos que seguiram na corte e culminaram oficialmente com a reforma. Principalmente, pelos grupos que segundo ele, integrado pelo profeta Sofonias, exerciam forte influência na corte, mesmo não morando em Jerusalém.

Desencadeia o “movimento”, inconformados pela opressão da tributação do império assírio e pela subserviência voluntária dos reis Manassés e Amon.²¹⁰

As denúncias de Sofonias atingem a elite do palácio e o templo, ataca os sistemas econômico, jurídico, militar e religioso. Revelam a realidade de opressão política, exploração econômica, dominação militar, corrupção jurídica e depravação religiosa.²¹¹

Com efeito, nessa tese de Loraschi, do ponto de vista social, o movimento da reforma foi liderado não pelo oficialato ou sacerdotes do templo, mas pelo povo pobre e humilde, empobrecidos tanto da roça quanto da cidade.²¹²

Ao discordar neste aspecto de Loraschi é preciso atentar para o fato de que os empobrecidos e humildes eram compulsoriamente liderados por proprietários de terras na zona rural ou por comerciantes e homens da corte e do templo na cidade.

²⁰⁹ ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. História Social da Reforma de Josias: breve análise de interpretações contemporâneas. **Teologia Hoje** (Londrina), Londrina, v.2, n.1, 2004.

²¹⁰ LORASCHI, Celso. O Profeta Sofonias e a Reforma de Josias. In.: **Monoteísmos Intolerância, discriminação e violências em nome de Deus**. Estudos Bíblicos. vol. 29, n. 116, out/dez 2012, Petrópolis: Editora Vozes, p.48.

²¹¹ LORASCHI, 2012, P. 50.

²¹² LORASCHI, 2012, P. 50.

O Livro da Lei foi na concepção de Nakanose, autenticado pela profetisa Hulda ao ser consultada pelos nobres do rei Josias.

O rei e os nobres nacionalistas tomaram a decisão de reformar o culto, com base no livro achado, enquanto que o populacho não participou, apenas observou alheio todo esse processo político da reforma.²¹³ Essa descoberta do livro da lei criou uma consternação no coração do rei Josias ao ponto de humilhar e rasgar as suas vestes como um símbolo de penitência, no entanto, não se pode negar que os acontecimentos que se seguiram foram de atos violentos e intolerância em nome do próprio Deus.²¹⁴

A profecia de Hulda foi a confirmação do que se estava escrito no livro da lei. Não houve acréscimo no oráculo da profetisa, nem diminuição do juízo de YHWH, de sorte que uma mulher foi decisiva para a concretização e o fortalecimento do programa da reforma josiânica.

Para Bustillos: [...] “não são os escritos ou as instituições que garantem a presença de YHWH no meio de seu povo, mas a interação de YHWH com seu povo através da palavra profética”.²¹⁵ (Tradução nossa)

O texto do cronista, em II Crônicas 34.8, informa que no décimo oitavo ano, após seis anos do início da purificação, aos 26 anos de idade, o rei Josias ao enviar seus magistrados ao Sumo Sacerdote para inquirir do dinheiro para reparar as fendas e rachaduras do templo, descobriu-se que ali havia sido descoberto o Livro da Lei do Senhor.

De acordo com 2 Cr 34, Josias deu início à sua reforma no oitavo ano do seu reinado, dez anos antes do encontro do livro no templo. Não se especificam as motivações do rei na narrativa, podendo ter sido políticas e religiosas, mas não resta dúvida de que suas reformas seguiram as linhas gerais estabelecidas na teologia deuteronomista. [...] Algumas das reformas de Josias foram além das exigidas pelo Deuteronomio, de sorte que não é certo que ele tenha instituído precisamente a espécie de sistema político que o livro requer. Mas há alguma documentação para afirmar que ele fez

²¹³ NAKANOSE, Shigeyuki. **Uma história para contar: a Páscoa de Josias: metodologia do Antigo Testamento a partir de 2Rs 22, 1 – 23,30**. Tradução Fátima Regina Durães Marques. São Paulo: Paulinas, 2000. p. 198. (coleção Partilhando a Bíblia)

²¹⁴ BUSTILLOS, Bernardeth Carmen Caero. **La Profetisa Juldá y la Palabra de YHWH (2Rs 22,11-20)**. Perspectiva Teológica, Belo Horizonte, v. 53, n. 3, p. 609, set/dez. 2021.

²¹⁵ BUSTILLOS, 2021, P. 610. [...] “no son los escritos o las instituciones que aseguran la presencia de YHWH en medio de su pueblo, sino la interacción de YHWH con su pueblo por medio de la palabra profética”.

mudanças na instituição religiosa jerosolimitana para conformá-la mais estreitamente às expectativas deuteronomistas.²¹⁶

O “descobrimento” do livro da lei no templo contribuiu para o fortalecimento do discurso nacionalista dos partidários de uma reforma religiosa que fosse capaz de “sacudir” o jugo idolátrico de culto aos deuses assírios e que almejavam por uma liberdade política, econômica e cultural em Judá.

Percebe-se que a reforma religiosa “pavimentou” o Estado Judaíta para a reforma política. Numa expressão cunhada por José Luís Sicre foi necessário que Josias abolisse a “política assirófila”²¹⁷ sedimentada pelo rei Manassés durante seu longo reinado de 55 anos.

Mas a reforma religiosa foi acompanhada – e também precedida seguida – de uma reforma política, que incluiu entre os seus pontos principais o desejo de restaurar o antigo império de Davi ou, pelo menos, os territórios do antigo Reino Norte.²¹⁸

“Apesar do caráter religioso da reforma, o objetivo de Josias é a expansão territorial”.²¹⁹ O contexto internacional era favorável à implementação da reforma naquele momento. Foi uma visão diplomática de um estadista que soube tirar proveito da situação.

Josias através de seus conselheiros e tutores sabia o que estava acontecendo no interior e na periferia do império assírio. Enfraquecimento do poderio militar assírio,²²⁰ máquina administrativa se corroendo financeiramente pela falta de arrecadação dos tributos dos vassallos rebeldes.

As cidades estados que foram se libertando do jugo da Assíria, em meio a rebeliões e guerras de independência nacional, como no caso dos Babilônios, de Elamitas, invasão dos hititas e tantos outros davam sinais evidentes do enfraquecimento político, administrativo e militar.

²¹⁶ WILSON, Robert R. **Profecia e Sociedade no Antigo Israel**. Tradução João Rezende Costa. Revisão de tradução Reginaldo Gomes de Araújo. – 2ª. Ed. Ver. – São Paulo: Targumim: Paulus, 2006. pp. 263, 264.

²¹⁷ SICRE, José Luís. **Profetismo em Israel: o profeta: os profetas: a mensagem**. Tradução João Luís Baraúna. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.p. 280. O termo “política assirófila” se deve à servidão subserviente com que Manassés acabou servindo à Assíria durante o seu reinado.

²¹⁸ SICRE, 1996, P. 281.

²¹⁹ KAEFER, José Ademar. **A Bíblia, a arqueologia e a história e a história de Israel e Judá**. São Paulo: Paulus, 2015. P.102.

²²⁰ SICRE, José Luís. **Profetismo em Israel: o profeta: os profetas: a mensagem**. Tradução João Luís Baraúna. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.p.p. 280 – 281.

A morte do rei Assurbanipal foi para Josias providencial. Normalmente, o vassalo fazia os votos de obrigação e obediência ao novo rei que sucedia o dominador, o que Josias não o fez; pelo contrário, bem orientado radicalizou com suas reformas, religiosa e política.

Essas tradições hebraicas escritas vindas de Samaria e Betel contribuíram para a absorção cultural e literária na solidificação dos textos que os escribas do Reino do Sul tanto careciam para aprimorar e reelaborar a teologia deuteronomica, substanciais para a reforma de Josias.

“Esse declínio do Reino do Norte também foi de grande significado religioso: suas tradições religiosas e culturais perderam seu ponto de aderência; a compreensão nacional construída entrou em colapso.”²²¹ É exatamente nesse período histórico, portanto, um século antes das reformas de Josias que surgem os primeiros textos escritos de profetas, ²²² Amós, Miqueias, Isaías, Oseias.

Teria, então, a escrita se desenvolvido em Judá nesse período, como parecem supor os livros proféticos mais antigos, como Oseias e Amós, Primeiro Isaías, parte da historiografia etc.? É possível que sim. Ela teria se desenvolvido, principalmente, a partir das tradições trazidas de Israel Norte. Os escribas de Judá e de Israel Norte teriam, então, iniciado a integração das histórias dos dois reinos, uma espécie de fusão histórico-cultural. ²²³

Pode-se afirmar que com esse amálgama da “teologia” do Israel Norte com a do Reino Sul Judá, no final do século VIII, contribuiu decisivamente na apropriação da tradição da aliança do Sinai para a aliança da dinastia de Davi. Consolida-se na literatura hebraica da cultura sulista em Judá o que comumente tem se defendido por história deuteronomista.

²²¹ TILLY, Michael; ZWICKEL, Wolfgang. **A história religiosa de Israel: desde a pré-história até os primórdios do cristianismo**. Tradutor Milton Camargo Mota. São Paulo: Edições Loyola, 2020. P. 136.

²²² WILSON, Robert R. **Profecia e Sociedade no antigo Israel**. Tradução João Rezende Costa. 2ª. Ed. Rev. São Paulo: Targumim:Paulus, 2006. P. 267. Para uma melhor compreensão sugiro a leitura das págs. 267 – 334 onde aborda as tradições dos profetas do reino Israel norte e do reino sul Judá nos séculos VIII – VI.

²²³ KAEFER, José Ademar; DIETRICH, Luiz José. A consolidação dos reinos de Israel Norte e Judá. In.: KAEFER, José Ademar; FRIZZO, Antônio Carlos; MARQUES, Maria Antônia. **Uma história de Israel: leitura crítica da Bíblia e arqueologia**. (Orgs.) Shigeyuri Nakanose; Luiz José Dietrich. São Paulo: Paulus, 2022. P. 142. Nova Coleção Bíblica. Vide: TILLY, Michael; ZWICKEL, Wolfgang. **A história religiosa de Israel: desde a pré-história até os primórdios do cristianismo**. Tradutor Milton Camargo Mota. São Paulo: Edições Loyola, 2020. P. 136. “Vários profetas de Israel e Judá deixaram seus próprios livros com discursos que, entretanto, não foram escritos por eles mesmos, mas por círculos de discípulos; os livros proféticos foram complementados múltiplas vezes nos séculos seguintes”.

3.2.1 Sacerdotes e a Centralização do Culto

Era uma classe privilegiada por viver dos dízimos dos fieis adoradores e pelos serviços dispensados pelo templo. Foram instituídos por Deus no Êxodo durante a peregrinação no deserto.²²⁴ Ao mesmo tempo, se sobressaía aos demais súditos por deter em suas mãos o controle da literatura sagrada e em muitos casos até de contratos comerciais de produtos de interesse do sacerdócio.

A reforma de Josias lhes interessava e era diretamente beneficiado com a centralização do culto no templo de Jerusalém. “Eles tiveram a grande chance de enfraquecer e eliminar seus opositores: os falsos sacerdotes do Templo, os sacerdotes levitas do interior em Judá e os sacerdotes do Norte”.²²⁵ Havia mais de um grupo hierárquico divididos em funções.

O texto bíblico narra a rivalidade existente entre os sacerdotes Abiatar e Sadoc dos tempos de Davi. Salomão expulsou Abiatar do ofício sacerdotal banindo-o para Anatote sua terra por ter tomado partido no movimento de coroação de seu irmão Adonias. Foi tido como um traidor.²²⁶ Manteve a hereditariamente dos filhos da linhagem de Sadoc no ministério sacerdotal no templo até a destruição de Jerusalém em 587/586 a.C..

Além de uma classe de sacerdotes de segunda ordem conforme descrito em II Reis 23. 4, “Sacerdotes dedicados à adoração idólatra, que vinham servindo por nomeação de monarcas anteriores, foram tirados do ofício. Com a deposição deles, cessou a queima de incenso a Baal, ao sol, à lua e às estrelas”.²²⁷

Os sacerdotes influenciaram o rei Josias em suas tomadas de decisões. Participaram decisivamente como conselheiros e contribuiu como tutores nos

²²⁴ BÍBLIA SAGRADA. **Antigo e Novo Testamento**. Almeida revista e corrigida. 4ª. Edição. Barueri/SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2014. Conforme a instituição e consagração do sacerdócio disposto em Ex 28.1; Nm 3.1-3; Nm 4.1-4. Além de cuidar da liturgia do culto e officiar os ritos sacrificiais eram responsáveis por supervisionar todo o serviço dos levitas prestado no templo e nos lugares onde se cultuavam, normalmente nos montes com altares construídos e onde se recolhiam os dízimos/tributos.

²²⁵ NAKANOSE, Shigeyuki. **Uma história para contar: a páscoa de Josias: metodologia do Antigo Testamento a partir de 2 Rs 22,1 – 23,30**. Tradução Fátima Regina Durães Marques. São Paulo: Paulinas, 2000. P. 180. (Coleção: Partilhando a Bíblia).

²²⁶ BÍBLIA SAGRADA. **Antigo e Novo Testamento**. Almeida revista e corrigida. 4ª. Edição. Barueri/SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2014. I Rs 1.5,7; 2.26,27,35. Sobre a dúvida se Sadoc era ou não da linhagem levítica vide: GUNNEWEG, Antonius H. L. **Teologia bíblica do Antigo Testamento: uma história da religião de Israel na perspectiva bíblico-teológica**. Tradução Werner Fuchs. Revisão Haroldo Reimer. São Paulo: Editora Teológica: Edições Loyola, 2005. P. 181. (série biblioteca de estudos do Antigo Testamento).

²²⁷ SCHULTZ, Samuel J. **A história de Israel no Antigo Testamento**. Tradução João Marques Bentes. São Paulo: Vida Nova, 2009. P. 258.

ensinamentos da religião hebraica e judaica durante o reinado do menino Josias. Hilquias, o sacerdote chefe do templo nesse período exerceu seu papel de líder espiritual do rei.

Se por um lado os sacerdotes do templo de Jerusalém foram beneficiados com a centralização do culto os sacerdotes da zona rural enfrentaram sérios problemas socioeconômicos. Vilas e aldeias deixaram de ter o seu culto oficiado porque os sacerdotes foram impedidos de assim o proceder.

Esses líderes religiosos do povo camponês foram transferidos para a cidade e passou a integrar o grupo de levitas do templo central, no entanto, não oficiava. Mantiveram o cargo, mas não ministravam. Comiam o pão sagrado à mesa de seus irmãos sacerdotes urbanos.²²⁸ Os dízimos, ofertas e tributos que os alimentavam e garantiam-lhes uma certa qualidade de vida na zona rural, agora era recolhido e depositado nos celeiros providenciados pelo templo na cidade de Jerusalém. Nakanose é forte crítico das medidas centralizadoras das reformas do rei Josias.

Para ele: “A população rural se tornou uma grande vítima da reforma. A centralização do culto em Jerusalém tornou as atividades religiosas mais dispendiosas para eles, por causa do gasto com suas peregrinações [...]”.²²⁹ A crítica sociológica de Nakanose se deve pelo fato de que com a destruição dos santuários rurais os camponeses se desgastavam em viagens peregrinas das aldeias e vilas para a capital Jerusalém para adorar no templo.

Ele afirma ser esses santuários rurais mais do que local de culto, “[...] pois os santuários eram espaços de assistência e atendimento aos pobres, órfãos, viúvas e estrangeiros”.²³⁰ Sob esse prisma dos aspectos da qualidade de vida social a reforma de Josias é entendida por Nakanose como negativa, violenta e de ataque à população rural.

Por outro lado, a centralização do culto no templo em Jerusalém beneficiou a elite sacerdotal e os comerciantes que negociavam os produtos agrícolas com os povos nas cidades vizinhas e até com a Assíria e Egito. A narrativa do texto bíblico do livro de II Reis 22.1 – 23.30 em nenhum momento deixa transparecer explicitamente que os sacerdotes camponeses passaram por dificuldades

²²⁸ BÍBLIA SAGRADA. **Antigo e Novo Testamento**. Almeida revista e corrigida. 4ª. Edição. Barueri/SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2014. Conforme disposto em II Rs 23. 8,9.

²²⁹ NAKANOSE, Shigeyuki. **Uma história para contar: a páscoa de Josias: metodologia do Antigo Testamento a partir de 2 Rs 22,1 – 23,30**. Tradução Fátima Regina Durães Marques. São Paulo: Paulinas, 2000. P. 183. (Coleção: Partilhando a Bíblia).

²³⁰ NAKANOSE, 2000, P. 183.

financeiras. Limita-se a afirmar que apesar de não ter seu ofício regular eles participavam da comunhão do pão sagrado à mesa no templo central. Esse feito era um problema social a menos.

“Não sabemos se, ou como, estes aspectos não-cultuais da reforma foram executados, diferentemente do testemunho de Jeremias no sentido de que a proeza de Josias em favor da justiça social era muito melhor do que a do sucessor Joaquim”.²³¹ A crítica do profeta é de que o rei Jeoaquim morava em palácio de luxo enquanto a pobreza nem tinha onde morar e passava fome.

“Reinarás tu, só porque te encerras em cedro? Acaso, teu pai não comeu e bebeu e não exercitou o juízo e a justiça? Por isso, tudo lhe sucedeu bem. Julgou a causa do aflito e do necessitado; então, lhe sucedeu bem; [...].²³² Não fica suficientemente seguro afirmar se Josias foi um justiceiro social. As profecias de Sofonias denunciam com rigor enfurecido as mazelas praticadas pelos príncipes, os ricos proprietários de terra, os comerciantes urbanos, os escribas, juízes e os sacerdotes.

Há que se considerar que a mensagem de Sofonias tenha ecoado por Jerusalém e o Reino Sul de Judá antes da reforma de Josias. Ou no início da reforma.²³³ Sua pregação é assustadora e cheia de indignação.

Inteiramente consumirei tudo sobre a face da terra, diz o Senhor. Arrebatarei os homens e os animais, consumirei as aves do céu, e os peixes do mar, e os tropeços com os ímpios; e exterminarei os homens de cima da terra, disse o Senhor. [...] E acontecerá que, no dia do sacrifício do Senhor, hei de castigar os príncipes, e os filhos do rei, e todos os que se vestem de vestidura estranha. Castigarei também, naquele dia, todos aqueles que saltam sobre o umbral, que encham de violência e engano a casa dos seus senhores. [...] Por isso, será saqueada a sua fazenda, e assoladas as suas casas; e edificarão casas, mas não habitarão nelas, e plantarão vinhas, mas não lhes beberão o vinho. [...] Ai da rebelde e manchada, da cidade opressora. Os seus príncipes são leões rugidores no meio dela; os seus juízes são lobos da tarde, que não deixam os ossos para o outro dia. Os seus profetas são levianos e criaturas aleivosas; os seus sacerdotes profanaram o santuário e fizeram violência à lei.²³⁴

²³¹ GOTTWALD, Norman K. **Introdução socioliterária à Bíblia Hebraica**. Tradução Anacleto Alves; revisão H. Dalbosco. São Paulo: Paulus, 1998. P. 350.

²³² BÍBLIA SAGRADA. **Antigo e Novo Testamento**. Almeida revista e corrigida. 4ª. Edição. Barueri/SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2014. Jr 22. 15,16a.

²³³ WILSON, Robert R. **Profecia e sociedade no antigo Israel**. Tradução João Rezende Costa; revisão de tradução Reginaldo Gomes de Araújo. – 2ª. Ed. rev. – São Paulo: Targumim: Paulus, 2006. Pp. 325-328.

²³⁴ BÍBLIA SAGRADA. **Antigo e Novo Testamento**. Almeida revista e corrigida. 4ª. Edição. Barueri/SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2014. Livro de Sf. 1.2-3, 8-9,13; 2.3-4.

Seu discurso é duro e não poupa a ninguém. Portanto, a classe sacerdotal estava inteiramente corrompida e necessitava urgentemente de conversão. De igual modo, a classe política dirigente deveria retomar o caminho da justiça para escapar da ira do Senhor.

O texto de indignação de Sofonias demonstra que os sacerdotes também estavam corrompidos e profanavam o santuário do templo. Basta olhar para os deuses que havia nas dependências do templo e os quartos reservados para os prostitutos e prostitutas cultuais. “Havia casas de prostituição para homens e mulheres, que teciam pendentes para Aserat.”²³⁵

Essa é uma das narrativas que mais assusta e decepciona o estudioso do texto bíblico conforme descrito em II Rs 23.7. É impensável e inacreditável que quartos anexos ao templo eram dedicados a prostituição cultual. E não fica somente nisso. É pior a situação. As arrecadações dos “clientes cultuais” eram levadas para o tesouro do templo.²³⁶

O momento da vida espiritual do povo de Judá no século VII a.C. era degradante e não diferia muito dos povos cananeus e dos assírios seus opressores. Essa é uma das ações consideradas truculentas pelo expurgo que os “zelosos deuteronomistas” influenciaram àqueles que estavam a serviço de Josias para executar a destruição dos objetos estranhos no templo e nos altares urbanos e rurais.

Se o templo estava contaminado de ídolos e culto sincrético mesopotâmico, egípcio e cananeu imaginem o ambiente rural mais afastado do centro de Jerusalém. “Reconhecer a dominação estrangeira era reconhecer o poder de seus deuses. Aceitar no Templo de Jerusalém os deuses dos vencedores era bajulação oficial dos vencidos”.²³⁷ A reforma religiosa era urgente e necessária para uma conversão à fé e adoração unicamente a Javé.

²³⁵ BEEK, M. A. **História de Israel**. Tradução Jorge E. M. Fortes. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967. P. 103.

²³⁶ BÍBLIA SAGRADA. **Antigo e Novo Testamento**. Almeida revista e corrigida. 4ª. Edição. Barueri/SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2014. Conforme descrito em Deuteronomio 28.17-18 “Não haverá rameira dentre as filhas de Israel; nem haverá sodomita dentre os filhos de Israel. Não trará salário de rameira nem preço de cão à casa do Senhor, teu Deus, por qualquer voto; porque ambos estes são igualmente abominação ao Senhor, teu Deus”.

²³⁷ TILLESSE, Caetano Minete de. A Reforma de Josias. **Revista Bíblica Brasileira**, Fortaleza, Ano 6, 1989. P. 46.

3.2.2 Escribas

Este grupo desfruta na monarquia de Judá no Reino Sul e também em Israel no Reino Norte de privilégios de uma nobreza enriquecida. Cabe aos escribas a escrita dos textos administrativos, comerciais e religiosos. A responsabilidade da literatura do reino e dos anais históricos estava sob suas mãos.

Segundo Finkelstein e Silberman eles integravam o que denominou ser a “coalização de oficiais da corte de Judá”²³⁸ para formar o que ficou conhecido posteriormente como o movimento da “escola deuteronomista”. Foram duramente criticados por Jeremias. “As interpretações dadas pelos escribas levavam o povo a errar o caminho. Isto o profeta Jeremias denuncia como sendo a mudança da lei de Deus em mentira.”²³⁹

A influência que os escribas exerciam sobre Josias é perceptível em face dos legalismos interpretados mediante o texto do livro da lei encontrada no templo. “Jeremias afirma que a própria natureza ensina melhor do que os escribas. [...] O escriba estava satisfeito por ter a lei, mesmo sem praticá-la.”²⁴⁰

No período do reinado de Josias esses escribas faziam parte da aliança que envolvia os sacerdotes, nobres da corte e o povo da terra no partido nacionalista que defendia a liberdade política. Só que essa independência nacional viria precedida da reforma religiosa expurgando todo e qualquer ritual de culto que fizesse lembrar os assírios, seus costumes e cultura idolátrica.

Nesse aspecto, há de convir que houvesse uma contribuição de grandeza da fé judaica ao culto de Javé no reinado de Josias. Dentro desse movimento de efervescência espiritual Finkelstein e Silberman afirmam que:

No seu âmago estava uma escritura sagrada de incomparável gênio literário e espiritual: era uma saga épica, composta por uma surpreendente coleção

²³⁸ FINKELSTEIN, Israel. SILBERMAN, Neil Asher. **A Bíblia não tinha razão**. Traduzido por Tuca Magalhaes. São Paulo: A Girafa Editora, 2003. Pp. 11, 12.

²³⁹ PLAMPIN, Richard T. **Jeremias: Seu Ministério, Sua Mensagem; Um Comentário Cronológico**. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1987. P. 45. Vide Jr 8.8 “Como, pois, dizeis: Nós somos sábios, e a lei do Senhor está conosco? Eis que em vão tem trabalhado a falsa pena dos escribas.” **BÍBLIA SAGRADA. Antigo e Novo Testamento**. Almeida revista e corrigida. 4ª. Edição. Barueri/SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2014.

²⁴⁰ PLAMPIN, 1987, P. 45. “Os pássaros e os animais do campo são mais inteligentes do que o povo de Deus. Eles reconhecem quais são os caminhos certos, enquanto o povo não o faz”. Vide Jr 8.7.

de escritos históricos, memórias e lendas, contos folclóricos e historietas, propaganda real, profecia e poesia antiga.²⁴¹

Com efeito, os escribas no reinado de Josias tiveram a liberdade literária e religiosa para escrever e interpretar os textos que há mais de meio século estavam incubados. A força intimidadora durante os reinados de Manassés e Amon, agora, se desvanece e aflora nesses escribas um apoteótico discurso nacionalista. “Como resultado da independência política e da prosperidade crescente, desenvolve-se também nestes anos uma intensa atividade literária”.²⁴²

É desse período mediante o contato direto com os textos assírios por meio dos contratos de vassalagem, que os escribas tiveram suas experiências com os termos redacionais e tratados de obediência a um único senhor. Nesses tratados, firmavam-se os votos de obediência entre os serviçais políticos e os senhores imperiais assírios.

Nesse contexto os reis e príncipes conquistados juravam fidelidade ao senhor dominador. Escribas do Israel do Norte e os escribas judaítas da corte do Reino Sul puderam influenciar o rei com os textos aculturados do pensamento teológico deuteronomista apropriando-se da redação assíria.

Percebe-se desse modo que, os escribas não se utilizavam apenas dos textos dos anais das crônicas dos reis e dos escritos do templo, mas, também de tradições orais e das fontes de tratados internacionais dos quais tinham acesso na corte. Não há dúvidas de que o estilo e a teologia deuteronomista sofreram influências pela redação dos textos dos tratados assírios.²⁴³

Há uma grande similaridade das maldições do capítulo 28 do livro de Deuterônomo com o tratado do rei assírio Asaradon, do ano 672 a.C., que este impunha aos seus vassalos:

Que os deuses mencionados nesta tabuleta do tratado tornem o teu solo tão estreito como um tijolo [...] Igualmente que a chuva não caia de um céu de bronze [...] em vez do orvalho, que carvões ardentes chovam sobre tua terra [...] Que Ninurta, o primeiro dentre os deuses, te abata com a sua flecha

²⁴¹ FINKELSTEIN, Israel. SILBERMAN, Neil Asher. **A Bíblia não tinha razão**. Traduzido por Tuca Magalhaes. São Paulo: A Girafa Editora, 2003. P. 12.

²⁴² SICRE, José Luís. **Profetismo em Israel: o profeta: os profetas: a mensagem**. Tradução João Luís Baraúna. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996. P. 282.

²⁴³ ROMER, Thomas. A história deuteronomista (Deuterônomo – 2 Reis). In.: **Antigo Testamento: história, escritura e teologia**. Tradução Gilmar Saint Clair Ribeiro. [Orgs.] ROMER, Thomas; MACCHI, Jean-Daniel; NIHAN, Christophe. São Paulo: Edições Loyola, 2010. P. 299.

feroz; que ele encha a planície com o teu sangue, e alimente com a tua carne a águia e o abutre. **(Tratado de Asaradon, 672 a.c.).**²⁴⁴

E os teus céus que estão sobre a cabeça serão de bronze; e a terra que está debaixo de ti será de ferro. O Senhor, por chuva da tua terra, te dará pó e poeira; dos céus descerá sobre ti, até que pereças. O Senhor te fará cair diante dos teus inimigos; por um caminho sairás contra eles, e por sete caminhos fugirás diante deles, e serás espalhado por todos os reinos da terra. E o teu cadáver será por comida a todas as aves dos céus e aos animais da terra; e ninguém os espantará. **(Deuteronômio 28. 23 – 26).**²⁴⁵

Thomas Romer ainda faz uso de outro paralelo, este, com um texto sagrado, o Shemá Israel, de Deuteronômio capítulo 6 versículo 4 - 7, com o juramento de lealdade que o rei assírio Asaradon em 672 a.C., fez com que os seus vassalos jurassem ao seu filho, príncipe Assurbanipal, que o sucedeu. “Amarás Assurbanipal [...] rei da Assíria, como a ti mesmo [...] não colocareis outro rei ou um outro senhor sobre vós”.²⁴⁶

“Prestarás ouvidos a tudo quanto ele disser e a tudo quanto ele mandar e não procurarás outro rei ou outro senhor contra ele. Este tratado [...] tu o exporás a teus filhos e netos, à tua semente e à semente de tua semente que nascer no futuro.”²⁴⁷

Nós amaremos Assurbanipal, rei da Assíria, e odiaremos o seu inimigo. A partir de hoje e enquanto vivemos, Assurbanipal, rei da Assíria, será o nosso rei e o nosso senhor. Nós não estabeleceremos nem procuraremos nenhum outro rei ou algum outro senhor para nós. (SAA II, P. 66) **(JURAMENTO DE FIDELIDADE A ASSÍRIA).**²⁴⁸

Ouve, Israel, o SENHOR, nosso Deus, é o único Senhor. Amará, pois, o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu poder. E estas palavras que hoje te ordeno estarão no teu coração; e as intimarás a teus filhos e delas falarás assentado em casa, e andando pelo caminho, e deitando-te, e levantando-te. **(Deuteronômio 6.4-7).**²⁴⁹

²⁴⁴ ROMER, 2010, p. 299. Vide: ROMER, Thomas. **A origem de Javé: o Deus de Israel e seu nome.** Tradução Margarida Maria Cichelli Oliva. São Paulo: Paulus, 2016. P. 199. Vide ainda ROMER, Thomas. **A chamada História Deuteronomista: introdução sociológica, histórica e literária.** Tradução de Gentil Avelino Titton. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. Pp. 78-81. Grifo nosso.

²⁴⁵ BÍBLIA SAGRADA. **Antigo e Novo Testamento.** Almeida revista e corrigida. 4ª. Edição. Barueri/SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2014. Dt 28. 23-26. Grifo nosso.

²⁴⁶ ROMER, Thomas. **A origem de Javé: o Deus de Israel e seu nome.** Tradução Margarida Maria Cichelli Oliva. São Paulo: Paulus, 2016. P. 198. Vide: BÍBLIA SAGRADA. **Antigo e Novo Testamento.** Almeida revista e corrigida. 4ª. Edição. Barueri/SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2014. Dt 6.4-7.

²⁴⁷ ROMER, Thomas. **A chamada História Deuteronomista: introdução sociológica, histórica e literária.** Tradução de Gentil Avelino Titton. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. P. 79.

²⁴⁸ LIVERANI, Mario. **Para além da Bíblia. História antiga de Israel.** Tradução Orlando Soares Moreira. 2ª. Ed. São Paulo: Paulus; Edições Loyola, 2014. P. 209. Grifo nosso.

²⁴⁹ BÍBLIA SAGRADA. **Antigo e Novo Testamento.** Almeida revista e corrigida. 4ª. Edição. Barueri/SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2014. Dt 6.4-7.

Sabe-se que muitos outros textos bíblicos refletem paralelos de costumes, tradições e leis estrangeiras mais antigas que foram incorporados e fazem parte do cânon das Escrituras Sagradas.²⁵⁰

“Estes e outros paralelos só permitem concluir que uma cópia deste tratado estava disponível em Jerusalém”²⁵¹ a qual os escribas tiveram acesso e uma vez influenciados pela literatura estrangeira, acabou por influenciar o jovem rei e convencer os seus contemporâneos levitas, cortesãos, comerciantes e proprietários de terras a compactuar com sua teologia deuteronomista/nacionalista. Nesse aspecto obteve o apoio dos profetas que já pregavam suas mensagens de juízo, arrependimento e restauração.

3.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O contexto religioso de Judá no século VII a. C. foi um período de movimento religioso influenciado por profetas, influenciadores religiosos, sacerdotes com a centralização do culto, escribas que fizeram com que o jovem rei Josias absorvesse e colocasse em execução toda uma gama de orientações religiosas e conselhos de teor político nacionalista desencadeando definitivamente na reforma religiosa.

Para se libertar do jugo político da Assíria foi necessário se ver livre de tudo que lembrava o culto sincrético dos opressores. Esse trabalho foi bem orientado com sucesso com as mensagens proféticas e pelos conselhos de seus tutores sacerdotes, escribas e políticos da corte incluído os proprietários de terras. A

²⁵⁰ SCHULTZ, Samuel J. **A história de Israel no Antigo Testamento**. Tradução João Marques Bentes. São Paulo: Vida Nova, 2009. Pp. 49, 52, 53, 57. O plano de Abraão de fazer o seu mordomo Eliezer ser o seu herdeiro refletem as leis de Nuzu, constante do Código de Hamurábi. Gn 15. 2-3. O relacionamento de Abraão com Hagar e seu bem estar social Gn 16. 1-16; 21.11,14. A barganha da primogenitura que Jacó fez com seu irmão Esaú pelo prato de lentilhas com guisado vermelho fazia parte dos costumes de Nuzu Gn 25. 29-34. Raquel furta os ídolos de seu pai. “De acordo com as leis de Nuzu, um genro que possuísse os deuses domésticos podia reivindicar em tribunal a herança da família”. Isso explica o roubo dos ídolos domésticos por Raquel filha de Labão, tentando favorecer seu marido caso fosse necessário Gn 31.19, 30-35. Quando Jacó reencontra seu irmão Esaú depois de 20 anos prostra-se 7 vezes é um costume antigo encontrado em documentos de Amarna e Ugarite na Mesopotâmia Gn 33.3. No leito de morte Jacó lavra seu testamento oral como vontade final Gn 49.1-33 . “[...] essa bênção é reflexo de um costume de sua terra originária da Mesopotâmia, onde as declarações orais eram reconhecidas como válidas, quando contestadas em tribunal”. Outros textos como a Lei de Talião Lv 24.19-21; O Conjunto de leis contidas no Código de Hamurábi do século 18 a.c. serviu de paralelo para as normas bíblicas de Ex 20 – 23.

²⁵¹ ROMER, Thomas. **A chamada História Deuteronomista: introdução sociológica, histórica e literária**. Tradução de Gentil Avelino Tilton. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. P. 81.

influência dos líderes religiosos sobre Josias ficou comprovada. A reforma instituída pelo rei foi influenciada pela pregação dos profetas, sobretudo Naum, Sofonias, Jeremias, Hulda e Habacuque.

Portanto, pode se afirmar que a reforma do rei Josias atendeu aos apelos das profecias desses profetas. Com efeito, a Páscoa de Josias foi institucionalizada como um evento de Estado para coroar todas as etapas da reforma.

4 AS DIMENSÕES E OS EFEITOS DA REFORMA ELABORADA POR JOSIAS

Com a migração dos irmãos do Norte reino de Samaria para o reino Sul Judá, especialmente para a cidade de Jerusalém antes e durante a queda em 722 a.C., houve um redirecionamento político econômico no reino Sul. O ideal deuteronomista do nacionalismo religioso foi colocado em prática.

Percebe-se que a reforma de Josias emerge do embrião das forças partidárias contrárias ao regime imperial assírio que assolava tanto o Norte quanto o Sul há mais de um século e que agora estava se esvaindo agonizando sob a rebeldia dos vassallos vizinhos e distantes.

Se de um lado os homens do templo, comerciantes, e os proprietários de terras lucravam e sobressaíam economicamente, do outro, um grupo menos favorecido, especialmente rurícolas empobrecidos, perdiam cada vez mais sua condição de homem e mulher livre. A reforma e suas fases tanto a cultural religiosa, quanto a política nacionalista, evidenciou seus efeitos nos grupos sociais marginalizados. Esses grupos marginalizados compreendidos por pobres, viúvas, órfãos, estrangeiros residentes, deficientes físicos, doentes, grávidas formavam o contraponto da reforma de Josias.

A liberdade política implementada pelo rei gerou significativo resultado econômico para os proprietários de terras, comerciantes, homens do templo, sacerdotes e escribas propiciando uma relativa prosperidade, pois, não tinham mais obrigação política contratual de pagar impostos à Assíria.

O discurso nacionalista de independência e de unificação dos territórios norte e sul ganha força e a reforma religiosa com a limpeza dos ídolos do templo incorpora toda a emanação política causando os efeitos socioeconômicos que marcou a reforma de Josias como a mais efervescente das ideias reformistas. Nem Asa, nem Josafá, tampouco Ezequias conseguiu o feito de Josias ao colocar em prática em seu reinado uma reforma com centralização de culto favorecendo a classe abastada, em detrimento dos grupos marginalizados que sofreram consequências sociais irreparáveis.

4.1 A REFORMA E SUAS FASES

As etapas da reforma tiveram eventos que aprimoraram e permitiram ao rei Josias e aos seus funcionários palacianos a forçar uma reforma que alcançasse a todos: corte, moradores de Jerusalém, moradores de Judá e arredores e os irmãos das tribos do Norte. A descoberta do livro da lei e sua leitura levou a imediata rendição do rei ao mandamento do texto descrito no rolo do pergaminho.²⁵² Não importa se o oráculo é para um rei ou para um súdito, a palavra de Deus é declarada independentemente da posição social.

A resposta da profetisa Hulda para o rei, mediante seus interlocutores enviados ao bairro periférico de Jerusalém para consultá-la, é direta, sem linguajar diplomático e sem rodeios. Há uma confirmação do que se leu do “Livro da Lei”. Hulda não era uma profetisa do palácio de Josias, nem no centro da cidade morava.

No entanto, estava acostumada a proferir seus oráculos para as autoridades de seu tempo.²⁵³ As palavras da profetisa Hulda confirmam e reforçam a mensagem descrita no texto do livro descoberto “Assim diz o Senhor: Eis que trarei mal sobre este lugar e sobre os seus moradores, a saber, todas as palavras do livro que leu o rei de Judá”.²⁵⁴

Minette de Tillesse questiona o oráculo de Hulda em II Rs 22.18-20, como sendo uma cópia do texto de Jeremias 36.2-3. Para ele, o texto de Jeremias é anterior ao de Reis e portanto, Reis é uma cópia às avessas de Jeremias.²⁵⁵

“Aliás, em todo o livro de Jeremias, não se faz a menor alusão à tal descoberta da Lei, cuja mensagem (segundo 2 Rs 22) se identifica totalmente com a mensagem de Jeremias”.²⁵⁶ Para Minette de Tillesse a descoberta do Livro da Lei

²⁵² WISEMAN, Donald J. **1 e 2 Reis. Introdução e Comentário**. São Paulo: Vida Nova, 2006. p. 259. Dando um salto no tempo a reforma de Lutero dizia que “A fé é criada pela palavra que vem de Deus. E mais: a própria prédica é entendida como palavra de Deus”. Veja SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph. **Teologia prática no contexto da América Latina**. Christoph Schneider-Harpprecht (org.). – São Leopoldo: Sinodal: ASTE, 1998. p. 148.

²⁵³ BUSTILLOS, Bernardeth Carmen Caero. **La Profetisa Juldá y la Palabra de YHWH (2Rs 22,11-20)**. Perspectiva Teológica, Belo Horizonte, v. 53, n. 3, p. 614, set/dez. 2021.

²⁵⁴ BÍBLIA SAGRADA. **Antigo e Novo Testamento**. Almeida revista e corrigida. 4ª. Edição. Barueri/SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2014. II Rs 22.16.

²⁵⁵ TILLESSE, Caetano Minette. **A Reforma de Josias**. Revista Bíblica Brasileira – RBB, Fortaleza: Nova Jerusalém, ano 6, 1989. p. 56.

²⁵⁶ TILLESSE, 1989, P. 56.

não é histórica, pois, caso de fato tivesse ocorrido, com certeza o profeta Jeremias teria se referido a ela diversas vezes.²⁵⁷

Jeremias ignora tal 'Descoberta da Lei de Moisés' nos tempos de Josias e a sua solene publicação no Templo (Jer 7,9). [...] Chegamos, pois, à nossa tese principal: Dtr não possuía outra fonte para compor 2 Rs 22, 3 – 23,3, a não ser 2 Rs 12, 5 – 17 em relação a 2 Rs 22, 3 – 7, 9; e Jer 36 para compor 2 Rs 22, 8 – 23, 3. A 'Descoberta da Lei' no Templo não é, portanto, um fato histórico, mas uma apresentação do Dtr, que deve ser lida em contra-posição a Jer 36.²⁵⁸

José Luís Sicre não concorda com a afirmação de Tillesse em relação a participação de Jeremias durante a reforma.

Ao se reconstruir a atividade do profeta nesta época, convém recordar que o chamamento dele ocorre durante a reforma religiosa e política de Josias, começada timidamente no ano 632 e que culminará em 622 com a descoberta do Livro da Lei. Por conseguinte, podemos distinguir uma etapa na qual era preciso continuar fomentando a reforma (627-622), um período de euforia (622 e seguintes) e talvez, como sugere Bright, alguns anos finais de esfriamento.²⁵⁹

A reforma política nacionalista de Josias é voltada principalmente para a "unificação" ao Reino do Sul de Judá às tribos do Norte miscigenadas com os estrangeiros residentes em Samaria e nas cidades do Norte. Havia grandes pretensões expansionistas.

Primeiro realizou a reforma religiosa e posteriormente efetuou a reforma política de expansão territorial nacionalista sob os auspícios do livro da lei. Em nome de Javé. "Na reforma josiânica, motivos políticos e religiosos formaram uma ligação indissociável."²⁶⁰ A reforma do culto foi uma clara demonstração de liberdade do jugo político, cultural, religioso e militar da Assíria.

Neste aspecto Josias foi um visionário ao ponto de compreender o enfraquecimento político-militar da Assíria e o vácuo de poder existente no antigo Reino Norte de Israel. Para R. H. Lowery, ao apresentar a tese de A. Jepsen oferece uma reforma em pelo menos três estágios, com rejeição à interpretação política.

²⁵⁷ TILLESSE, 1989, P. 56.

²⁵⁸ TILLESSE, 1989, P. 57.

²⁵⁹ SICRE, José Luís. **Profetismo em Israel: o profeta: os profetas: a mensagem**. Tradução João Luís Baraúna. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.p. 289.

²⁶⁰ DONNER, Herbert. **História de Israel e dos povos vizinhos**. Tradução de Claudio Molz e Hans Trein. – 7. Ed. São Leopoldo: Sinodal, 2017. p. 403.

Propõe que a pregação de Sofonias foi o impulso básico para a reforma de Josias. Jepsen discerne uma reforma não-deuteronômica no primeiro estágio (628), que removeu os cultos cananeus e assírios de Jerusalém. Essa reforma foi conduzida independentemente do Deuteronômio. Uma segunda reforma, que aboliu a adoração nos lugares altos, veio depois da descoberta do livro da Lei, em 622, [...]. Ainda mais tarde, Josias demoliu o santuário de Betel, sua terceira fase de reforma.²⁶¹

Essa definição não encontra unanimidade entre os teóricos, mas, deve se considerar que a reforma houve mais de um estágio conforme descrito pelo Cronista, ao passo que Reis deixa transparecer uma única reforma.

A campanha reformista desencadeada por Josias desenraizou “todos os traços de práticas religiosas estrangeiras ou sincréticas, incluindo os ancestrais lugares elevados – os altares ao ar livre – nas áreas rurais”.²⁶² Com efeito, Loraschi²⁶³ enfatiza a pregação do Profeta Sofonias evocando os “pobres da terra” numa referência aos trabalhadores da roça, com as pesadas cargas tributárias explorados por comerciantes e nobres da cidade.

Seu eco alcança esses trabalhadores rurais denominados de “pobres da terra” muitos deles desempregados em face da reforma “violenta” realizada por Josias, e também, em face da opressão desencadeada pelo sistema há muito desenvolvido pelo imperialismo assírio, mediante a vassalagem judaíta. “Jerusalém, nos dias de Josias, transformou-se na assim chamada cidade tirânica, onde a maioria do povo era migrante e vivia em completa pobreza, lutando pela sobrevivência”.²⁶⁴

Para Nakanose, a reforma de Josias não trouxe desenvolvimento sócio econômico para as classes pobres da cidade, nem tampouco, para os “pobres da terra”, trabalhadores das terras do campesinato detentor do poder econômico, partidários da reforma.

Nenhum programa social foi criado e incluído nas reformas político-religiosas a favor dos pobres rurais, no entanto, “investiu fortemente no desenvolvimento da

²⁶¹ LOWERY, Ricardo H. **Os reis reformadores: culto e sociedade no Judá do Primeiro Templo**. Tradução Ricardo Gouveia. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 285.

²⁶² FINKELSTEIN, Israel. SILBERMAN, Neil Asher. **A Bíblia não tinha razão**. Traduzido por Tuca Magalhães. São Paulo: A Girafa Editora, 2003. p. 371.

²⁶³ LORASCHI, Celso. O Profeta Sofonias e a Reforma de Josias. In.: **Monoteísmos Intolerância, discriminação e violências em nome de Deus**. Estudos Bíblicos. vol. 29, n. 116, out/dez 2012, Petrópolis: Editora Vozes, p.50.

²⁶⁴ NAKANOSE, Shigeyuki. **Uma história para contar: a Páscoa de Josias: metodologia do Antigo Testamento a partir de 2Rs 22, 1 – 23,30**. Tradução Fátima Regina Durães Marques. São Paulo: Paulinas, 2000. p. 200. (coleção Partilhando a Bíblia).

economia mercantilista centralizada, mantendo a classe trabalhadora sem-terra como mão-de-obra barata.”²⁶⁵

Desse modo, os proprietários de terras, denominados nesta pesquisa de “o povo da terra”, defensores dos programas das reformas de Josias tinham a percepção de que:

Entronizando o menino Josias, eles se entronizam a si próprios. (...) A política interna, conduzida pelos detentores do poder em Jerusalém, não leva em conta as aspirações e os direitos do povo da cidade e da roça. (...) O movimento profético de Sofonias posicionou-se contra este tipo de reforma e revelou que a idolatria não se restringe aos cultos a outros deuses ou deusas, mas revela-se, sobretudo, na situação de injustiça e nos mecanismos de opressão que privam as pessoas pobres de seu direito à vida digna. [...] O lugar social de Sofonias não é o mesmo de Josias e seu grupo.²⁶⁶

Deve ser observada que a geografia política do governo de Josias foi ampliada para o Reino Norte num projeto de expansão econômica ambicioso.

Ela demonstra que Josias de modo algum se satisfaz com uma política emancipacionista em relação à Assíria, mas que aproveitou a perda de poder do império para passar à anexação de territórios. Ele tomou a província de Samerina, que ficara praticamente sem dono; e é provável que o tenha feito sem sequer usar força militar. Talvez isso só tenha acontecido depois da queda de Nínive, no ano de 612 a.c. No último ano de seu governo e de sua vida, Josias operou inclusive no território da província de Magiddu (23.29s), mesmo que apenas quando havia motivos. (...) Portanto a ação de Josias constituía nada menos do que a tentativa de restabelecer a situação vigente sob Davi e Salomão, uma política de restauração sob novas condições. Josias considerou chegado o momento de transformar em realidade o velho e nunca extinto ideal do reino davídico-salomônico unido.²⁶⁷

O historiador de II Reis 23.19-20 registra que após o rei Josias destruir as casas dos altos, das cidades de Samaria no Reino Norte pertencente à Assíria, e de haver sacrificado os sacerdotes dos altos que ali prestavam cultos pagãos, fez todo o trabalho profanando os altos, com seus altares, e logo em seguida retorna para Jerusalém, numa demonstração de que o trabalho político nacionalista estava cumprido.

²⁶⁵ NAKANOSE, 2000, P. 201.

²⁶⁶ LORASCHI, Celso. O Profeta Sofonias e a Reforma de Josias. In.: **Monoteísmos Intolerância, discriminação e violências em nome de Deus**. Estudos Bíblicos. vol. 29, n. 116, out/dez 2012, Petrópolis: Editora Vozes. P. 53.

²⁶⁷ DONNER, Herbert. **História de Israel e dos povos vizinhos**. Tradução de Claudio Molz e Hans Trein. – 7. Ed. São Leopoldo: Sinodal, 2017. p. 409.

Trata-se, na realidade, de um empreendimento de grande envergadura, por parte do rei, para se libertar da vassalagem dos assírios depois da ruína do seu império, e para restabelecer a própria soberania e também renovar o reino davídico. Deste empreendimento fazia parte, como medida de natureza cultural, a abolição do culto dos deuses assírios no templo de Jerusalém. Tudo isto fora planejado ou posto em execução, mesmo antes de se conhecer o Deuteronômio. Contudo, este código legal deu ocasião a que se adotassem outras medidas, que apenas ele exige, e que são mencionadas no relato da reforma, como sejam: a destruição de todos os santuários existentes fora do recinto central do templo de Jerusalém; a purificação desse recinto de todos os cultos estrangeiros, e a celebração da páscoa no templo.²⁶⁸

A mensagem de Deus na reforma de Josias era urgente e clara. A condicionante era se Judá se arrependesse e abandonasse o politeísmo permaneceria na terra, ou seria levado cativo, a cidade e o templo destruídos. Essa teologia faz parte da historiografia da teologia deuteronomista justificando os atos dos bons e dos maus reis. A mensagem do Eterno é direta, alcançando a realeza e a toda a nação.

A consternação e a crença do jovem rei o impeliram dentro do movimento nacionalista judaíta a expandir a sua reforma aos seus irmãos miscigenados do Reino Norte. “Josias acabou com os rituais sacrificatórios realizados pelos sacerdotes das zonas rurais, que conduziam essas cerimônias nos lugares elevados e nos santuários espalhados em toda a região”.²⁶⁹

Ao destruir o altar de Betel e queimar seus adoradores e sacrificadores no próprio altar juntamente com os ossos dos sacerdotes desenterrados profanou o altar do lugar alto numa rara demonstração real de que nunca mais se poderia ali sacrificar ou prestar culto por ter sido o lugar profanado.

“Josias saiu com a intenção de expandir suas fronteiras (v. no v. 19 a seguir), [...]. Betel também marcava a fronteira sul do antigo Reino do Norte, agora, província assíria de Samaria”.²⁷⁰ Este feito foi uma demonstração de força política nacionalista e um recado claro de independência da vassalagem assíria.

A reforma de Josias foi muito mais ampliada do que a de seu bisavô Ezequias. Josias foi muito além da vontade de uma reforma orquestrada por uma rebelião política. Foi a vontade e o comprometimento de buscar em Deus a

²⁶⁸ SELLIN, Ernest; FOHRER, G. **Introdução ao Antigo Testamento**. Tradução D. Mateus Rocha. São Paulo: Ed. Academia Cristã Ltda, 2007. p. 234.

²⁶⁹ FINKELSTEIN, Israel. SILBERMAN, Neil Asher. **A Bíblia não tinha razão**. Traduzido por Tuca Magalhães. São Paulo: A Girafa Editora, 2003. p. 374.

²⁷⁰ WISEMAN, Donald J. **1 e 2 Reis. Introdução e Comentário**. São Paulo: Vida Nova, 2006. P. 261.

purificação do templo, da cidade de Jerusalém, das cidades de Judá e especialmente, alcançar o favor de Javé para não serem exterminados.

Ele “arrasou” os lugares altos, “profanou-os” e “queimou ossos humanos” nos altares. Removeu e até executou sacerdotes. Josias estendeu a abolição dos santuários reais em lugar alto para incluir um ataque às embaixadas estrangeiras nos subúrbios de Jerusalém e ao templo não-judaíta em Betel.²⁷¹

Enquanto a reforma de Ezequias fora um ato de rebelião ao império assírio e a centralização do culto uma medida para conter o avanço dos inimigos aos tributos e dízimos coletados e armazenados nos lugares altos da área rural de Judá, a reforma de Josias teve cunho estritamente religioso, com uma consciência política nacionalista e cultural.²⁷²

A reforma de Josias foi um ato que envolveu a fé, o sentimento nacionalista de independência, a vontade política de liberdade econômica com a quebra do jugo tributário assírio.

Um único entre os vassallos assírios do sudoeste teve capacidade de reconhecer os sinais dos tempos e tirar proveito político da decadência do poder assírio: o rei Josias de Judá (639-609), uma das figuras mais brilhantes, talentosas e fascinantes no trono de Davi, o último grande rei do Reino do Sul. Apesar de todos os retoques e idealizações deuteronomicas que sua figura sofreu, pode-se supor que já seus contemporâneos o considerassem a corporificação das esperanças vivas na história do povo de Israel, o ungido de Javé por excelência, o verdadeiro e digno descendente de Davi. Josias é o rei da “reforma josiânica”, que levou seu nome. [...] Na reforma josiânica, motivos políticos e religiosos formaram uma ligação indissolúvel.²⁷³

A reforma ganha novos contornos políticos, econômicos, culturais e religiosos. Possivelmente, um clímax internalizado de religiosidade com um sincretismo de fé e liberdade política.

Era necessária uma comemoração à altura do momento em que YHWH os libertara da servidão assíria e da possibilidade de unificação dos reinos. Anexar o reino assírio da Samaria era um projeto praticamente exequível. Um contraste com a política de servidão que viveram até o momento. “Josias não só conseguiu

²⁷¹ LOWERY, Ricardo H. **Os reis reformadores: culto e sociedade no Judá do Primeiro Templo**. Tradução Ricardo Gouveia. São Paulo: Paulinas, 2004. pp. 314, 315.

²⁷² LOWERY, 2004, p. 318.

²⁷³ DONNER, Herbert. **História de Israel e dos povos vizinhos**. Tradução de Claudio Molz e Hans Trein. – 7. Ed. São Leopoldo: Sinodal, 2017. p. 403.

proclamar a independência de seu próprio Estado de Judá, que se encontrava sob tutela assíria, como ainda acrescentou ao seu reino províncias outrora pertencentes ao Grande Reino Assírio”.²⁷⁴

O Reino Norte de Israel havia caído em 722 a.C. forçando uma migração dos irmãos do Norte para o Reino Sul de Judá. Os piedosos levitas, sacerdotes e escribas migraram em busca de um lugar na corte e no templo de Javé.

Ao levar consigo textos dos anais da história de Israel e registros preciosos do templo de Betel, leis e tradições hebraicas para Jerusalém permitiu um aprimoramento dos textos programáticos da reforma formatando o que Haroldo Reimer denomina de “identidade” de um novo Israel, mediante os textos de caráter oficial. “Todo o conjunto de ações no contexto da chamada reforma ‘político-religiosa’ de Josias indica para a construção de uma nova tessitura das relações sociais em Judá.”²⁷⁵

4.1.1 A Reforma Cultural Religiosa

O rei Josias inicia seu período de reforma ainda bem jovem. No oitavo ano de reinado, com seus 16 anos de idade se volta para buscar a Deus. No duodécimo ano de reinado já com 20 anos dá início ao que o cronista denomina de purificação.

Porque, no oitavo ano do seu reinado, sendo ainda moço, começou a buscar o Deus de Davi, seu pai; e, no duodécimo ano, começou a purificar a Judá e a Jerusalém dos altos, e dos bosques, e das imagens de escultura e de fundição.²⁷⁶

A reforma religiosa de Josias inicia-se com a sua entrega completa a buscar a Javé, o Deus único e verdadeiro ao qual, os reis judaítas, seus antecessores, negligenciaram a adoração e o culto.

Três eventos ajudaram Josias a desejar a reforma da fé. Em 626 morreu Assurbanipal, o último grande governante assírio, e Nabopolassar liderou os

²⁷⁴ METZGER, Martin. **História de Israel**. Tradução Nelson Kirst e Silvio Schneider. 5ª. Edição. São Leopoldo/RS: Editora Sinodal, 1989. Pp. 113-114

²⁷⁵ REIMER, Haroldo. **O Antigo Israel: história, textos e representações**. São Paulo: Fonte Editorial, 2017. P. 49.

²⁷⁶ BÍBLIA SAGRADA. **Antigo e Novo Testamento**. Almeida revista e corrigida. 4ª. Edição. Barueri/SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2014. II Cr 34.3.

babilônios numa revolta bem-sucedida contra a Assíria. Ademais, em 621, os que trabalhavam na reconstrução acharam o livro da lei no templo.²⁷⁷

Percebam que foi uma sucessão de eventos que permitiu com que os tutores e conselheiros do jovem rei visualizassem o momento ideal para o rompimento com o império suserano assírio e implementassem as reformas deuteronomicas “gestadas” desde Ezequias e postas em prática nos dias de Josias.

Independente da discussão se o livro da lei foi escrito para essa finalidade ou que foi achado propositalmente no templo, o fato é que, sua aparição como um “livro de Moisés” foi uma demonstração de que o rei estava no caminho certo com seu programa de reforma. Tinha em mãos um texto de uma autoridade divina.

A resposta imediata diante da descoberta do Livro da Lei foi um ato de liderança de Josias. Como um princípio de unidade e ação, ele conclamou a nação a retornar ao antigo pacto e a aceitar publicamente suas obrigações, as quais iriam torna-los povo exclusivo de Deus e reafirmar a aliança como a lei da terra. Este fato, juntamente com a celebração da Páscoa, iria se tornar fator influente no desenvolvimento tanto do Judaísmo quanto do Cristianismo.²⁷⁸

Os reparos das rachaduras do templo, a descoberta do Livro da Lei, sua confirmação enquanto palavra de Deus pela profetisa Hulda, a renovação do pacto do Senhor entre o rei, o povo e Javé, se desdobram no ato do impulso radical de purificação do templo, das ruas de Jerusalém, nos contornos das cidades próximas e até a região das tribos do Norte.

Os altos se retiraram, as esculturas quebradas, moídas, queimadas, as cinzas espalhadas nas sepulturas do cemitério público de Jerusalém. Uma limpeza geral no templo, expulsão dos prostitutas cultuais presentes nos quartos anexos ao templo, bem como a destruição de seus quartos. A destituição dos sacerdotes não levíticos, tanto em Jerusalém quanto nos arredores das cidades de Judá.

A centralização do culto em Jerusalém e o acolhimento dos sacerdotes levíticos desempregados dos altos onde se ofertavam, “desde Geba até Berseba”. Os altos edificadas por Salomão que há mais de trezentos anos tornavam as ruas de Jerusalém uma “embaixada estrangeira de esculturas”²⁷⁹ para agradar inicialmente as suas mulheres estrangeiras com seus deuses estrangeiros e que permaneceram

²⁷⁷ LASOR, William Sanford; HUBBARD, David A; BUSH, Frederic W. **Introdução ao Antigo Testamento**. Tradução Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 2002. P. 234.

²⁷⁸ WISEMAN, Donald J. **1 e 2 reis. Introdução e comentário**. São Paulo: Vida Nova, 2006. P. 259.

²⁷⁹ LOWERY, Ricardo H. **Os reis reformadores: culto e sociedade no Judá do Primeiro Templo**. Tradução Ricardo Gouveia. São Paulo: Paulinas, 2004. P. 307.

até então. Josias teve a coragem e o comprometimento com o culto a Javé destruindo todas essas abominações.²⁸⁰

Igualmente, a reforma por etapas postula um curso de ação ampliando-se, que acompanhasse a desintegração progressiva do domínio assírio sobre regiões costeiras e do norte, que Josias estava capacitado para nelas entrar e as reclamar gradualmente.²⁸¹

Essa reforma cultural religiosa de Josias abrangia termos, divisas territoriais. Na capital Jerusalém, purificou a área do templo de tudo que lembrava ou havia sido influenciada pela Assíria. Na área urbana da cidade de Jerusalém eliminaram completamente os altares, locais de culto, tanto cananeus, quanto assírios.

Não se deteve e foi além, aos arredores da cidade de Jerusalém eliminando completamente os locais de cultos pagãos. Prosseguiu pelas cidades de Judá, no interior, na área rural conforme II Reis 23.5, 8a “desde Geba até Berseba”.²⁸² Feito isto, foi até as cidades do Norte, em território assírio da província de Samaria e profanou, destruiu o santuário de Betel, degolou e ofereceu os sacerdotes em sacrifícios nos altares num ato profano.²⁸³

4.1.2 A Reforma Política Nacionalista

Pode-se afirmar que essa reforma de Josias teve em seu personagem a personificação do novo Davi que reunificaria o norte e o sul numa demonstração de cumprimento das profecias sobre o remanescente que descenderia de Davi e uniria Israel – norte/sul conforme descrito por Isaías 8.23b - 9.6.²⁸⁴

“Josias soube tirar proveito da conjuntura favorável para dar ao reino de Judá um impulso novo, cujos aspectos salientes são de caráter religioso e ideológico, mas cujas bases materiais e políticas são também dignas de nota”.²⁸⁵

²⁸⁰ BÍBLIA SAGRADA. **Antigo e Novo Testamento**. Almeida revista e corrigida. 4ª. Edição. Barueri/SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2014. II Rs 23.13.

²⁸¹ GOTTWALD, Norman K. **Introdução socioliterária à Bíblia Hebraica**. Tradução Anacleto Alvarez; revisão H. Dalbosco. São Paulo: Paulus, 1998. P. 350.

²⁸² BÍBLIA SAGRADA. **Antigo e Novo Testamento**. Almeida revista e corrigida. 4ª. Edição. Barueri/SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2014.

²⁸³ DONNER, Herbert. **História de Israel e dos povos vizinhos**. Tradução de Cláudio Molz e Hans Trein. – 7. Ed. São Leopoldo: Sinodal, 2017. P. 407, 408. 2 v.

²⁸⁴ DONNER, 2017, p. 409. 2 v.

²⁸⁵ LIVERANI, Mario. **Para além da Bíblia. História antiga de Israel**. Tradução Orlando Soares Moreira. 2ª. Ed. São Paulo: Paulus; Edições Loyola, 2014. P. 217.

É nítida a influência que o povo da terra, proprietários de terras aliados com os escribas e sacerdotes do templo alinhados com os nobres da corte e as pregações e profecias dos profetas da segunda metade do século VII tiveram sobre Josias.

A reforma instituída pelo rei Josias dentre tantos outros fatores foi influenciada pela pregação dos profetas, sobretudo de Jeremias, Habacuque, Sofonias, Naum e Hulda. Cada um a seu modo e a seu tempo puderam participar do movimento pré-reforma, durante e após os acontecimentos que se sucederam.

O povo da terra camponeses da elite rural foi responsável por influenciar as decisões do jovem rei. Os sacerdotes e profetas foram vozes defensoras e propagadoras do sentimento deuteronomista de liberdade política. Essas mensagens soaram estridentes e inflaram com o seu conteúdo, o ego do sentimento nacionalista da elite rural, dos homens da corte e dos sacerdotes do templo que já percebiam uma visão unificadora do reino miscigenado do norte com o reino sul numa tentativa de retomar geograficamente a demarcação dos tempos de Davi e Salomão.²⁸⁶

Mas em que medida a imposição dos líderes religiosos e políticos do Reino Sul influenciou a reforma do rei Josias? Essa reforma foi a que teve o maior impacto social e religioso na vida dos judaítas. Foi sincera e obteve um alcance social e religioso nunca antes visto. Foi bem mais ampla do que qualquer outra reforma já realizada. Asa, Josafá, Ezequias, tidos como reis reformadores,²⁸⁷ nenhum deles empreendeu tal cometimento como o que foi realizado por Josias.

No entanto, é possível perceber que o movimento nacionalista do tempo do rei Ezequias foi importante e serviu de incentivo e impulso político para as decisões acertadas do período de Josias. A segunda metade do século VII foi um tempo contextualmente favorável aos projetos de Josias se comparado à força imperial

²⁸⁶ REIMER, Haroldo. **O Antigo Israel: história, textos e representações**. São Paulo: Fonte Editorial, 2017. P. 46. O autor entende ao contrário essa discussão. “Essa informação pode tratar-se de uma reconstrução mítica de tempos posteriores, provavelmente da época de governo do rei Josias, no século VII a.C., após a retirada dos assírios como força imperial de ocupação em toda a região ao longo de vários séculos e em meio aos anseios de construção de um reino com a inclusão ou conquista dos territórios “abandonados” pelos assírios na parte norte da região. O “império” de Davi e de Salomão provavelmente foi muito mais modesto e circunscrito, a julgar pela extensão da capital Jerusalém conforme informam os dados arqueológicos a respeito”.

²⁸⁷ Para uma compreensão melhor desse termo Reis Reformadores vide: LOWERY, Richard H. **Os reis reformadores: culto e sociedade no Judá do Primeiro Templo**. Tradução Ricardo Gouveia. São Paulo: Paulinas, 2004. (coleção Bíblia e história). Sobre o rei Asa pp. 130 – 147; sobre o rei Josafá pp. 147- 156; sobre Ezequias pp. 211 – 249; sobre Josias pp. 281 – 319.

militar, política e administrativa da Assíria. Josias soube ouvir os seus tutores e conselheiros. Era um momento visivelmente propício para se libertar do jugo da vassalagem. Os reis e povos vassalados sob o domínio assírio um a um se rebelavam. Insubordinação e insurreição por todo o núcleo do império.

Além das rebeliões internas, a Assíria ainda tinha que lidar com as incursões de povos da fronteira norte que até então não lhe eram preocupantes. “[...] O momento mais favorável para a produção de identidade nos termos do que hoje poderíamos chamar de ‘nacional’ se dá na segunda metade do século VII a.C., quando, com a retirada dos assírios como força de ocupação, a partir de 640 a.C.”²⁸⁸ Josias soube aproveitar todo esse momento político para iniciar sua reforma. Não se liberta de um jugo político sem se ver livre da cultura “imposta” do sincretismo religioso do opressor.

Em primeiro lugar, a reforma foi obviamente uma faceta do nacionalismo ressurgente. A oscilação entre o sincretismo e a reforma, que coincide com as mudanças na política nacional, terá certamente sido notada — e não é com certeza nenhum acidente. Como Ezequias reverteu a política de Acaz, assim Josias também reverteu a política de Manassés. E, sendo a religião assíria o próprio símbolo da humilhação nacional, qualquer movimento de independência certamente teria de se desfazer dela e, tendo-o conseguido, teria de ir mais além, procurando eliminar todas as características religiosas consideradas não israelitas.²⁸⁹

A postura firme do rei seguido por seus funcionários da corte e pelos sacerdotes de subir ao templo para leitura do livro achado e o fato de se postar junto à coluna e jurar lealdade a Javé foi um ato cultural que convenceu o coração dos súditos para tal conversão.

O texto de II Reis 23.3 diz que o povo prometeu cumprir a aliança. “E todo o povo esteve por este concerto”.²⁹⁰ O conjunto de ações no bojo da reforma político-religiosa de Josias intensificaram as forças internas do nacionalismo emergente.

De uma forma mais marcante, no reinado de Josias, a teologia da aliança é um instrumento importante para a formatação de uma ‘identidade nacional’.

²⁸⁸ REIMER, Haroldo. **O Antigo Israel: história, textos e representações**. São Paulo: Fonte Editorial, 2017. P. 48.

²⁸⁹ BRIGHT, John. **História de Israel**. Edição revista e ampliada a partir da 4ª. Edição original. 7ª. Ed. São Paulo: Paulus, 2044. P. 320.

²⁹⁰ BÍBLIA SAGRADA. **Antigo e Novo Testamento**. Almeida revista e corrigida. 4ª. Edição. Barueri/SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2014. II Rs 23.3.

O sacerdócio oficial do templo central desempenhou papel de protagonista nesta construção.²⁹¹

Dá início ao expurgo no templo dos deuses estranhos e dos objetos de culto que lembrasse ou remetesse à ritualização de adoração dos assírios e também dos cananeus e povos vizinhos. Os sacerdotes da segunda ordem foram encarregados dessa limpeza.

Ato contínuo o rei dá a ordem para que os sacerdotes que incensavam aos deuses estranhos fossem destituídos de suas funções. Destrói os ídolos, queimam, trituram e esparge as cinzas nas sepulturas do cemitério público²⁹² de Jerusalém numa profanação jamais vista em Judá e em Israel. Destruíu os quartos dos prostitutos cultuais²⁹³ anexos ao templo e em seguida parte para as ruas de Jerusalém, as cidades vizinhas e os montes onde se prestava qualquer tipo de culto.

Não se deixou nenhum altar fora do templo sem ser destruído. Quer seja de adoração a Javé ou a deuses mesopotâmicos, aos astros, ou deuses das nações vizinhas. Profana o vale dos Filhos de Hinnom para não mais ser utilizado para sacrifícios humanos. Centraliza o culto e a adoração no templo em Jerusalém. O livro do Deuteronômio achado no templo passa a ser consultado como uma forma de manual para empreender boa parte das ações da reforma.

Com a centralização do culto em Jerusalém e o apoio da nobreza urbana e dos proprietários de terras dá se início a novas etapas da reforma. Empreende a conquista de territórios ao Norte de Israel, província da Assíria. “A mudança josiânica é de caráter religioso, mas seu fim é político – expansionista”.²⁹⁴ Cidades

²⁹¹ REIMER, Haroldo. **O Antigo Israel: história, textos e representações**. São Paulo: Fonte Editorial, 2017. P. 50.

²⁹² WISEMAN, Donald J. **1 e 2 Reis. Introdução e comentário**. Tradução 1 Reis Emirson Justino, Vicente de Paula dos Santos; 2 Reis James Reis. São Paulo: Vida Nova, 2006. P. 261. O autor diz que “o espalhar das cinzas sobre as covas das pessoas (BJ ‘área de cemitério comum’) servia para desdenhar tanto o deus quanto os seus adoradores”.

²⁹³ NAKANOSE, Shigeyuki. **Uma história para contar: a páscoa de Josias: metodologia do Antigo Testamento a partir de 2 Rs 22,1 – 23,30**. Tradução Fátima Regina Durães Marques. São Paulo: Paulinas, 2000. P. 106. (Coleção: Partilhando a Bíblia). “No Antigo Oriente Médio a prática da prostituição sagrada não estava sob censura moral e era bastante comum. Ainda mais, ela constituía uma prática ritual da cultura mesopotâmica e cidades-Estado cananeias, como meio de arrecadação de produto”. Para uma melhor compreensão referente aos prostitutos e prostitutas cultuais no templo de Jerusalém no período da reforma de Josias, vide: ROMER, Thomas. **A origem de Javé: o Deus de Israel e seu nome**. Tradução de Margarida Maria Cichelli Oliva. São Paulo: Paulus, 2016. Pp. 194, 195.

²⁹⁴ KAEFER, José Ademar; DIETRICH, Luiz José. A consolidação dos reinos de Israel Norte e Judá. In.: KAEFER, José Ademar; FRIZZO, Antônio Carlos; MARQUES, Maria Antônia. **Uma história de Israel: leitura crítica da Bíblia e arqueologia**. [Orgs.] Shigeyuri Nakanose; Luiz José Dietrich. São Paulo: Paulus, 2022. P. 151. Nova Coleção Bíblica.

como Betel, Samaria tiveram seus altares destruídos, seus bosques queimados, seus sacerdotes sacrificados e os ossos dos sacerdotes mortos e sepultados há muito, desenterrados e queimados sobre os altares. Uma profanação tal que nunca mais poderiam ser usados para o rito cultural.

O historiador judeu Flávio Josefo exagera ao falar da piedade de Josias e afirma que o rei indagou aos israelitas do Reino Norte fugitivos em Jerusalém após a queda de Samaria persuadindo e convencendo-os a abandonarem os deuses alheios e a adorarem o Deus Todo Poderoso. “Não houve cidade, aldeia ou vila em que ele não tivesse mandado fazer, em todas as casas, uma diligente eliminação de tudo o que tinha servido para a idolatria.”²⁹⁵

Independente da forma textual do historiador não há como negar que foi realizada de maneira impositiva de alto para baixo. O profeta Sofonias precursor da reforma de Josias pregou duramente direcionando suas profecias de julgamento contra as elites judaicas e o culto de ritual sincrético.²⁹⁶

Dessa forma brutal e em nome de Javé o rei Josias e seus oficiais praticam todas essas atrocidades sociológica e antropologicamente impensáveis e inaceitáveis para os dias modernos. “A reforma político-religiosa de Josias talvez seja uma das ações mais brutais registradas no Antigo Testamento, empreendidas em nome de Javé.”²⁹⁷

Não se pode e nem é possível pensar numa aplicação hermenêutica dessas barbaridades para os dias de hoje. Por outro lado, é possível aplicar princípios das reformas, religiosa, política, administrativa de Josias para uma significativa visão eclesial como pano de fundo para um aproveitamento “espiritual” numa retomada de avivamento genuíno dos fieis dos tempos modernos.

Para tanto, a questão social pode ser mais bem discutida com uma atenção dedicada aos mais pobres e necessitados. Toda e qualquer mudança gera seus traumas. As pessoas marginalizadas da sociedade precisam ser assistidas e não reviver os problemas e os descasos que ocorreram com os habitantes da região rural de Judá durante a centralização do culto em Jerusalém.

²⁹⁵ JOSEFO, Flávio. **História dos hebreus**. Tradução de Vicente Pedroso. Rio de Janeiro: CPAD, 1990. P. 245. V.3.

²⁹⁶ MACCHI, Jean – Daniel. Sofonias. In.: **Antigo Testamento: história, escritura e teologia**. [orgs.] ROMER, Thomas; MACCHI, Jean-Daniel; NIHAN, Christophe. Tradução Gilmar Saint Clair Ribeiro. São Paulo: Edições Loyola, 2010. P. 542.

²⁹⁷ NAKANOSE, Shigeyuki. **Uma história para contar: a páscoa de Josias: metodologia do Antigo Testamento a partir de 2 Rs 22,1 – 23,30**. Tradução Fátima Regina Durães Marques. São Paulo: Paulinas, 2000. P. 129. (Coleção: Partilhando a Bíblia).

4.1.3 A reforma e seus efeitos nos grupos sociais marginalizados

Pobres, mulheres grávidas, viúvas, órfãos, deficientes físicos e idosos foram os personagens mais afetados socialmente com a reforma de Josias. Especialmente, os habitantes rurais de Judá e das províncias ao norte no território samaritano. A centralização do culto e o discurso nacionalista visava o bem estar dos fieis citadinos.

A destruição dos altares dos montes na zona rural prejudicou a assistência mesmo que parcial desses grupos sociais marginalizados. Eles não conseguiam cumprir a convocação para as festas anuais de adoração em Jerusalém. Até os sacerdotes rurais que ali ministravam ficaram desempregados. Esses grupos sociais foram diretamente afetados. Os profetas Sofonias e Hulda deixam claros em suas profecias que a reforma desempenhada por Josias não era coisa para os pobres.²⁹⁸

Enquanto na cidade de Jerusalém se banquetavam, comemoravam as festas e prestavam cultos de adoração a Javé, no interior de Judá centenas de pessoas choravam os seus problemas cotidianos mal resolvidos. Além de não ter mais onde cultuar, não recebiam a assistência devida por parte da elite política e religiosa. Não podiam se locomover até o templo central para adoração.

Veja que psicologicamente, a brusca perda de pertença do ambiente espiritual onde se cultuavam foi enorme. É preciso deixar claro que os altares derrubados tanto na cidade quanto nas aldeias rurais atingiam altares dos deuses mesopotâmicos, assírios, cananeus e até altares de Javé. A centralização do culto no templo exigia exclusividade de local e de divindade.

Somente Javé deveria ser adorado, e seu culto prestado no templo em Jerusalém, o lugar escolhido para sua adoração. “Certamente a população rural, o povo em si não deve ter se manifestado favorável a tal reforma, centralizar o culto em Jerusalém demandaria uma logística complexa”²⁹⁹

Nesse contexto, soa estridente a mensagem do profeta Sofonias em favor dos mais pobres. Para ele, “Os humilhados e enfraquecidos da cidade e os pobres

²⁹⁸ SCHWANTES, Milton. **Breve história de Israel**. São Leopoldo: Oikos, 2008. Pp. 51, 52.

²⁹⁹ CRUQUI, José Carlos. O sonho de Josias: entre a resistência e a violência em nome de Deus. **Revista Unitas**, v. 6, n. 2, 2008, p. 60.

explorados da roça são os protagonistas de uma nova sociedade”.³⁰⁰ A restauração para os pobres e aleijados é uma mensagem que Sofonias deixa explícita:

Mas deixarei no meio de ti um povo humilde e pobre; e eles confiarão no nome do Senhor. [...] Eis que, naquele tempo, procederei contra todos os que te afligem, e salvarei os que coxeiam, e recolherei os que foram expulsos; e lhes darei um louvor e um nome em toda a terra em que foram envergonhados.³⁰¹

Loraschi radicaliza ao defender uma tese de que “A mudança, porém, segundo Sofonias, não será realizada a partir de cima. O protagonismo será dos “pobres da terra” e do “povo pobre e humilde”. Em outras palavras, os sujeitos da mudança serão os empobrecidos da roça e da cidade”.³⁰²

Apesar de concordar de que os grupos marginalizados socialmente tiveram o seu protagonismo antes e durante a reforma de Josias, como em qualquer outra época de mudanças sociais, é muito difícil sustentar essa tese de Loraschi do ponto de vista político e administrativo. Sobretudo, pela ideologia teológica da retribuição.

O que se faz se paga. Os dirigentes do templo pregavam isso a todo o tempo. Isso contribuía para inibir movimentos sociais rebeldes, mas não significa que não aconteciam. Ademais, esses grupos marginalizados não tinham influência nos rituais religiosos eclesiásticos e nas celebrações. É preferível manter a linha de pensamento de Cruqui de que o povo pobre e da zona rural não aprovou e nem participou decisivamente durante a reforma, embora tivesse interesse e quisesse participar com poder de decisão.

Conforme o texto bíblico de Sofonias 1.7; 2.3,6-10; 3.10,12,13,19; o profeta faz uma defesa enfática dessa gente. Sua narrativa alcança os convidados de Yahweh, os pobres da terra que realizam a ordem de Yahweh, os pastores, o resto da casa de Judá, o meu povo, o resto do meu povo, o que sobrar de minha nação, o povo de Yahweh dos Exércitos, os meus adoradores do outro lado dos rios da Etiópia, um povo pobre e humilde que procura refúgio no nome de Yahweh, o resto de Israel, o coxo, o disperso.

³⁰⁰ LORASCHI, Celso. O Profeta Sofonias e a Reforma de Josias. In.: **Monoteísmos Intolerância, discriminação e violências em nome de Deus**. Estudos Bíblicos. Vol. 29, n. 116, out/dez 2012, Petrópolis: Editora Vozes. P. 51.

³⁰¹ BÍBLIA SAGRADA. **Antigo e Novo Testamento**. Almeida revista e corrigida. 4ª. Edição. Barueri/SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2014. Sf 3.12,19.

³⁰² LORASCHI, Celso. O Profeta Sofonias e a Reforma de Josias. In.: **Monoteísmos Intolerância, discriminação e violências em nome de Deus**. Estudos Bíblicos. Vol. 29, n. 116, out/dez 2012, Petrópolis: Editora Vozes. Pp. 50,51.

Quem é essa gente? Excluindo o versículo 3,19 que faz parte de um adendo pós-exílico (3,18b-20), todos os grupos citados por Sofonias são do seu tempo. Quando ele evoca “os pobres da terra” (*anawin ha 'aretz*) refere-se aos trabalhadores da roça, explorados pelos comerciantes e pelo sistema tributário. O ambiente de Sofonias, porém, é citadino. Jerusalém é tema principal de sua profecia. Ataca a violência e a opressão praticadas na capital e assume a dor e os sonhos do “povo pobre e humilde” (*'ani wedal'*): são os humilhados e enfraquecidos no meio dos quais o profeta se movimenta. Jerusalém, no contexto do imperialismo assírio, tomou-se a cidade rebelde, manchada e opressora. Dentro dela moram os príncipes, os juizes, os profetas, os sacerdotes, os perversos, os orgulhosos fanfarrões, os que vivem no luxo, são fraudulentos e usam da violência. Enquanto isso, os *anawim* e os *dallim* (pobres, magros, deprimidos, necessitados) têm apenas lahweh por refúgio: são os escravos, os órfãos, as viúvas, os mutilados pelas guerras, os estrangeiros, os prestadores de serviços nos diversos setores da cidade, os doentes, os idosos encurvados...³⁰³

A denúncia social que Sofonias faz tem endereço certo e direto: Os homens da corte, os comerciantes ricos, os juizes, os sacerdotes do templo, os proprietários de terras, os mesmos que aliançados num projeto político nacionalista buscam a qualquer custo a liberdade nacional em detrimento da situação precária em que viviam estes grupos menos favorecidos. É nesse contexto que a reforma de Josias tem o seu lado negativo.

Mesmo Sofonias não mencionando³⁰⁴ nominalmente o rei Josias em face de sua tenra idade Sf 1.8; a mensagem de castigo aos príncipes e filhos do rei por usarem vestes estranhas num ritual sincrético assírio, evidencia claramente o desmazelo social e espiritual durante o reinado de Josias. Não se duvidam dos problemas sociais vividos pelos pobres e desvalidos economicamente no reinado de Josias, mas, imaginar que estes grupos marginalizados teriam força para criar um movimento que culminasse nas reformas religiosa e política de Josias é uma utopia.

Desse modo, há que se discordar da tese de Loraschi³⁰⁵ de que estes grupos sociais foram os responsáveis como protagonistas num movimento frente à arrogância dos dominadores, segundo a sua interpretação da narrativa de Sofonias. Por mais que esse populacho quisesse participar das decisões, não tinha poder político e nem conseguia se organizar para tanto, em face da precariedade em que vivia socialmente e economicamente. Muitos viviam sob um regime de

³⁰³ LORASCHI, out/dez 2012, p. 50.

³⁰⁴ SCHMIDT, Werner H. **Introdução ao Antigo Testamento**. Tradução Annemarie Hohn I. São Leopoldo, RS: Sinodal, 1994. P. 225.

³⁰⁵ LORASCHI, Celso. O Profeta Sofonias e a Reforma de Josias. In.: **Monoteísmos Intolerância, discriminação e violências em nome de Deus**. Estudos Bíblicos. Vol. 29, n. 116, out/dez 2012, Petrópolis: Editora Vozes. P. 51.

semiescavidão dada a sua situação de pobreza. Estavam desarticulados e a força do poder real era algo esmagador. Basta olhar a crítica contundente de Sofonias em Sf 3.1-4 contra a cidade opressora e seus chefes, juízes, profetas e sacerdotes distantes de Javé.

Aqui encontramos uma sociedade na qual as elites governantes abusavam de seus privilégios e o aparato administrativo estava sujeito a subornos. Tal fato demonstra as iniquidades sociais e econômicas reinantes e transforma a cidade de Jerusalém na “cidade tirânica”. A crise do povo em dificuldades econômicas foi intensificada, sinal evidente de uma situação social doentia.³⁰⁶

Nakanose é um crítico contumaz das reformas de Josias em relação aos grupos sociais marginalizados não alcançados e nem beneficiados pelas mudanças, sobretudo, da zona rural de Judá. No entanto, não afirma serem esses grupos responsáveis por enfrentamento aos dominadores e protagonizar um movimento social como defende Loraschi.

Para Nakanose, o fato do declínio do sistema tribal e o fortalecimento da centralização monárquica, que não começa com Josias, mas sim, tem sua gênese em Davi, foi um dos motivos pelos quais a população pobre rural e urbana não conseguiu se organizar para formar como defende Loraschi um movimento social de reforma. Há que se concordar com a crítica de Nakanose de que em face do poder e do monopólio que os governantes detinham da religião, da política e da economia, os pobres dificilmente teria condições de organizar e pôr em prática um movimento social relevante. “O resto da população israelita permaneceu como mero observador do processo político”.³⁰⁷

De acordo com Finkelstein e Silberman, as conquistas de Josias para o Reino Norte de Israel, permitiu anexar a província assíria de Samaria e “transformou Megido num estratégico posto avançado para o Estado judaico que crescia”.³⁰⁸ Apreende-se que a história de Judá teria tomado outro patamar se Josias não tivesse morrido tão jovem.

³⁰⁶ NAKANOSE, Shigeyuki. **Uma história para contar: a páscoa de Josias: metodologia do Antigo Testamento a partir de 2 Rs 22,1 – 23,30**. Tradução Fátima Regina Durães Marques. São Paulo: Paulinas, 2000. P. 179

³⁰⁷ NAKANOSE, 2000, P. 198.

³⁰⁸ FINKELSTEIN, Israel. SILBERMAN, Neil Asher. **A Bíblia não tinha razão**. Traduzido por Tuca Magalhães. São Paulo: A Girafa Editora, 2003.p. 390.

Os sonhos desse rei e possível messias foram silenciados de maneira brutal nas colinas de Megido. Décadas de renascimento espiritual e de esperanças visionárias aparentemente foram destruídas do dia para a noite. Josias estava morto, e o povo de Israel escravizado, mais uma vez, pelo Egito.³⁰⁹

Portanto, a reforma de Josias pode ser entendida não apenas como reforma religiosa, política, mas também como reforma cultural.³¹⁰ Tanto do ponto de vista de mudar a realidade local de Judá, quanto, da interação e aculturação com as tradições e cultura dos irmãos israelitas do reino Norte, principalmente a apropriação dos documentos por eles trazidos para a complementação do projeto da escola deuteronomista.

Se houve problemas sociais e estes estão muito claros ao estudar a realidade dos grupos marginalizados, especialmente rurais, por outro lado, não se pode negar a importante contribuição para a economia, o monoteísmo e a cultura nacionalista de liberdade, mesmo que por pouco tempo que a reforma de Josias proporcionou.

4.2 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os responsáveis pela reforma de Josias são grupos sócio culturais que estiveram imbuídos em suas manifestações quer sejam elas de caráter religiosa, política e econômica na maior reformulação de culto da fé hebraica do Antigo Testamento.

As leituras para a pesquisa sobre este capítulo demonstraram a forte influência que estes grupos sociais exerceram sobre o rei Josias e seu governo, comerciantes e homens do palácio real aliados dos proprietários de terras. Os sacerdotes urbanos oficiantes do culto em Jerusalém foram beneficiados pela centralização da adoração no templo, em detrimento dos sacerdotes rurais destituídos de seus cargos e ofícios.

Os escribas responsáveis pela literatura do reino, anais do templo e crônicas reais influenciaram com seus escritos o rei e o seu staff real. Na pesquisa para este capítulo não se abordou a denominada “mentira piedosa” em relação a descoberta do livro da lei para reafirmar a reforma de Josias, por não representar o que se

³⁰⁹ FINKELSTEIN, SILBERMAN, 2003, P. 392.

³¹⁰ LOWERY, Richard H. **Os reis reformadores: culto e sociedade no Judá do Primeiro Templo.** Tradução Ricardo Gouveia. São Paulo: Paulinas, 2004. P. 318. (coleção Bíblia e história)

propôs pesquisar. O espírito efervescente de liberdade política foi responsável pelo nacionalismo e o movimento de unificação de territórios do reino norte ao sul, mesmo que temporariamente. Os grupos marginalizados, como velhos, doentes, mulheres grávidas, deficientes, pobres desprovidos de condições para deslocamento da zona rural para irem a Jerusalém adorar no templo foram os mais prejudicados pela reforma de Josias, com a centralização do culto.

Eles contribuíram com a reforma de Josias como parte inseparável das realizações reformistas. As classes dirigentes foram instrumentos pensantes e executores de todas as ações. Só houve reforma porque estiveram diretamente envolvidos com ela e puderam participar diretamente como responsáveis por cada movimento das mudanças.

Portanto, importa entender que nenhum personagem isolado é capaz de experimentar mudanças substanciais sem pactuar com ajuda de outros. Essa contribuição desses personagens é uma demonstração de que as instituições necessitam de homens e mulheres que trabalham conjuntamente, para realizar e executar obras que impactam a sociedade.

Da mesma forma que Josias não trabalhou sozinho, mas foi orientado e passou para a história como o maior reformador da história bíblica do Antigo Testamento, os líderes religiosos e políticos da modernidade devem aprender com as ações benéficas da reforma Josiânica e não cometer os erros que se cometeram durante a reforma em nome de Deus Javé.

5 A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA PÁSCOA COMO ELEMENTO RATIFICADOR DA REFORMA: UMA ANÁLISE DE II REIS 23.21-23

Neste capítulo será apresentada uma exegese para compreender a importância da Páscoa celebrada em Judá nos dias do Rei Josias, o XVI rei que governou o Reino do Sul em Judá no século VII a.C. (640 a 609 a.C.).

A importância da Páscoa naquele período histórico para Judá representava a confirmação de um anseio por parte da realeza em “unificar” os territórios Norte ao Sul. Um coroamento da reforma. Com efeito, celebra a maior e melhor Páscoa já celebrada em Israel, desde a posse da herança das tribos nas terras cananeias. A reforma de Josias, especialmente, a celebração da Páscoa teve um grande impacto social, religioso e econômico na vida dos judaítas.

O assunto é notável por ter sido a Páscoa institucionalizada como um evento de Estado, centralizada, com um simbolismo cultural e religioso representando um favorecimento comercial para a população citadina de Jerusalém. Por isso o interesse em pesquisar essa temática. Procura entender a reforma de Josias como um ato público de Estado, onde o nacionalismo judaíta é compreendido num movimento de sentimento religioso e ritualístico.

Essa pesquisa tem um relevante interesse social ao estudar e compreender que a Páscoa de Josias foi uma atitude religiosa de alcance político e econômico baseados nos pilares das leis contidas no Deuteronômio encontrado no templo pelo sacerdote Hilquias.

O capítulo foi subdividido em seis partes. Primeiro abordou-se a páscoa como sendo uma festa institucionalizada. Segundo, tratou-se da tradução do hebraico para a tradução melhorada do hebraico, com a tradução literária do texto.

Terceiro, trouxe as traduções oficiais de três versões bíblicas quais sejam: NVI, TEB e BJ com suas diferenças nas traduções. Na abordagem sobre a crítica textual como aparato crítico não se achou nenhuma variante consubstancial nos textos das versões analisadas. Quarto trabalhou sobre a crítica da redação com o esboço do segundo livro de Reis de acordo com a divisão fornecida por Stanley Ellisen edição de 2007. Quinto abordou a crítica histórica, e, em sexto, a crítica literária discutiu a compilação do texto da perícopes, as adições posteriores ao texto

do livro de Reis com redações deuteronomistas, a análise das formas e estrutura da narrativa histórica, a estrutura do livro e os gêneros literários.

Com efeito, a Páscoa de Josias foi institucionalizada como um evento de Estado para coroar todas as etapas da reforma.

5.1 A PÁScoa DE JOSIAS

A celebração da páscoa foi o ápice das reformas. Foi uma ordem do rei ao povo para que a celebrasse tal qual estava descrito no Livro da Lei.

E o rei deu ordem a todo o povo, dizendo: Celebrai a Páscoa ao Senhor, vosso Deus, como está escrito no livro do concerto. Porque nunca se celebrou tal Páscoa como está desde os dias dos juizes que julgaram a Israel, nem em todos os dias dos reis de Israel, nem tampouco dos reis de Judá. Porém, no ano décimo oitavo do rei Josias, esta Páscoa se celebrou ao Senhor, em Jerusalém.³¹¹

Foi memorável, inesquecível, emocionante, saudosista e romântico. O escritor de Reis torna esta Páscoa maior e mais importante do que a celebrada por Josué em Gilgal após a travessia do Jordão, do que as celebrações ministradas por Samuel, Davi, Salomão e até mesmo maior do que a grande Páscoa celebrada pelo rei Ezequias bisavô de Josias.

Josias, governando um Estado livre de restrições imperiais pela primeira vez em um século, encontrou na teologia deuteronomica uma identidade nacional apropriada para o status recém-independente de Judá. Adequadamente, relata-se que Josias terminou sua reforma com uma comemoração nacional da Páscoa, o festival que celebra a salvação de Israel da escravidão estrangeira.³¹²

A Páscoa tornou-se um ato público. A diferença da Páscoa de Josias é que era celebrada pelos levitas e sacerdotes, ao invés de ser comemorada por famílias encerradas em suas casas, a exemplo da Páscoa do Egito, no êxodo do povo e da Páscoa de Ezequias.³¹³

³¹¹ BÍBLIA SAGRADA. **Antigo e Novo Testamento**. Almeida revista e corrigida. 4ª. Edição. Barueri/SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2014. II Rs 23.21-23.

³¹² LOWERY, Ricardo H. **Os reis reformadores: culto e sociedade no Judá do Primeiro Templo**. Tradução Ricardo Gouveia. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 308.

³¹³ WISEMAN, Donald J. **1 e 2 Reis. Introdução e Comentário**. São Paulo: Vida Nova, 2006. p. 264.

A Páscoa de fato dá à reforma uma imagem muito mais positiva do que em Reis, que se concentra em uma cruzada contra a idolatria (2Rs 23.4-27). [...] A Páscoa de Josias representa um retorno à ortodoxia sem paralelo desde os dias de Samuel (v.18). Embora na prática ela possa ser comparada apenas com as irregularidades do festival de Ezequias (2 Cr 30.2-3, 17-20, 23), é possível descobrir quatro características que o autor pode ter tido em mente: (a) a data (v.1), (b) o respeito pela autoridade mosaica (v. 6, 12) e davídica (v.3-4, 15), (c) a fidelidade dos levitas (v. 4-6, 10-15), e (d) a quantidade de pessoas presentes (v. 18). [...] A fidelidade de Josias à palavra de Deus é extremamente relevante. Por um lado, sua reforma e Páscoa mostram quanto os líderes mais jovens podem alcançar quando eles se dedicam totalmente a colocar a palavra de Deus em prática. Por outro lado, ele é um bom exemplo da necessidade de se receber a graça de Deus, porque ele não foi sempre capaz de manter seus altos padrões.³¹⁴

O texto bíblico escolhido para a perícopes a ser analisado, II Rs 23.21-23, referente a Páscoa de Josias celebrada no ano 622 a.C., em Judá e com a participação de moradores remanescentes das tribos do Norte foi a maior e a mais participativa desde os dias dos juízes. Foi o ápice da reforma do rei Josias, a festa maior da nação, instituída no êxodo no Egito e comemorada desde Josué em Gilgal após a travessia do Jordão.³¹⁵

A Páscoa celebrada hoje pelos cristãos é rememorada na Ceia do Senhor, como uma “festa” celebrada na maioria das denominações.³¹⁶

Originalmente a Páscoa era festa dos pastores que, na primavera, mudavam de pastagens.³¹⁷ No caso do Êxodo, na saída dos israelitas do Egito, é uma passagem de uma opressão de uma cidade-estado, no caso específico, do Império Egípcio para uma nova sociedade independente. “O que de fato transformou a Páscoa, festa popular dos camponeses, em festa de peregrinos, com a exigência de celebrar somente no Templo de Jerusalém, foi a reforma de Josias!”³¹⁸

³¹⁴ SELMAN, Martin J. **1 e 2 Crônicas. Introdução e Comentário**. São Paulo: Vida Nova, 2006. pp. 431, 432.

³¹⁵ BÍBLIA SAGRADA. **Antigo e Novo Testamento**. Almeida revista e corrigida. 4ª. Edição. Barueri/SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2014. Js 5.10-11.

³¹⁶ Há denominações que celebra essa ordenança da Ceia do Senhor aos domingos, outras mensalmente, anualmente, e há aquelas que a celebram em todas as reuniões. É uma demonstração de lembrança da memória do sofrimento, morte e ressurreição do Senhor Jesus Cristo. Mt 26.17-30. BÍBLIA SAGRADA. **Antigo e Novo Testamento**. Almeida revista e corrigida. 4ª. Edição. Barueri/SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2014.

³¹⁷ NAKANOSE, Shigeyuki. **Uma história para contar: a Páscoa de Josias: metodologia do Antigo Testamento a partir de 2Rs 22, 1 – 23,30**. Tradução Fátima Regina Durães Marques. São Paulo: Paulinas, 2000. p. 235. (coleção Partilhando a Bíblia). “Originalmente, a Páscoa era festa dos pastores que, na época da primavera, tinham o costume de matar uma ovelha como sacrifício oferecido à divindade, para proteger-se contra os perigos de peste nas crias dos rebanhos durante as mudanças de pastagens. Se a ovelha era grande, eles chamavam os vizinhos para comer junto”. (vide NAKANOSE, Shigeyuki. P. 250).

³¹⁸ NAKANOSE, 2000, P. 239.

Para Nakanose, a centralização da páscoa foi antissocial em face de que o camponês empobrecido e endividado não tinha condições de peregrinar até Jerusalém para prestar culto e oferecer o sacrifício tradicional.

Ademais, neste caso, velhos, doentes, mulheres grávidas, pessoas com alguma deficiência física, ao não subirem para a adoração se sentiam impuros e excluídos da sociedade jerosolimitana. E quando por algum esforço conseguiam chegar ao santuário, não eram reconhecidos e muito menos conheciam os líderes religiosos e políticos patrocinadores da Páscoa.³¹⁹

Tornavam-se mais um no meio da multidão e muitos dos que não tinham parentes ou amigos na cidade perambulavam de um lado para o outro e se acampavam na cidade com fome e destituído de qualquer aconchego. Uma centralização desumanizada do ponto de vista social sob a concepção de Nakanose. Até mesmo os levitas e sacerdotes rurais ficaram sem seus empregos e tiveram que obter a ajuda dos sacerdotes do templo central em Jerusalém.

Josias, sem dúvida, reconheceu logo quais as dificuldades e os perigos que a concretização dessas disposições acarretaria. [...] era preciso contar com a possibilidade de que os levitas do interior, privados de suas funções e rendimentos, viessem a constituir um perigoso foco de inquietação em termos de política interna. Josias adiantou-se e não deixou a situação chegar a esse ponto. Ele resolveu concentrar os levitas do interior em Jerusalém [...].³²⁰

Para coroar as suas reformas, Josias reinaugura a instituição da Páscoa que há muito estava esquecida. Ou pelo menos, não se celebrava a contento, de acordo com a ordenança de Javé. Os levitas rurais desempregados passam então, a participar da mesa e do pão sagrado no templo. O texto de II Rs 23. 21 - 23 está explícito a ordem:

V.21 – E o rei deu ordem a todo o povo, dizendo: Celebrai a Páscoa ao Senhor, vosso Deus, como está escrito no livro do concerto. V. 22 – Porque nunca se celebrou tal Páscoa como esta desde os dias dos juízes que julgaram a Israel, nem em todos os dias dos reis de Israel, nem tampouco dos reis de Judá. V. 23 – Porém, no ano décimo oitavo do rei Josias, esta Páscoa se celebrou ao Senhor, em Jerusalém.³²¹

³¹⁹ NAKANOSE, 2000, P. 258-259.

³²⁰ DONNER, Herbert. **História de Israel e dos povos vizinhos**. Tradução de Claudio Molz e Hans Trein. – 7. Ed. São Leopoldo: Sinodal, 2017. p. 413.

³²¹ BÍBLIA SAGRADA. **Antigo e Novo Testamento**. Almeida revista e corrigida. 4ª. Edição. Barueri/SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2014. II Rs 23.21-23.

A páscoa em que se celebrou não foi de acordo com aquela ordenada por Javé a Moisés na partida dos filhos de Israel do Egito na noite da morte dos primogênitos. Onde cada família em sua casa, celebrou a páscoa comendo o cordeiro e tomando ervas amargas. Tampouco, foi celebrada com um mês de atraso como seu bisavô Ezequias o fez. Mas, foi de acordo com as determinações prescritas no livro da aliança, conforme a ordem deuteronomica descrita em Deuteronomio 16. 1 - 8.³²² Para Finkelstein e Silberman:

O Deuteronomio é o único livro que descreve o sacrifício nacional da Páscoa em um santuário nacional (16,1-8). [...] A descoberta de centenas de sinetes pessoais e sinetes com inscrições em hebraico originários dessa era atesta o uso extensivo da escrita e de documentos escritos. [...] Há pouca margem para duvidar que uma versão original do Deuteronomio consiste no Livro da Lei mencionado em 2 Reis.³²³

Compreende-se desse modo que de fato, parte do Deuteronomio canônico integrou o texto primitivo do Livro da Lei encontrado no templo pelo Sacerdote Hilquias.

5.2 TEXTO ORIGINAL HEBRAICO - II REIS 23. 21 – 23

21 וַיֵּצֵא הַמֶּלֶךְ אֶת־כָּל־הָעָם לֵאמֹר עֲשׂוּ
פֶסַח לַיהוָה אֱלֹהֵיכֶם כַּכְּתוּב עַל סֵפֶר
הַבְּרִית הַזֶּה:

22 כִּי לֹא נַעֲשֶׂה כַּפֶּסַח הַזֶּה מִיָּמֵי
הַשְּׂפֹטִים אֲשֶׁר שִׁפְטוּאֶת־יִשְׂרָאֵל וְכָל יָמֵי
מַלְכֵי יִשְׂרָאֵל וּמַלְכֵי יְהוּדָה:
23 כִּי אִם־בְּשִׁמְנֵה עֲשֶׂרֶה שָׁנָה לְמַלְךְ
יֵאֲשִׁיחֶהוּ נַעֲשֶׂה הַפֶּסַח הַזֶּה לַיהוָה בִּירוּשָׁלַם:

5.2.1 Tradução Melhorada do Hebraico

21. E saiu o rei você a todas as pessoas para dizer eles façam a Páscoa ao Senhor seu Deus como está escrito sobre o livro da aliança essa.

³²² DONNER, Herbert. **História de Israel e dos povos vizinhos**. Tradução de Claudio Molz e Hans Trein. – 7. Ed. São Leopoldo: Sinodal, 2017. p. 413.

³²³ FINKELSTEIN, Israel. SILBERMAN, Neil Asher. **A Bíblia desenterrada: a nova visão arqueológica do antigo Israel e das origens nos seus textos sagrados**. Tradução de Nélío Schneider. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018. p.285.

22. Porque não foi concluída como Páscoa essa desde os meus dias dos juízes que julgaram a Israel e todos os dias dos reis Israel e os reis de Judá.

23. Realmente no décimo oitavo ano para o rei Josiah foi concluída a Páscoa essa ao Senhor em Jerusalém.

5.2.2 Tradução Literária

21. E saiu a ordem do rei a todas as pessoas para dizer celebrem a Páscoa ao Senhor seu Deus como está escrito no livro dessa aliança.

22. Porque não se celebrara uma Páscoa como essa desde os dias em que os juízes governaram em Israel e nem no governo dos reis de Israel e dos reis de Judá.

23. Porque após dez anos de reinado do rei Josias, celebrou-se essa Páscoa ao Senhor em Jerusalém.

5.3 TRADUÇÕES OFICIAIS

Foram utilizadas três versões para a análise do texto de II Reis 23. 21 – 23. As escolhidas para esta pesquisa foram NVI, TEB e BJ como se segue.

5.3.1 Versão NVI. II Reis 23.21-23

21. Então o rei deu a seguinte ordem a todo o povo: "Celebrem a Páscoa ao Senhor seu Deus, conforme está escrito neste livro da Aliança".

22. Nem nos dias dos juízes que lideraram Israel, nem durante todos os dias dos reis de Israel e dos reis de Judá, foi celebrada uma Páscoa como esta.

23. Mas no décimo oitavo ano do reinado de Josias, esta Páscoa foi celebrada ao Senhor em Jerusalém.

5.3.2 Versão TEB. II Reis 23.21-23

21. O rei ordenou a todo o povo: Celebrai a Páscoa do Senhor, vosso Deus, em conformidade com o que está escrito neste livro da aliança.

22. Desde os tempos em que os juízes governaram Israel e durante todo o período dos reis de Israel e de Judá, jamais se celebrara uma Páscoa semelhante àquela.

23. Foi no décimo oitavo ano do reinado de Josias que essa Páscoa do Senhor foi celebrada em Jerusalém.

5.3.3 Versão Bíblia de Jerusalém. II Reis 23.21-23

21. O rei ordenou a todo o povo: “Celebrai a Páscoa em honra de Iahweh, vosso Deus, do modo como está escrito neste livro da Aliança.”

22. Não se havia celebrado uma Páscoa semelhante a esta em Israel desde os dias dos Juízes que haviam governado Israel, nem durante todo o tempo dos reis de Israel e dos reis de Judá.

23. Foi somente no décimo oitavo ano do rei Josias que semelhante Páscoa foi celebrada em honra de Iahweh em Jerusalém.

5.3.4 Diferenças nas Traduções

O texto bíblico que ora se propõe analisar, é oriundo de três versões quais sejam: NVI, TEB e BJ.

V. 21 - Na versão NVI, o verbo celebrar vem no plural – “**Celebrem** a Páscoa ao Senhor seu Deus”. Na versão TEB o verbo está no singular – “**Celebrai** a Páscoa do Senhor, vosso Deus”. Já na versão BJ o verbo está no singular – “**Celebrai** a Páscoa em honra de Iahweh, vosso Deus”. Nota-se que nesta versão BJ, a Páscoa é celebrada “**em honra de IAHWEH, vosso Deus**”, enquanto que nas outras duas versões, constam: “**ao Senhor seu Deus**” para a NVI, e “**do Senhor, vosso Deus**” na TEB.

V. 22 – A versão NVI diz que “**Nem** nos dias dos juízes que lideraram Israel, **nem** durante todos os dias dos reis de Israel e dos reis de Judá”, a TEB enfoca que “**Desde** os tempos em que os juízes governaram Israel, e durante todo o período dos reis de Israel e de Judá”, enquanto que a BJ diz que: “**Não** se havia celebrado uma Páscoa semelhante a esta em Israel **desde** os dias dos juízes que haviam governado Israel, **nem durante** todo o tempo dos reis de Israel e dos reis de Judá”.

Notem que, a NVI trabalha com o advérbio de negação NEM duas vezes – “Nem nos dias dos juízes que lideraram Israel, nem DURANTE todos os dias dos reis de Israel e dos reis de Judá”.

O segundo advérbio veio antecedido de uma preposição acidental, “DURANTE” reforçando a questão do tempo. A TEB por sua vez utiliza de duas preposições: uma essencial DESDE e outra acidental DURANTE. “Desde os tempos em que os juízes governaram Israel, e durante todo o período dos reis de Israel e de Judá”. Já a BJ, trabalha com a preposição essencial DESDE e com o advérbio de negação NEM, acrescido de outra preposição acidental, DURANTE reforçando o tempo. “Desde os dias dos juízes que haviam governado Israel, nem durante todo o tempo dos reis de Israel e dos reis de Judá”.

Percebe-se que enquanto a NVI se utiliza duas vezes do advérbio de negação NEM para reforçar em seguida o verbo: “foi celebrada uma Páscoa como esta”, como que no tempo presente. Por outro lado, a TEB afirma: “jamais se celebrara uma Páscoa semelhante àquela”, o advérbio de negação jamais antecede o verbo regular no pretérito-mais-que-perfeito CELEBRARA, e o pronome demonstrativo AQUELA reforça a ênfase da Páscoa. E a BJ descreve: “Não se havia celebrado uma Páscoa semelhante a esta em Israel”. Aqui, a BJ é menos enfática, no entanto, o advérbio de negação NÃO seguido da próclise SE que antecede o verbo HAVIA conota a importância do evento “Páscoa”, ao mostrar o pronome ESTA, “em Israel” como um tempo presente e inesquecível.

V. 23 – A NVI nos diz que: “**Mas no décimo oitavo ano** do reinado de Josias, esta Páscoa foi celebrada ao Senhor em Jerusalém”. A versão TEB afirma que: “**Foi no décimo oitavo ano** do reinado de Josias que essa Páscoa do Senhor foi celebrada em Jerusalém”. No entanto, a versão BJ é enfática ao afirmar que: “**Foi somente no décimo oitavo ano** do rei Josias que semelhante Páscoa foi celebrada em honra de Iahweh em Jerusalém”.

Na NVI, o versículo inicia com uma conjunção adversativa “MAS no décimo oitavo ano do reinado de Josias”, o que dá a entender que depois de iniciado a reforma, e em pleno governo de sucesso, daí teve início a celebração da Páscoa em Jerusalém. Ou seja, ela não fez parte das primeiras obras da reforma do rei Josias.

A versão TEB, nos afirma que: “FOI no décimo oitavo ano do reinado de Josias” que a Páscoa foi celebrada em Jerusalém. No entanto, a BJ é enfática e se aproxima da interpretação da NVI quando nos informa que: “FOI SOMENTE no

décimo oitavo ano do rei Josias” que a Páscoa foi celebrada, e aqui com um diferencial, fica explícito, a mudança do nome a quem ela é celebrada, “em honra de IAHWEH em Jerusalém”.

Neste contexto, fica claro que a Páscoa não foi prioridade nos primeiros anos da reforma. Fez-se muita coisa enquanto a reforma estava em andamento, MAS, FOI SOMENTE, no décimo oitavo ano do reinado de Josias, que a Páscoa FOI celebrada.

Dessa forma, a NVI e a BJ se aproxima na versão em sua tradução por enfatizar e dar a ideia de que a Páscoa não foi prioridade nos primeiros anos da reforma de Josias. Enquanto a TEB afirma que FOI no décimo oitavo ano, como se a reforma estivesse começando nesse ano, quando na verdade ela já estava em andamento.

5.3.5 Crítica Textual

A crítica textual da perícopa do texto bíblico analisado tem como base II Rs 23.21-23 a Páscoa celebrada no décimo oitavo ano do reinado do rei Josias em Judá. O Aparato crítico da Bíblia Hebraica Stuttgartensia aponta algumas observações consideradas simples.

21. הַזֶּה - Manuscrito hebraico medieval citado nas edições de B. Kennicott, de G.B. de Rossi e de C. D. Ginsburg. Septuaginta; Vulgata; (significa **ESSE** no aparato crítico BHS). No texto bíblico da BHS vem a expressão הַזֶּה (**ESSE** sem a consoante ך) CLB 19 a.

22. כֹּל - Vários manuscritos hebraicos medievais (de 11 a 20 Mss; de 7 a 15 Mss em 1 e 2 Samuel; Peshita; Targum; Manuscritos Hebraicos Medievais citados nas edições de B. Kennicott, de G.B. de Rossi e de C. D. Ginsburg. (significa **TODOS** no aparato crítico BHS). No texto bíblico da BHS vem a expressão וְכֹל (**E TUDO**). CLB 19 a. Neste caso específico a expressão correta é a do aparato crítico da BHS, por ser apropriado ao contexto. (...) “nem em todos os tempos” e não “e tudo os tempos”.

23. > Omite, omissão em, omitido, ausente em, falta em; Septuaginta; Conjectura, suposição. CLB 19 a.

O texto analisado são apenas três versículos, e não há nenhuma variante substancial. Apenas os especificados acima.

5.4 CRÍTICA DA REDAÇÃO

A crítica da redação é a análise que se propõe fazer do que o editor final do texto produziu em sua forma de redação e que chegou aos dias atuais para a leitura e compreensão do que aconteceu, do que foi contado pela oralidade, do que se escreveu e do que foi produzido numa redação final do texto bíblico. É “a busca por entender as maneiras pelas quais o autor final do texto propositadamente adotou e adaptou as fontes”.³²⁴

Esse é o propósito da crítica redacional, a disciplina voltada para descobrir como os “redatores” ou editores finais dos textos bíblicos adotaram e adaptaram suas fontes disponíveis para seus próprios objetivos. A crítica redacional também estabelece os interesses do escritor através do livro bíblico, como evidenciado pelas tendências no uso das fontes e temas.³²⁵

A perícopa selecionada trata da páscoa celebrada no décimo oitavo ano de reinado do rei Josias, que governou o Reino Sul de Judá de 640/639 a 609 a.C., como um dos mais brilhantes reis de Judá. O texto a que o livro de Reis está redigido é de teor deuteronomístico.

Depois do longo reinado de Manassés, vassalo da Assíria, Josias (639-609 a.C) conseguiu reconquistar a autonomia política, inclusive resgatar parte do antigo Reino do Norte, durante o declínio da hegemonia assíria. Este curto período de liberdade possibilitou a reforma em que se introduziu o Deuteronomio ou sua forma primitiva, como uma espécie de lei estatal, depurou-se o culto, excluindo elementos alienígenas e proclamou-se Jerusalém santuário exclusivo em Israel (622 a.c; 2 Rs 22s.). Mesmo que esta reforma seja de importância decisiva para a compreensão de amplas partes do AT, sua historicidade é objeto de controvérsia (v. abaixo § 10a,5). Nos anos de 614-612 Assur e Nínive sucumbiram diante dos ataques conjuntos dos medos (ao redor de Ecbátana no Noroeste do Irã) e dos caldeus ou neobabilônios (que empreenderam uma restauração do império veterobabilônico sob o culto de Marduque).³²⁶

Há muita discussão quanto aos textos que tiveram influência deuteronomística e sobre as adições textuais posteriores aos eventos e escritos do

³²⁴ GORMAN, Michael J. Introdução à exegese bíblica. Traduzido por Wilson Ferraz de Almeida, 1ª. Ed. – Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017. P. 33.

³²⁵ GORMAN, 2017, P. 139.

³²⁶ SCHMIDT, Werner H. **Introdução ao Antigo Testamento**. Tradução Annemarie Hohn. – São Leopoldo, RS: Sinodal, 1994. P. 31.

autor bíblico. É inegável a influência deuteronomica em Israel antes do reinado de Josias.³²⁷

É claro, se estamos buscando o sentido pretendido pelo autor/editor para os seus destinatários originais, esse sentido tem que ser o que eles podiam entender naquela época, não aquele ao qual os leitores poderiam chegar com base em entendimentos históricos e teológicos (ou científicos) bem posteriores.³²⁸

O trabalho da crítica da redação se propõe analisar detalhes que possam ser compreendidos mediante a luz da interpretação buscando o sentido próprio do texto na época em que eles foram escritos. “O sentido que o autor/editor pretendia e que os seus leitores originais com uma probabilidade maior teriam reconhecido”.³²⁹

5.4.1 Esboço de II Reis

O esboço que aqui é apresentado é de Stanley Ellisen, como se segue:

TEMA: Grande julgamento do Senhor sobre Israel e Judá por causa da idolatria.

5.4.1.1 O Senhor admoesta constantemente Israel até o colapso em 722 a.C. (caps. 1-17)

A. Ministério de julgamento do profeta Elias (caps. 1-8)

1. Elias e seu último julgamento (cap. 1)
2. Eliseu e seus primeiros julgamentos (cap. 2)
3. Eliseu e seu grande ministério de misericórdia e julgamento (caps. 3-8)

B. Sentença de massacre por meio do rei Jeú (caps. 9 e 10)

1. Jeú recebe incumbência de Eliseu (cap. 9)
2. Jeú destrói toda a casa de Acabe (caps. 9 e 10)
3. Jeú mata os adoradores de Baal (cap. 10)

³²⁷ DILLARD, Raymond B.; LONGMAN III, Tremper. **Introdução ao Antigo Testamento**. Tradução Sueli da Silva Saraiva. São Paulo: Vida Nova, 2006. P. 148.

³²⁸ KLEIN, William W.; HUBBARD JR, Robert L.; BLOMBERG, Craig L. **Introdução à interpretação bíblica**. Tradução Maurício Bezerra Santos Silva. – 1. Ed. – Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017. P. 59.

³²⁹ KLEIN, HUBBARD, BLOMBERG, 2017, P. 335.

C. Ministério de julgamento de Joiada, o sacerdote de Judá (caps. 11 e 12)

1. Joiada destrói a rainha adoradora de Baal (cap. 11)
2. Joiada destrói os adoradores de Baal em Judá (cap. 11)
3. Joás, o rei, afasta-se do Senhor e é assassinado (cap. 12)

D. Mais julgamento pela desobediência à ordem divina (caps. 13 e 17)

1. Nova luta entre Israel e Judá (caps. 13 e 14)
2. Época áurea em Israel e Judá (caps. 14 e 15)
3. Período caótico depois da prosperidade (caps. 15 e 16)
4. Destruição final do Reino do Norte (cap. 17)

5.4.1.2 O Senhor admoesta constantemente Judá até o colapso em 586 a.C. (caps. 18-25)

A. Reforma imposta por Ezequias (caps. 18-20)

1. Reavivamento apressado salva o Reino do Sul (caps. 18 e 19)
2. Ameaça da Assíria e livramento (caps. 18 e 19)
3. Doença e aviso dos dias de cativo (cap. 20)

B. Mau reinado dos descendentes de Ezequias (cap. 21)

C. Reforma imposta por Josias (cap. 22 e 23) (GRIFO NOSSO)

D. Mau reinado dos descendentes de Josias (caps. 23 e 24)

E. Total destruição do Reino do Sul (cap. 25).³³⁰

A autoria do livro de Reis tem gerado diversas especulações, quanto a seu verdadeiro autor. Há quem defende que seja Jeremias. Há outros que defendem que foi um dos profetas que viveram no período da reforma de Josias e contemporâneo de Jeremias.³³¹ Há ainda aqueles que defendem ser um levita ou sacerdote que

³³⁰ ELLISEN, Stanley A. **Conheça melhor o Antigo Testamento: um guia com esboço e gráficos explicativos dos primeiros 39 livros da Bíblia**. Tradução Emma Anders de Souza Lima. 2. Ed. Rev. e atual. São Paulo: Editora Vida, 2007. Pp. 125, 126.

³³¹ DILLARD, Raymond B. LONGMAN III, Tremper. **Introdução ao Antigo Testamento**. Tradução Sueli da Silva Saraiva. São Paulo: Vida Nova, 2006. P. 148.

viveu no período histórico que antecedeu a destruição de Jerusalém em 586 a.C.³³² No entanto, não há como afirmar a autoria do livro de Reis.

Desse modo, as informações presente no texto da história deuteronomista independentemente de serem redações tardias ou não são significativas para o trabalho exegético dos intérpretes e leitores.

Com efeito, devemos ter presente que, em exegese, jamais poderemos aceitar a afirmação de que “dois textos dizem a mesma coisa com palavras diferentes”. Se há palavras diferentes, é porque esses dois textos **NÃO ESTÃO DIZENDO A MESMA COISA!**³³³

Para tanto, é importante a discussão que se faz sobre a história deuteronomista e sua influência sobre os livros de Josué, Juízes, Samuel e Reis,³³⁴ pois os seus redatores trataram de selecionar cuidadosamente cada porção do texto para melhor entendimento da publicação e compreensão redacional da história do seu tempo.

5.5 CRÍTICA HISTÓRICA

A perícopete de II Rs 23.21-23 que trata da Páscoa celebrada como ápice da reforma do rei Josias foi uma institucionalização de Estado. Os dois reis antecessores Manassés e Amom haviam negligenciados os eventos da reforma empreendida por Ezequias.

Embora o historiador de II Reis não mencionara o cativo assírio de Manassés e seu “arrependimento”, “conversão”³³⁵ e “reforma religiosa” após o seu restabelecimento ao trono, o livro de II Crônicas de redação pós exílica informa que ele foi preso, levado pela Assíria à Babilônia, então vassala dos assírios. Foi um rei

³³² ELLISEN, Stanley A. **Conheça melhor o Antigo Testamento: um guia com esboço e gráficos explicativos dos primeiros 39 livros da Bíblia.** Tradução Emma Anders de Souza Lima. 2. Ed. Rev. e atual. São Paulo: Editora Vida, 2007. P. 126.

³³³ SILVA, Cássio Murilo Dias da. **Metodologia de exegese bíblica.** São Paulo: Paulinas, 2000. P. 84. (Coleção Bíblia e História)

³³⁴ LASOR, William Sanford; HUBBARD, David A; BUSH, Frederic W. **Introdução ao Antigo Testamento.** Tradução Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 2002. P. 137. Essa narrativa foi discutida no capítulo primeiro ao discorrer sobre a história deuteronomista e sua influência em Judá no contexto pré reforma.

³³⁵ SELMAN, Martin J. **1 e 2 Crônicas. Introdução e comentário.** São Paulo: Vida Nova, 2006. P. 33.

perverso, mal, que pecou e fez pecar a nação do reino de Judá com toda a sorte de pecados e abominações.³³⁶

O cronista relata que Manassés, angustiado, orou se humilhou e Deus ouviu sua oração e súplica e o trouxe de volta ao trono de Judá, reconhecendo o verdadeiro Deus dos Judeus e “reformando” o culto.³³⁷ Após a sua morte, seu filho Amon assume o trono e é assassinado abruptamente pelos seus servos, com apenas dois anos de reinado (II Rs 21,19.23 A.R.C).³³⁸

Josias é coroado com 8 anos de idade e sustentado no trono por seus tutores e conselheiros reais apoiados pela elite agrária denominada de “povo da terra”, já previamente identificada nesta pesquisa.

Os principais fatores da reforma de Josias eram mais religiosos do que políticos. Mesmo com o declínio do imperialismo político e econômico da Assíria, a reforma josiânica pode ser considerada essencialmente religiosa.³³⁹

A morte do rei Assírio Assurbanípal em 630 a.C, provocou de forma gradual e progressiva o declínio do império assírio.³⁴⁰ Os levantes no interior do império ao Norte na segunda metade do século VII e a insubordinação interna de sanguinária guerra civil irrompida por Samassumuquim, príncipe da Babilônia e irmão de Assurbanípal, trouxe uma desestruturação política para o império assírio.³⁴¹

Em meio a esse turbilhão de forças contrárias, com adversários como o Egito, Babilônia, Elão, Hititas e tantos outros, se viu enfraquecida política, militar e economicamente ao ponto de se ver ruir seu império suserano perdendo suas mais importantes cidades-estados vassalas.

“Conforme o controle e a sorte da Assíria declinaram, Judá também ficou livre de seu jugo. Josias procurou restabelecer a influência da dinastia de Davi sobre os territórios que no passado fizeram parte de um reino unido.”³⁴²

³³⁶ HARRISON, R. K. **Tempos do Antigo Testamento. Um contexto social, político e cultural.** Tradução Degmar Ribas. Rio de Janeiro: CPAD, 2010. P. 246.

³³⁷ BÍBLIA SAGRADA. **Antigo e Novo Testamento.** Almeida revista e corrigida. 4ª. Edição. Barueri/SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2014. II Cr 33.11-20.

³³⁸ BÍBLIA SAGRADA, **Antigo e Novo Testamento**, 2014. II Rs 21.19,23 ARC.

³³⁹ SELMAN, Martin J. **1 e 2 Crônicas. Introdução e comentário.** São Paulo: Vida Nova, 2006. P. 424.

³⁴⁰ DONNER, Herbert. **História de Israel e dos povos vizinhos.** Tradução de Cláudio Molz e Hans Trein. – 7. Ed. São Leopoldo: Sinodal, 2017. P. 399. 2 v.

³⁴¹ SCHULTZ, Samuel J. **A história de Israel no Antigo Testamento.** Tradução João Marques Bentes. São Paulo: Vida Nova, 2009. P. 253.

³⁴² DILLARD, Raymond B.; LONGMAN III, Tremper. **Introdução ao Antigo Testamento.** Tradução Sueli da Silva Saraiva. São Paulo: Vida Nova, 2006. P. 273.

Na Palestina, no importante corredor siro-palestino, as nações subjugadas, vassalãs há mais de um século, a exemplo de Judá, se aproveitam para sacudir o jugo e fazer suas reformas, especialmente, a independência política, dando origem a um clima e entusiasmo nacionalista.

A influência assíria, em declínio desde os anos finais de governo de Assurbanipal, que faleceu em cerca de 630 a.c., ofereceu a Judá a oportunidade de ampliar sua influência sobre o território do norte. É provável que os líderes políticos tivessem antecipado a possibilidade de conquistar as tribos do norte, e até mesmo as fronteiras do reino salomônico no reino do Sul. Com a queda da cidade assíria de Assur perante os medos, em 614 a.c, e com a destruição de Nínive, em 612 a.c, pelas forças aliadas da Média e da Babilônia, as perspectivas judaicas para o futuro se tornaram ainda mais favoráveis. Durante esse período de desassossego político e de rebelião no Oriente, Judá obteve completa liberdade da vassalagem à Assíria, o que, naturalmente, deu origem a um sentimento de nacionalismo.

³⁴³

Com efeito, o sentimento nacionalista de reforma política e a necessidade da busca religiosa por uma reforma do culto já estavam presentes na corte palaciana de Josias. E com a visão de um estadista, governante sábio e bem orientado tanto por anciãos experientes, temerosos a Deus, bem como por sacerdotes e profetas, Josias ainda com seus dezesseis anos de idade, inicia sua devoção a Deus, o Senhor, Javé a quem Davi, Asa, Josafá, Ezequias já haviam servido e testemunhado.

A Páscoa celebrada no décimo oitavo ano do reinado de Josias foi a coroação de sua reforma. O clímax de todo o seu esforço espiritual por uma purificação do culto e do ritual de adoração ao Deus monoteísta, pregado pelos profetas e descrito vividamente no livro da lei.

HD informa que Josias seguiu as instruções de um livro da Lei quando pôs em vigor a centralização do culto em Jerusalém e celebrou a Páscoa no templo em vez de em casas particulares, como também quando proibiu o culto dos astros, postes e colunas sagrados, prostituição do culto, imolação de crianças e adivinhação (2 Rs 23,4-14. 21-24). O conjunto dessas reformas está explicitamente legislado no Deuteronômio. ³⁴⁴

O livro de Reis deixa explícito que o escritor não estava muito preocupado com as vitórias militares ou com os eventos políticos dos monarcas que reinavam. A

³⁴³ SCHULTZ, Samuel J. **A história de Israel no Antigo Testamento**. Tradução João Marques Bentes. São Paulo: Vida Nova, 2009. Pp. 256, 257.

³⁴⁴ GOTWALD, Norman K. **Introdução socioliterária à Bíblia Hebraica**. Tradução Anacleto Alvarez; revisão H. Dalbosco. São Paulo: Paulus, 1998. P. 365.

sua preocupação era demonstrar que a fidelidade individual do rei aos mandamentos e à palavra de Javé era o que importava.³⁴⁵

Em pacto solene, o rei Josias, com apoio do povo, prometeu que se consagraria de todo o coração a obedecer à lei. Em seguida, foram traçados planos para a observância da Páscoa. Sacerdotes foram nomeados, e os cultos no templo foram reiniciados. Uma cuidadosa atenção foi dada aos padrões de organização dos levitas, conforme foi determinado por Davi e Salomão. Na ocasião do ritual da Páscoa, prestou-se muita atenção para que tudo estivesse de acordo com o que estava “escrito no livro de Moisés” (2Cr 35.13). Devido ter-se conformado com a lei e ter havido grande participação popular, essa observância da Páscoa ultrapassou todas as festividades similares que tinham havido desde os dias de Samuel (2Cr 35.18).³⁴⁶

A celebração da Páscoa foi o ápice das reformas. Foi uma ordem do rei ao povo para que a celebrasse tal qual estava descrito no Livro da Lei. O texto bíblico escolhido para a perícopes em análise afirma:

E o rei deu ordem a todo o povo, dizendo: Celebrai a Páscoa ao Senhor, vosso Deus, como está escrito no livro do concerto. Porque nunca se celebrou tal Páscoa como está desde os dias dos juizes que julgaram a Israel, nem em todos os dias dos reis de Israel, nem tampouco dos reis de Judá. Porém, no ano décimo oitavo do rei Josias, esta Páscoa se celebrou ao Senhor, em Jerusalém.³⁴⁷

O fato de tornar essa celebração uma forma de peregrinação de todo o povo a Jerusalém com a centralização do culto e adoração no templo é sem dúvida uma inovação do rei Josias, como parte fundante da ideologia deuteronômista.³⁴⁸

5.6 CRÍTICA LITERÁRIA

A perícopes do recorte do texto de II Rs 23.21-23 compilada pelos editores de Reis, compreende um contexto histórico denominado de período deuteronômico abrangendo a narrativa histórica de Deuteronômio, Josué, Samuel e Reis.³⁴⁹

³⁴⁵ DILLARD, Raymond B.; LONGMAN III, Tremper. **Introdução ao Antigo Testamento**. Tradução Sueli da Silva Saraiva. São Paulo: Vida Nova, 2006. P. 156.

³⁴⁶ SCHULTZ, Samuel J. **A história de Israel no Antigo Testamento**. Tradução João Marques Bentes. São Paulo: Vida Nova, 2009. P. 259.

³⁴⁷ BÍBLIA SAGRADA. **Antigo e Novo Testamento**. Almeida revista e corrigida. 4ª. Edição. Barueri/SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2014. II Rs 23.21-23.

³⁴⁸ LIVERANI, Mario. **Para além da Bíblia. História antiga de Israel**. Tradução Orlando Soares Moreira. 2ª. Ed. São Paulo: Paulus Editora; Edições Loyola, 2014. P. 224.

³⁴⁹ LOWERY, Ricardo H. **Os reis reformadores: culto e sociedade no Judá do Primeiro Templo**. Tradução Ricardo Gouveia. São Paulo: Paulinas, 2004. P. 28.

5.6.1 A compilação do texto da Perícope

Há evidência de ligação de textos literários em Reis que estão diretamente ligados, presentes, no livro de Deuteronômio como se podem notar os capítulos 12 a 26, especialmente, as narrativas que tratam da centralização do culto e a comunhão ao partilhar do alimento dos dízimos no lugar escolhido por Javé (cap. 12).

O comprometimento e o cumprimento da ordenança de dar o dízimo anual, trienal e possibilitar a venda do “produto” ou gado e levar o dinheiro para adquiri-los no local da adoração, zelando para que o levita da sua aldeia (cidade) fosse convidado para estar presente na participação da fartura do dízimo (cap. 14.22-29).

O tratado da remissão da propriedade e do escravo (cap. 15), a instituição das três principais festas anuais incluindo a Páscoa, celebrada em local centralizado para o culto (cap. 16), a “criação” e os deveres da monarquia (cap. 17)³⁵⁰ dentre outros. Os defensores da história deuteronomista defendem essa tese por se tratar de semelhanças na linguagem, tema, e estrutura³⁵¹

Lowery defende que Deuteronômio e Reis apesar de compreender um complexo literário distinto foram posteriormente reformulados incluindo dentro da história deuteronomista com Josué e Samuel ³⁵²

Reis narra a história de Israel começando com a transmissão do poder de Davi para Salomão (c. 931 a.c; 1 Rs 1:1 – 2:12) e terminando com a libertação de Joaquim da prisão durante o jugo babilônico (562 – 561 a.c; 2 Rs 25:27-30). [...] A escola crítica havia fixado a datação do Deuteronômio no período de Josias. O livro da lei que Josias descobrira no templo (621 a.c.) exigiu a centralização da adoração de Israel (Dt 12) e, por isso, argumentou-se que na verdade o Deuteronômio havia sido composto como um meio para legitimar a centralização do poder político e religioso de Josias em Jerusalém. ³⁵³

Aos vinte anos de idade, ou seja, no duodécimo ano de seu reinado, ³⁵⁴ inicia aquela que foi a maior, e mais completa reforma já realizada desde Samuel e

³⁵⁰ BÍBLIA SAGRADA. **Antigo e Novo Testamento**. Almeida revista e corrigida. 4ª. Edição. Barueri/SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2014. Vide Dt. 12 a 26.

³⁵¹ LOWERY, Ricardo H. **Os reis reformadores: culto e sociedade no Judá do Primeiro Templo**. Tradução Ricardo Gouveia. São Paulo: Paulinas, 2004. P. 43.

³⁵² LOWERY, 2004, p. 44.

³⁵³ DILLARD, Raymond B.; LONGMAN III, Tremper. **Introdução ao Antigo Testamento**. Tradução Sueli da Silva Saraiva. São Paulo: Vida Nova, 2006. P. 145, 146.

³⁵⁴ BÍBLIA SAGRADA. **Antigo e Novo Testamento**. Almeida revista e corrigida. 4ª. Edição. Barueri/SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2014. II Cr 34.1,3,8.

durante todo o período monárquico. Para Ellisen, apesar de ser a maior reforma religiosa já realizada por um monarca, ela foi realizada tarde demais.³⁵⁵

É nesse contexto em meio a reforma religiosa de Josias que o livro da lei foi achado no reparo das “rachaduras” do templo. A sua leitura perante o rei o constrangeu, rasgou as suas vestes e fez consultas ao Senhor por intermédio da profetiza Hulda sobre o juízo prescrito no livro da lei.

O conteúdo do livro o despertou para que a reforma se aprofundasse. Renovou o pacto de fidelidade a Deus, conclamando a todo o povo para que assim o fizesse. Derrubou, queimou, e profanou os altares dos lugares altos onde cultos pagãos eram ministrados. E ordenou que celebrassem a Páscoa do Senhor conforme descrito no livro da lei. A melhor, e a mais festejada Páscoa já celebrada desde os dias dos juízes. Nem mesmo, nos reinados do Reino do Norte e nem nos reinados do Reino do Sul, seus antecessores celebraram tal Páscoa.

Essa celebração se deu no décimo oitavo ano de reinado do rei Josias, com vinte e seis anos de idade nessa época conforme disposto em II Rs 23.21-23; II Cr 35.18. A celebração da Páscoa seguiu todo o ritual prescrito no livro da lei, com a nomeação dos sacerdotes, cantores, tudo padronizado com os ofícios dos levitas sacerdotes, como previamente, haviam sido instituídos por Davi e Salomão.³⁵⁶

O contexto histórico do período da vassalagem de Judá a uma Assíria decadente contribuiu para Josias intensificar o seu desejo da reforma da fé judaica e da centralização do culto de Javé no templo em Jerusalém, expandindo seu projeto de reforma religiosa além dos termos de Judá até Betel e algumas cidades ao norte de Israel e Síria.

Nesta fase da reforma há o expansionismo territorial onde o sentimento nacionalista do povo da terra, proprietários de terras que fazia parte da elite rural, com uma visão unificadora do Reino do Norte com o do Sul impõem e demarcam geograficamente, pelo menos, por algum tempo, os territórios do norte de Israel sob a província assíria da Samaria “anexando” ao Reino de Judá.

As razões apresentadas no sentido de que há uma vinculação do Deuteronômio com o código da reforma de Josias são convincentes. Por

³⁵⁵ ELLISEN, Stanley A. **Conheça melhor o Antigo Testamento: um guia com esboço e gráficos explicativos dos primeiros 39 livros da Bíblia**. Tradução Emma Anders de Souza Lima. 2. Ed. Rev. e atual. São Paulo: Editora Vida, 2007. P. 133.

³⁵⁶ SCHULTZ, Samuel J. **A história de Israel no Antigo Testamento**. Tradução João Marques Bentes. São Paulo: Vida Nova, 2009. P. 259.

certo, a "reforma" não foi desencadeada pelo Deuteronômio. Trata-se, na realidade, de um empreendimento de grande envergadura, por parte do rei, para se libertar da vassalagem dos assírios depois da ruína do seu império, e para restabelecer a própria soberania e também renovar o reino davídico. Deste empreendimento fazia parte, como medida de natureza cultural, a abolição do culto dos deuses assírios no templo de Jerusalém. Tudo isto fora planejado ou posto em execução, mesmo antes de se conhecer o Deuteronômio. Contudo, este código legal deu ocasião a que se adotassem outras medidas, que apenas ele exige, e que são mencionadas no relato da reforma, como sejam: a destruição de todos os santuários existentes fora do recinto central do templo de Jerusalém; a purificação desse recinto de todos os cultos estrangeiros, e a celebração da páscoa no templo.³⁵⁷

A períclope escolhida do texto de II Rs 23.21-23 é correlata com Dt 16.1-7. O texto de Reis nos informa que o rei Josias deu ordem para que a Páscoa fosse celebrada nos mesmos padrões descrito no livro da lei, seguindo rigorosamente os rituais de culto e adoração. Com pompa ritualística, sacrifícios, e louvores entoados pelos cantores sacerdotes escalados para o ofício da música especialmente para momentos especiais como a Páscoa.

5.6.2 Adições posteriores

Com efeito, os estudiosos que trabalham com a hipótese de duas redações uma pré-exílica e outra pós-exílica do livro de Reis preferem a ideia de que um redator tardio, que possivelmente tenha vivido durante o exílio babilônico tenha atualizado a primeira edição, desenvolvida dentro de uma escola deuteronômica.³⁵⁸

O fato do texto da reforma de Josias ter sido compilada por Reis significa dizer que o editor presenciou o período pré-exílico/exílico ou pós-exílico para documentar a narrativa histórica do período da reforma, culminando com a páscoa, e posteriormente a consequente morte prematura do rei frente ao exército do Faraó Neco do Egito, na região de Meguido. Lowery traz uma observação de que:

O argumento de Holscher é que o Deuteronômio exige a centralização do culto, mas a reforma de Josias não. Este último ponto ele estabelece suprimindo 2 Rs 23:8-9, que vê como um acréscimo pós exílico ao relato da reforma em Reis. Seu argumento de que o Deuteronômio exige a centralização é conectado com o fato de ter datado o livro do período do Segundo Templo. Duvidando da praticidade da centralização do culto, especialmente no período do Primeiro Templo, Holscher considera o

³⁵⁷ SELLIN, Ernest; FOHRER, George. **Introdução ao Antigo Testamento**. Tradução D. Mateus Rocha. São Paulo: Ed. Academia Cristã Ltda, 2007. P. 233, 234.

³⁵⁸ DILLARD, Raymond B.; LONGMAN III, Tremper. **Introdução ao Antigo Testamento**. Tradução Sueli da Silva Saraiva. São Paulo: Vida Nova, 2006. P. 146, 148.

Deuteronômio como um documento utópico, originado nos círculos sacerdotais pós-exílicos.³⁵⁹

Mediante as pesquisas realizadas para este trabalho há dificuldades em concordar de que o Deuteronômio tenha sido originado no pós-exílio. As adições posteriores são perfeitamente compreensíveis, mas não o texto em si. Entende-se que o seu conteúdo é um “marketing” propagandístico para a reforma de Josias, portanto, não é possível conformar com essa ideia. O texto do deuteronômio é pré-exílico.

As ações de Josias compiladas na perícope e os seus atos reformistas, bem como seu fim trágico, foram registrados no livro da história dos reis de Israel e de Judá e no livro das Crônicas dos Reis de Judá.³⁶⁰ Os oráculos dos profetas Jeremias, Naum, Sofonias e Habacuque foram em parte produzidos no período do reinado do rei Josias³⁶¹ e contribuíram para a gestão reformista religiosa e cultural de Judá promovida pelo jovem rei. Para Sellin e Fohrer:

Os livros deuteronômistas dos Reis só foram redigidos depois de 622 a.c. A primeira data de que se dispõe é o ano de 561 (2Rs 25.27), e deveria, por conseguinte, representar o limite superior da época de sua origem. No entanto, frequentemente se pode comprovar a presença de duas mãos deuteronômistas, de modo que se deve admitir dois redatores, ou um redator e um complementador. O "redator" escreveu a parte principal dos livros, logo depois de 622, e é o autor propriamente dito de toda a obra. Visto como ele não conhece o exílio babilônico nem a morte de Josias no campo de batalha (2Rs 22.20), conclui-se que terminou seu trabalho antes de 609. O "complementador" continuou a obra e concluiu-a durante o exílio. É a ele que se devem as referências ao exílio, além de outras complementações e da conclusão dos livros, a partir de 2Rs 23.25b. Ele termina com o indulto concedido a Joaquim, mas nada sabe sobre o fim do exílio (538 a.C).³⁶²

Com efeito, os textos acrescentados e que remetem o juízo do exílio aos pecados dos reis e da nação foram compilados pelo redator, ou, como dizem Sellin e Fohrer, um complementador. Textos como a morte do rei Josias, a destruição de Jerusalém pelo exército babilônico e a libertação de Joaquim da prisão, bem como, os anos em que os judeus permaneceram no cativeiro, 70 anos.

³⁵⁹ LOWERY, Ricardo H. **Os reis reformadores: culto e sociedade no Judá do Primeiro Templo**. Tradução Ricardo Gouveia. São Paulo: Paulinas, 2004. P. 290.

³⁶⁰ BÍBLIA SAGRADA. **Antigo e Novo Testamento**. Almeida revista e corrigida. 4ª. Edição. Barueri/SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2014. II Cr 35.27 e II Rs 23.28.

³⁶¹ LASOR, William Sanford; HUBBARD, David A; BUSH, Frederic W. **Introdução ao Antigo Testamento**. Tradução Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 2002. P. 339.

³⁶² SELLIN, Ernest; FÖHRER, George. **Introdução ao Antigo Testamento**. Tradução D. Mateus Rocha. São Paulo: Ed. Academia Cristã Ltda, 2007. P. 324.

5.6.3 Análise das formas e Estrutura da narrativa histórica

Para um melhor entendimento da estrutura narrativa histórica da perícopes em estudo entendemos que o texto de II Rs 23.21-23 que trata da celebração da Páscoa compreende a narrativa histórica da ascensão do rei Josias ao trono de Judá até a sua morte em Meguido por Faraó Neco rei do Egito conforme pode ser observado em II Reis 22.1 a 23.30 e II Cr 34.1 a 35.27.³⁶³ De acordo com Sellin e Fohrer:

Podemos deduzir a existência de um outro tipo de relato histórico pelas referências dos redatores dos livros dos Reis a certas coletâneas mais amplas de materiais, como sejam o *Livro dos Atos de Salomão* (1Rs 11.41) e o *Livro dos Anais dos Reis de Israel ou de Judá* (14.19,29). Estes três livros continham certamente extratos dos anais da corte real, mas deviam estar ao alcance de todos, pois só assim teriam sentido as referências feitas a eles.³⁶⁴

As datas referidas durante a reforma de Josias podem ser confiáveis se levar em consideração de que após o reino dividido e a vassalagem de Judá ao Império Assírio é possível datar com melhor precisão o período histórico. O cronista redator de Crônicas é mais incisivo nas datas do que o redator de Reis, no entanto, deve se atentar para o fato da cronologia relativa e absoluta, ou mesmo como a antedata tradição egípcia e pós-data como figura a tradição mesopotâmica.³⁶⁵ Com efeito.

Para mostrar que o Exílio era produto da desobediência da nação, o escritor de Reis adotou um programa literário preciso. Ele toma as leis que são

³⁶³ BÍBLIA SAGRADA. **Antigo e Novo Testamento**. Almeida revista e corrigida. 4ª. Edição. Barueri/SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2014.

³⁶⁴ SELLIN, Ernest; FOHRER, George. **Introdução ao Antigo Testamento**. Tradução D. Mateus Rocha. São Paulo: Ed. Academia Cristã Ltda, 2007. P. 140.

³⁶⁵ DILLARD, Raymond B.; LONGMAN III, Tremper. **Introdução ao Antigo Testamento**. Tradução Sueli da Silva Saraiva. São Paulo: Vida Nova, 2006. Pp. 150, 151. “Os grandes impérios (na Mesopotâmia e no Egito) que circundavam Israel seguiram práticas diferentes no cálculo da duração de reinados. No Egito, a antedata significava que o primeiro ano de um reinado era contado a partir do mês de ascensão do rei até o ano novo. Nesse sentido, se um faraó subisse ao trono no décimo primeiro mês do ano, o ano um do seu governo consistiria de apenas um mês, e o segundo ano do seu reinado começaria com o ano novo. Teoricamente, ele poderia estar no trono somente há dois meses, mas já estaria no segundo ano de seu reinado. Na Mesopotâmia, a pós-data era a prática. Nesse sistema, o período entre a ascensão do rei e o ano novo era “ano de início da realeza”, mas o ano um do reinado só começava com o ano novo. Assim, se um rei assumisse o trono logo após o ano novo, em tese ele poderia permanecer no trono vinte e três meses e ainda estar no primeiro ano do seu reinado. Parece certo que, em alguns momentos de suas respectivas histórias os reinos de Israel e de Judá divergiram sobre qual prática seguiriam.”

exclusivas de Deuteronômio como as lentes pelas quais avalia a história da nação.³⁶⁶

Desse modo, o editor do livro de Reis inicia com a era áurea de Salomão, passa pelo reino dividido, narra os atos dos monarcas dos dois reinos Norte e Sul, queda de Samaria, queda de Jerusalém e encerra com a narração da liberdade de Joaquim da prisão na Babilônia e sendo bem tratado pelo rei Evil Merodaque.³⁶⁷

5.6.4 Estrutura do Livro

Os livros de I e II Reis, inicialmente formado por apenas um volume, foi incluído na tradução da Septuaginta com os livros de I e II Samuel formando assim o livro dos Reinos. O título do livro se dá pelo fato da narrativa histórica da instituição da monarquia e conseqüentemente os atos políticos, militares, econômicos, sociais e culturais dos reinados dos monarcas de Israel e do Reino dividido.³⁶⁸ As fontes utilizadas para a compilação do livro de Reis vêm dos “*três livros da História de Salomão (1Rs 11.41), da História dos Reis de Israel (1Rs 14.19; 2Rs 15.31) e da História dos Reis de Judá (1Rs 14.29; 2Rs 24.5)*”.³⁶⁹

O primeiro dos livros de Reis inicia narrando a velhice e morte de Davi. Dedicar 11 capítulos a glória do reinado de Salomão e sua decadência espiritual I Rs 1.1 – 11.43; narra a divisão do reino e encerra com a dramática destruição de Acabe pelos sírios I Rs 12.1 – 22.54; o segundo dos livros de Reis inicia com um relato histórico da revolta de Moabe após a morte de Acabe e a ascensão de seu filho Acazias ao trono II Rs 1.1 e encerra com a destruição de Jerusalém e a retomada da vida social de Joaquim após ser liberto da prisão no cativeiro babilônico II Rs 25.30.³⁷⁰ Nesse ínterim das narrativas de Reis, está contextualizada a perícopes de estudo analisada neste trabalho. A celebração da Páscoa de Josias.

³⁶⁶ DILLARD, LONGMAN III, 2006, p. 155.

³⁶⁷ SCHULTZ, Samuel J. **A história de Israel no Antigo Testamento**. Tradução João Marques Bentes. São Paulo: Vida Nova, 2009. P. 275.

³⁶⁸ SELLIN, Ernest; FOHRER, George. **Introdução ao Antigo Testamento**. Tradução D. Mateus Rocha. São Paulo: Ed. Academia Cristã Ltda, 2007. P. 312.

³⁶⁹ SELLIN, FOHRER, 2007, p. 317.

³⁷⁰ ELLISEN, Stanley A. **Conheça melhor o Antigo Testamento: um guia com esboço e gráficos explicativos dos primeiros 39 livros da Bíblia**. Tradução Emma Anders de Souza Lima. 2. Ed. Rev. e atual. São Paulo: Editora Vida, 2007. P. 124 – 126. Ressalta-se que a narrativa da composição do livro de Reis segue a estrutura pesquisada na BÍBLIA SAGRADA. **Antigo e Novo Testamento**. Almeida revista e corrigida. 4ª. Edição. Barueri/SP: SBB, 2014.

E o rei deu ordem a todo o povo, dizendo: Celebrai a Páscoa ao Senhor, vosso Deus, como está escrito no livro do concerto. Porque nunca se celebrou tal páscoa como está desde os dias dos juizes que julgaram a Israel, nem em todos os dias dos reis de Israel, nem tampouco dos reis de Judá. Porém, no ano décimo oitavo do rei Josias, esta páscoa se celebrou ao Senhor, em Jerusalém.³⁷¹

A perícopos possui três versículos se referindo à ordem de celebrar a Páscoa no décimo oitavo ano do reinado de Josias e sua “epopeia”. Não há maiores informações referente à celebração. Quem vai nos dar maiores detalhes sobre a Páscoa celebrada por Josias é o cronista.

No capítulo 35 do segundo livro de Crônicas, é pormenorizado o detalhamento e a padronização do rito de acordo com o que se achava escrito no Livro da Lei. Imolar o cordeiro no décimo quarto dia do primeiro mês numa referência à mesma data em que se celebrou a Páscoa no Egito às vésperas do êxodo do povo hebreu. A instituição dos sacerdotes para officiar o ministério em seus devidos cargos no templo. O ensino da lei prescrito no livro “achado” a toda a congregação. O assento da arca sagrada em seu devido lugar no Santo dos Santos.

A divisão e subdivisão dos trabalhos dos levitas e sacerdotes cada qual em seu posto. Foram imolados milhares de cordeiros e bois para o sacrifício pascal. O diferencial para a Páscoa do êxodo é que, enquanto lá no Egito foi celebrada em uma noite às pressas, em núcleo familiar na residência, a Páscoa de Josias foi celebrada no pátio do templo e nas ruas de Jerusalém, publicamente, durante sete dias. Houve fartura, adoração, “espiritualidade” e renovação do pacto do povo para com o Deus Eterno, Criador.³⁷²

5.6.5 Gêneros literários

O redator de Reis dá-nos uma visão panorâmica de que a reforma religiosa de Josias se deu de uma única vez com o pacto de fidelidade do rei com Javé. Destruuiu queimou e profanou os lugares de adoração pagãos, o reparo das rachaduras do templo, o achado do livro da lei, um pacto mais amplo e abrangente abarcando nações fora do território de Judá³⁷³ e a suntuosa e mais bem elaborada

³⁷¹ BÍBLIA SAGRADA. **Antigo e Novo Testamento**. Almeida revista e corrigida. 4ª. Edição. Barueri/SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2014. II Rs 23.21-23.

³⁷² BÍBLIA DO PREGADOR, 2014, II Cr 35.1-19.

³⁷³ GOTWALD, Norman K. **Introdução socioliterária à Bíblia Hebraica**. Tradução Anacleto Alvarez; revisão H. Dalbosco. São Paulo: Paulus, 1998. P. 350.

Páscoa já celebrada por um monarca desde a instituição da monarquia até aquele dia.

Por outro lado, o livro de Crônicas dá-nos a impressão de que a reforma se deu por partes, pelo menos três momentos.³⁷⁴ Lowery lança mão da tese de Weinfeld para dizer que:

A forma do Deuteronômio tem origem literária, e não litúrgica. Assim, os mais prováveis profissionais da teologia deuteronômica são os membros da classe culta de Jerusalém, os escribas e mestres da corte real. [...] Weinfeld localiza corretamente o pensamento deuteronômico, pelo menos em sua forma definitiva, no sul, perto da sede do poder real. [...] Weinfeld está correto ao dizer que a literatura deuteronômica adotou alguns padrões vocabulares e literários de tratados comuns de vassalagem do Oriente Próximo.³⁷⁵

A Narrativa histórica da perícopes de II Rs 23.21-23 é parte da história deuteronomista onde narra a Páscoa de Josias, parte intrínseca no ápice do seu desejo de uma identidade de governo nacional unificado. O reino de Judá livre da opressão do Império Assírio propiciou mediante o discurso literário da pregação do Livro da Lei o fervor espiritual.

A apelação a se voltar unicamente a Javé o único Deus de Judá é um discurso apologético a não adoração a outros deuses, sejam eles, assírios ou “nativos” cananeus, remetia à esperança do espírito identitário e cultural do sentimento nacionalista de Josias. Mais do que isso, visava, a independência cultural.³⁷⁶

O texto específico da perícopes II Rs 23.21-23 é narrativa histórica, mas se levar em consideração o livro de Reis, parte intrínseca da história deuteronomista, há outros gêneros literários, diversos em suas mensagens em cada contexto situado. Profecias, poesias, narrativas históricas, anais reais, crônicas reais, cartas, orações, hinos e cânticos de ação de graças, lamentações fúnebres, regulamentos sacerdotais, ditos proféticos, orações, discursos formais, entre outros.³⁷⁷

A narrativa da perícopes trata-se de fontes extraídas dos anais e crônicas arquivados na “biblioteca” do palácio dos reis de Judá, não excluindo a possibilidade

³⁷⁴ BÍBLIA SAGRADA. **Antigo e Novo Testamento**. Almeida revista e corrigida. 4ª. Edição. Barueri/SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2014. II Rs 22.1 – 23.28; II Cr 34.1 – 35.19.

³⁷⁵ LOWERY, Ricardo H. **Os reis reformadores: culto e sociedade no Judá do Primeiro Templo**. Tradução Ricardo Gouveia. São Paulo: Paulinas, 2004. Pp. 295, 296.

³⁷⁶ LOWERY, 2004, p. 318.

³⁷⁷ GOTWALD, Norman K. **Introdução socioliterária à Bíblia Hebraica**. Tradução Anacleto Alvarez; revisão H. Dalbosco. São Paulo: Paulus, 1998. Pp. 107 – 109.

de que anais exclusivos do templo também tenham sido utilizados como fonte.³⁷⁸ É perfeitamente possível que muito do que se narrou, produziu, editou e publicou desse texto pesquisado tenha advindo de memórias de líderes de clãs, de levitas, sacerdotes, profetas e anciãos da corte, especialmente, escribas do período dos reinados de Ezequias e de Josias.

Portanto, a Páscoa é a celebração da liberdade do povo hebreu pela saída do Egito, uma reminiscência viva que deveria ser comemorada uma vez por ano para adorar a Javé em agradecimento pela salvação do regime de servidão egípcia e a posse numa nova terra.

Ao celebrar a Páscoa de Josias esse significado pascal relembra aos judeus que tal qual no êxodo, agora, eles se libertam de uma vassalagem assíria e tornam-se novamente livres, independentes nacionalmente e não se sujeita mais ao pesado jugo estrangeiro. Estão salvos da imposição imperial e como no passado retomam a posse da sua terra adorando e prestando culto unicamente a Javé. A Páscoa nesse sentido é o rito de passagem da escravidão para a liberdade política, religiosa e econômica apontando para um futuro glorioso do povo judeu.

5.7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa que se fez para a produção deste capítulo mediante leituras de autores que discorrem sobre a temática da Páscoa do rei Josias compreendeu-se que essa festa se tornou um evento de Estado, foi institucionalizada para celebração com a “subida” de peregrinos que passaram a visitar pelo menos uma vez por ano, na época da Páscoa a cidade e o templo de Jerusalém.

A Páscoa de Josias é importante para entender que somente a partir de seu reinado que se deu a institucionalização dessa celebração. Antes dele, era uma festa familiar com seus membros enclausurados em suas residências compungidos por uma lembrança da mortandade dos primogênitos no Egito e comemoração da libertação dos hebreus.

Ezequias por mais que tentou uma celebração pública teve vários percalços que o impediu de realizá-la no tempo certo. Mas de forma institucionalizada, somente com o rei Josias. A partir de então foi celebrada dessa forma como uma

³⁷⁸ SELLIN, Ernest; FOHRER, George. **Introdução ao Antigo Testamento**. Tradução D. Mateus Rocha. São Paulo: Ed. Academia Cristã Ltda, 2007. P. 139.

cerimônia pública durante a vigência do segundo templo. Desdobrou-se para os cristãos no sacramento da eucaristia, ou como se convencionou, na ceia do Senhor. Contribuiu para celebrar a “unificação” dos ideais de liberdade do Reino Sul e do Norte mediante a centralização do culto no templo em Jerusalém.

Portanto, sua contribuição para os dias atuais é no sentido de compreender a amplitude do significado social que a Páscoa tem para todos aqueles que veem na Torá o Deus único e para aqueles que professam o Judaísmo ou o Cristianismo o Simbolismo religioso e não meramente econômico e legalista.

6 CONCLUSÃO

Não se tem muitas provas arqueológicas para comprovação das reformas executadas pelo rei Josias. Entretanto, não se duvida de sua existência. Não foi pretensão esgotar nesta pesquisa todas as informações sobre a reforma de Josias. Muito ainda tem que ser discutido, debatido para uma melhor compreensão do assunto.

Possivelmente, as pesquisas arqueológicas revelem nos próximos anos descobertas que venham ajudar a contribuir para essa temática. Descoberto por pesquisadores e arqueólogos um selo de 2.600 anos do período pré-exílico do primeiro templo é mais uma evidência conforme mencionado por Finkelstein e Siberman ³⁷⁹ para uma discussão da comprovação da existência de Josias e de sua reforma.

Um selo de um alto funcionário da corte josiânica foi encontrado nas escavações arqueológicas do Estacionamento Givati (Givati Parking Lot), no Parque Nacional da Cidade de David, em Jerusalém em 2019 por arqueólogos da Autoridade de Antiguidades de Israel e da Universidade de Tel Aviv.

De acordo com o Prof. Yuval Gadot da Universidade de Tel Aviv e o Dr. Yiftah Shalev do IAA, responsáveis pela escavação, os extraordinários artefatos foram encontrados dentro de um grande edifício público que foi destruído no Séc. VI a.C. – provavelmente durante a destruição de Jerusalém pela Babilônia, em 586 A.C. O selo e a bulla, com cerca de um centímetro de tamanho cada, foram decifrados pela Dra. Anat Mendel-Geberovich, da Universidade Hebraica de Jerusalém e Centro para o Estudo da Jerusalém Antiga. Com base no roteiro, ela os datou para meado do Séc. VII e o início do Séc. VI aC. A impressão do selo, datada do período do Primeiro Templo, apresenta as palavras: “[pertencente a] Natã-Melech, Servo do Rei” (LeNathan-Melech Eved HaMelech). O nome Natã-Melech aparece uma vez na Bíblia, em 2RS 23,11, onde ele é descrito como um oficial na corte do rei Josias, que participou da Reforma Religiosa que o rei estava implementando. ³⁸⁰

O texto bíblico de II Rs 23.11 é uma confirmação de que a reforma religiosa de Josias é uma realidade incontestável, mesmo com o triunfalismo do nome e das realizações do rei, sua contextualidade histórica não pode ser rechaçada.

³⁷⁹ FINKELSTEIN, Israel. SILBERMAN, Neil Asher. **A Bíblia não tinha razão**. Traduzido por Tuca Magalhães. São Paulo: A Girafa Editora, 2003. p.387.

³⁸⁰ **The Jewish Press, 24 Adar II 5779 – 31 de março de 2019. Arqueologia: descoberto selo que prova a existência do Rei Josias. Selo trazendo o nome oficial da Corte do Rei Josias, descoberto na cidade de David.** <https://abiblica.org.br/novo/descoberto-selo-que-prova-a-existencia-do-rei-josias/> Consulta realizada no dia 14 de abril de 2022 as 15h42m de Brasília/DF.

Doron Spielman, vice-presidente da Fundação Cidade de David, que trabalha no Parque Nacional da Cidade de David, acrescentou: ‘Esta é uma descoberta extremamente interessante para bilhões de pessoas em todo o mundo: o selo pessoal de Natã-Melech, um oficial sênior do governo de Josias, rei de Judá, conforme descrito no segundo livro de Reis. As escavações arqueológicas em andamento na cidade de Davi provam que a antiga Jerusalém não é apenas uma questão de fé, mas, também, uma questão de fato. É realmente fascinante ver como os arqueólogos descobriram mais de doze camadas da história de Jerusalém no que costumava ser um estacionamento até poucos anos atrás’.³⁸¹

Apesar de não existirem muitas provas da reforma de Josias que confirmem claramente as ações de uma reorganização política e cultural, em seu reinado, há, no entanto, “indícios que apontam para mudanças culturais e políticas em Judá pelo final do século VII a.C..”³⁸²

A pesquisa responde a alguns questionamentos: no primeiro capítulo, o livro achado no templo foi parte do deuteronomio escrito antes do período das reformas; o povo da terra conceitualmente são os proprietários de terras aliados dos nobres e escribas da corte, de comerciantes ricos e dos sacerdotes do templo.

Os motivos que levaram o povo da terra a tomar as decisões que culminaram na reforma de Josias foram os benefícios econômicos advindos com liberdade nacional sob a Assíria e a centralização da adoração no templo em Jerusalém.

O povo da terra, do hebraico ‘am há’ arets, comprovadamente proprietários de terras, detinham o poder político e tinham influência sobre as decisões jurídicas na corte. O sentimento nacionalista foi fundamental para concretização do movimento reformista baseado em parte no desenvolvimento sócio econômico no período pré-reforma. Ficou comprovado que os deuteronomistas escreveram e editaram parte de textos que incentivavam, fundamentavam e autorizavam a

³⁸¹ IDEM. Ibidem. “Também tirou os cavalos que os reis de Judá tinham destinado ao sol, à entrada da casa do SENHOR, perto da câmara de Natã-Meleque, o eunuco, que estava no recinto; e os carros do sol queimou a fogo” conforme II Rs 23,11 (ARC). De acordo com Mendel-Geberovich, “Embora não seja possível determinar com certeza absoluta que o Natã-Melech mencionado na Bíblia era de fato o dono do selo, é impossível ignorar alguns dos detalhes que os ligam. Vide **The Jewish Press, 24 Adar II 5779 – 31 de março de 2019. Arqueologia: descoberto selo que prova a existência do Rei Josias. Selo trazendo o nome oficial da Corte do Rei Josias, descoberto na cidade de David.** <https://abiblica.org.br/novo/descoberto-selo-que-prova-a-existencia-do-rei-josias/> Consulta realizada no dia 14 de abril de 2022 às 15h42m de Brasília/DF.

³⁸² ROMER, Thomas. **A chamada História Deuteronomista: introdução sociológica, histórica e literária.** Tradução de Gentil Avelino Titton. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 59.

reforma. Mesmo não havendo a expressão reforma no texto bíblico, os teólogos da modernidade ao discutir sobre as realizações josiânicas definiram-na como reforma.

No segundo capítulo comprovou-se que os profetas Naum, Sofonias, Hulda, Jeremias e Habacuque influenciaram o jovem rei com suas mensagens. Os influenciadores religiosos contribuíram para que o ritual religioso com a limpeza dos elementos estranhos no templo e a destruição dos altares dos lugares altos obtivesse apoio do movimento de sentimento nacionalista.

Os sacerdotes urbanos oficiantes do culto em Jerusalém foram os maiores beneficiados pela centralização da adoração no templo, em detrimento dos sacerdotes rurais destituídos de seus cargos e ofícios. Os escribas responsáveis pela literatura do reino, anais do templo e crônicas reais influenciaram o rei com seus escritos, com a “educação” de seu tempo. Os líderes religiosos e políticos da modernidade devem aprender com as lições da reforma de Josias e não repetir os erros que se cometeram durante a reforma em nome de Deus Javé.

No terceiro capítulo ficou evidente a comprovação de que a reforma de Josias teve pelo menos três fases com efeitos positivos e negativos. A efervescente discussão de liberdade política foi responsável pelo nacionalismo e o movimento de unificação de territórios do Reino Norte ao Sul, mesmo que temporariamente.

Os aliados detentores de terras, com os homens da corte, escribas, sacerdotes e comerciantes urbanos tiveram vantagens com a centralização do culto em Jerusalém. Por outro lado, os grupos marginalizados, como velhos, doentes, mulheres grávidas, deficientes, órfãos, viúvas e estrangeiros, pobres desprovidos de condições para deslocamento da zona rural para irem a Jerusalém adorar no templo sofreram as consequências sociais, com a centralização do culto.

Esses grupos sócio culturais de caráter religioso, político e econômico que participaram da maior reformulação de culto da fé hebraica do Antigo Testamento cada uma a seu modo teve o seu papel na história da reforma. A pesquisa demonstrou forte influência que estes grupos exerceram. Essa contribuição desses personagens é uma demonstração de que as instituições necessitam de homens e mulheres que trabalham conjuntamente, para realizar e executar obras que impactam a sociedade.

No quarto capítulo após uma análise do segundo livro de Reis com críticas, textual, da redação, histórica e literária comprovou-se a institucionalização da Páscoa de Josias como um elemento ratificador da reforma. O coroamento da

reforma pomposamente com um ritual pascal celebrada publicamente pelo Estado Judaíta com sentimento de consternação, religiosa e política.

Portanto, a pesquisa contribui para aprofundamento da discussão sobre o tema da reforma de Josias e desperta interesse em compreender como os líderes do século XXI podem aprender com as reformas do rei Josias do século VII a.C.. Apreende-se que a história de Judá teria tomado outro patamar se Josias não tivesse tido uma morte precoce.

A história poderia ter sido bem diferente. Josias tinha um plano de ser o protagonista do corredor siro-palestinense. Ao tentar impedir Faraó Neco II de querer socorrer os assírios “fracassados” de um combate contra os babilônicos acabou morto, possivelmente, sem grande batalha. Seu projeto nacionalista e cultural de unificar o reino samaritano da Assíria Antigo Israel do Norte ao seu reino de Judá morreu com ele nas colinas do Vale do Megido.

REFERÊNCIAS

- ALBERTZ, Rainer. **Historia de la religión de Israel em tiempos del Antigo Testamento**. Volumen I – De los comienzos hasta el final de la monarquía. Tradução Dionisio Mínguez. Madrid: Editorial Trotta, 1999.
- BEEK, M. A. **História de Israel**. Tradução Jorge E. M. Fortes. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.
- BÍBLIA HEBRAICA STUTGARTENSIA. **Toráh, Nevihim e Ketuvim**. Barueri/SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1997.
- BÍBLIA SAGRADA. **Antigo e Novo Testamento**. Almeida revista e corrigida. 4ª. Edição. Barueri/SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2014.
- BONORA, Antonio. **Naum, Sofonias, Habacuc, Lamentações: sofrimento, protesto e esperança**. Tradução Lucy R. M. César; revisão H. Dalbosco. São Paulo: Edições Paulinas, 1993. (Coleção pequeno comentário bíblico – AT).
- BOYER, Orlando. **Pequena Enciclopédia Bíblica**. Pindamonhangaba-SP: Instituto Bíblico das Assembleias de Deus, 1966.
- BRIGHT, John. **História de Israel**. Edição revista e ampliada a partir da 4ª. Edição original. 7ª. Ed. São Paulo: Paulus, 2004.
- BUCKLAND, A. R.; WILLIAMS, Lukyn. **Dicionário Bíblico Universal**. Tradução Joaquim dos Santos Figueiredo. São Paulo: Editora Vida, 1981.
- BUSTILLOS, Bernardeth Carmen Caero. La Profetisa Juldá y la Palabra de YHWH (2Rs 22,11-20). **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, v. 53, n. 3, p. 609, set/dez. 2021.
- CRUQUI, José Carlos. O sonho de Josias: entre a resistência e a violência em nome de Deus. **Revista Unitas**, v. 6, n. 2, 2008.
- DILLARD, Raymond B.; LONGMAN III, Tremper. **Introdução ao Antigo Testamento**. Tradução Sueli da Silva Saraiva. São Paulo: Vida Nova, 2006.
- DONNER, Herbert. **História de Israel e dos povos vizinhos**. Tradução de Claudio Molz e Hans Trein. – 7. Ed. São Leopoldo: Sinodal, 2017.
- EBAN, Abba. **A História do Povo de Israel**. Tradção de Alexandre Lissovsky. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1982.
- ELLISEN, Stanley A. **Conheça melhor o Antigo Testamento: um guia com esboço e gráficos explicativos dos primeiros 39 livros da Bíblia**. Tradução Emma Anders de Souza Lima. 2. Ed. Ver. e atual. São Paulo: Editora Vida, 2007.
- FARIA, Jacir de Freitas. [org.] **História de Israel e as pesquisas mais recentes**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- FINKELSTEIN, Israel. SILBERMAN, Neil Asher. **A Bíblia desenterrada: a nova Visão arqueológica do antigo Israel e das origens nos seus textos sagrados**. Tradução de Nélio Schneider. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.
- FINKELSTEIN, Israel. SILBERMAN, Neil Asher. **A Bíblia não tinha razão**. Traduzido por Tuca Magalhães. São Paulo: A Girafa Editora, 2003.

FOHRER, Georg. **A História da Religião de Israel**. São Paulo: Edições Paulinas, 1983.

GORMAN, Michael J. **Introdução à exegese bíblica**. Traduzido por Wilson Ferraz de Almeida, 1ª. Ed. – Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.

GOTTWALD, Norman K. **Introdução Societária à Bíblia Hebraica**. Tradução Anacleto Alvarez; revisão H. Dalbosco. São Paulo: Paulus, 1998.

GUNNEWEG, Antonius H. L. **Teologia bíblica do Antigo Testamento: uma história da religião de Israel na perspectiva bíblico-teológica**. Tradução Werner Fuchs. Revisão Haroldo Reimer. São Paulo: Editora Teológica: Edições Loyola, 2005. (série biblioteca de estudos do Antigo Testamento).

HARRISON, R. K. **Tempos do Antigo Testamento. Um contexto social, político e cultural**. Tradução Degmar Ribas. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.

JOSEFO, Flávio. **História dos hebreus**. Tradução de Vicente Pedroso. Rio de Janeiro: CPAD, 1990. V.3.

KAEFER, José Ademar. A Bíblia, a arqueologia e a história e a história de Israel e Judá. In.: **Religião e linguagem: abordagens teóricas interdisciplinares**. Paulo Augusto de Souza Nogueira (org.). - São Paulo: Paulus, 2015.

KAEFER, José Ademar. **A Bíblia, a arqueologia e a história e a história de Israel e Judá**. São Paulo: Paulus, 2015.

KAEFER, José Ademar; DIETRICH, Luiz José. A consolidação dos reinos de Israel Norte e Judá. In.: KAEFER, José Ademar; FRIZZO, Antônio Carlos; MARQUES, Maria Antônia. **Uma história de Israel: leitura crítica da Bíblia e arqueologia**. [Orgs.] Shigeyuri Nakanose; Luiz José Dietrich. São Paulo: Paulus, 2022. Nova Coleção Bíblica.

KLEIN, William W.; HUBBARD JR, Robert L.; BLOMBERG, Craig L. **Introdução à interpretação bíblica**. Tradução Maurício Bezerra Santos Silva. – 1. Ed. – Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.

KONINGS, Johan. A Historiografia de Israel nos “Livros Históricos”. **Estudos Bíblicos**. In.: Israel e sua História. São Paulo, v. 19, n. 71, p. 8 – 31, 2022. Disponível em: <https://revista.abib.org.br/EB/article/view/860>. Acesso em: 24 jan. 2023.

LASOR, William Sanford; HUBBARD, David A; BUSH, Frederic W. **Introdução ao Antigo Testamento**. Tradução Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 2002.

LIVERANI, Mario. **Para além da Bíblia. História antiga de Israel**. Tradução Orlando Soares Moreira. 2ª. Ed. São Paulo: Paulus; Edições Loyola, 2014.

LORASCHI, Celso. O Profeta Sofonias e a Reforma de Josias. In.: **Monoteísmos Intolerância, discriminação e violências em nome de Deus**. Estudos Bíblicos. vol. 29, n. 116, out/dez 2012, Petrópolis: Editora Vozes.

LOWERY, Ricardo H. **Os reis reformadores: culto e sociedade no Judá do Primeiro Templo**. Tradução Ricardo Gouveia. São Paulo: Paulinas, 2004.

MACCHI, Jean – Daniel. Sofonias. In.: **Antigo Testamento: história, escritura e teologia**. [orgs.] ROMER, Thomas; MACCHI, Jean-Daniel; NIHAN, Christophe. Tradução Gilmar Saint Clair Ribeiro. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

- MCCONVILLE, J.G. Rei e Messias no Deuteronômio e na história deuteronomista. In.: **Rei e Messias em Israel e no Antigo Oriente Próximo: dissertações do Seminário Veterotestamentário de Oxford**. John Day (org.); tradução Barbara Theoto Lambert. São Paulo: Paulinas, 2005. (coleção Bíblia e história. Série Maior).
- METZGER, Martin. **História de Israel**. Tradução Nelson Kirst e Silvio Schneider. 5ª. Edição. São Leopoldo/RS: Editora Sinodal, 1989.
- NAKANOSE, Shigeyuki. **Uma história para contar: a Páscoa de Josias: metodologia do Antigo Testamento a partir de 2Rs 22, 1 – 23,30**. Tradução Fátima Regina Durães Marques. São Paulo: Paulinas, 2000. (coleção Partilhando a Bíblia)
- NOTH, Martin. **História de Israel**. Tradução revisada por el prof. Dr. A. G. Larraya. Barcelona: Ediciones Garriga, S.A., 1966.
- PINTO, Leonardo Pessoa da Silva. O Shemá e a devoção a uma só divindade. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 17, n. 52, p. 20-42, jan./abr. 2019.
- PIXLEY, Jorge. **A História de Israel a partir dos pobres**. Tradução Ramiro Mincato. 3ª. Edição. Petrópolis: Vozes, 1991.
- PLAMPIN, Richard T. **Jeremias: Seu Ministério, Sua Mensagem; Um Comentário Cronológico**. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1987.
- PROVAN, Iain. LONG, V. Philips. LONGMAN III, Tremper. **Uma história bíblica de Israel**. Tradução de Marcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 2016.
- REIMER, Haroldo. **O Antigo Israel: história, textos e representações**. São Paulo: Fonte Editorial, 2017.
- RENDTORFF, Rolf. **A formação do Antigo Testamento**. Tradução de Bertholdo Weber. 10ª. Ed. ver. – São Leopoldo: Sinodal, 2016.
- ROMER, Thomas. **A chamada História Deuteronomista: introdução sociológica, histórica e literária**. Tradução de Gentil Avelino Titton. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- ROMER, Thomas. A história deuteronomista (Deuteronômio – 2 Reis). In.: **Antigo Testamento: história, escritura e teologia**. Tradução Gilmar Saint Clair Ribeiro. [Orgs.] ROMER, Thomas; MACCHI, Jean-Daniel; NIHAN, Christophe. São Paulo: Edições Loyola, 2010.
- ROMER, Thomas. **A Origem de Javé: O Deus de Israel e seu nome**. São Paulo: Paulus, 2016.
- ROSE, Martin. Deuteronômio. In.: **Antigo Testamento: história, escritura e teologia**. ROMER, Thomas; MACCHI, Jean-Daniel; NIHAN, Christophe. [orgs]. Tradução Gilmar Saint Clair Ribeiro. Edições Loyola, São Paulo: 2010.
- SCHMIDT, Werner H. **Introdução ao Antigo Testamento**. Tradução Annemarie Hohn. – São Leopoldo, RS: Sinodal, 1994.
- SCHNEIDER-HARPPRECHT, Cristoph. **Teologia prática no contexto da América Latina**. Cristoph Schneider-Harpprecht (org.). – São Leopoldo: Sinodal: ASTE, 1998.
- SCHOKEL, L. Alonso. **Dicionário bíblico hebraico – português**. Tradução Ivo Storniolo, José Bortolini. São Paulo: Paulus, 1997.
- SCHOKEL, L. Alonso. DIAS, J.L. Sicre. **Profetas II**. São Paulo: Edições Paulinas, 1991.

SCHULTZ, Samuel J. **A história de Israel no Antigo Testamento**. Tradução João Marques Bentes. São Paulo: Vida Nova, 2009.

SCHWANTES, Milton. **Breve história de Israel**. São Leopoldo: Oikos, 2008.

SELLIN, Ernest; FOHRER, Georg. **Introdução ao Antigo Testamento**. Tradução Mateus Rocha. São Paulo: Ed. Academia Cristã Ltda, 2007.

SELMAN, Martin J. **1 e 2 Crônicas. Introdução e Comentário**. São Paulo: Vida Nova, 2006.

SICRE, José Luis. **A Justiça Social nos Profetas**. Tradução Carlos Felício da Silveira. São Paulo: Edições Paulinas, 1990.

SICRE, José Luís. **Profetismo em Israel: o profeta: os profetas: a mensagem**. Tradução João Luís Baraúna. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

SILVA, Airton José da. **História de Israel e as pesquisas mais recentes**. Jacir de Freitas Faria (org.). Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2003.

SILVA, Cássio Murilo Dias da. **Metodologia de exegese bíblica**. São Paulo: Paulinas, 2000. (Coleção Bíblia e História)

SOUZA, Mauro Batista de. A Nova Homilética: ouvintes como ponto de partida na pregação cristã. **Estudos Teológicos**, v. 47, n. 1, p. 5-24, 2007.

TILLESSE, Caetano Minette. A Reforma de Josias. **Revista Bíblica Brasileira – RBB**, Fortaleza: Nova Jerusalém, ano 6, 1989.

TILLY, Michael; ZWICKEL, Wolfgang. **A história religiosa de Israel: desde a pré-história até os primórdios do cristianismo**. Tradutor Milton Camargo Mota. São Paulo: Edições Loyola, 2020.

WILSON, Robert R. **Profecia e Sociedade no Antigo Israel**. Tradução João Rezende Costa. Revisão de tradução Reginaldo Gomes de Araújo. – 2ª. Ed. Ver. – São Paulo: Targumim: Paulus, 2006.

WISEMAN, Donald J. **1 e 2 Reis. Introdução e Comentário**. São Paulo: Vida Nova, 2006.

ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. História Social da Reforma de Josias: breve análise de interpretações contemporâneas. **Teologia Hoje** (Londrina), Londrina, v.2, n.1, 2004.

SITES

<https://abiblica.org.br/novo/descoberto-selo-que-prova-a-existencia-do-rei-josias/>

Arqueologia: descoberto selo que prova a existência do Rei Josias. Selo trazendo o nome oficial da Corte do Rei Josias, descoberto na cidade de David. The Jewish Press, 24 Adar II 5779 – 31 de março de 2019. - Consulta realizada no dia 14 de abril de 2022 as 15h42m de Brasília.